

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARIA AMÉLIA GÜLLNITZ ZAMPRONHA

PSICOLOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO BRASIL:
OS ESTUDOS DE DANTE MOREIRA LEITE SOBRE IDEOLOGIA E
PRECONCEITO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

SÃO PAULO
2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARIA AMÉLIA GÜLLNITZ ZAMPRONHA

PSICOLOGIA SOCIAL E EDUCAÇÃO NO BRASIL:
OS ESTUDOS DE DANTE MOREIRA LEITE SOBRE IDEOLOGIA E
PRECONCEITO

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação do Prof. Dr. Odair Sass.

SÃO PAULO
2017

Errata

ZAMPRONHA, Maria Amélia Güllnitz. Psicologia Social e Educação no Brasil: os estudos de Dante Moreira Leite sobre preconceito e ideologia. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: PUCSP – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

1) **Página 91:** primeiro parágrafo, segunda linha.

Onde se lê: na primeira metade do século XIX

Leia-se: na primeira metade do século XX

Banca Examinadora

À minha mãe, Edith Leal Güllnitz, com amor e gratidão.

Agradecimentos

Ao meu querido orientador, Odair Sass, por atravessar a pinguela a meu lado, segurando minha mão. Agradeço pela paciência e pelas provocações; por insistir, mesmo diante das circunstâncias, para que eu fizesse o melhor possível, e por tudo que me ensinou.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa de estudos, que me permitiu me dedicar à pesquisa.

À Banca Examinadora da qualificação, Professor Mauro Castilho e Professora Domenica Martinez, pela gentileza, correções e sugestões.

Ao Professor Carlos Antônio Giovinazzo Jr., pela atenção e disposição em ajudar.

À Betinha, por toda a ajuda, paciência e incentivo, tão importantes durante esse intenso processo.

À minha família. À minha mãe, que não estará na defesa dessa vez, mas sempre torceu por mim e me incentivou, acreditando que eu poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse. Ao meu pai, por toda a ajuda, incentivo, presença constante, paciência, tudo. À Marcia, por ajudar com o notebook. À Nádia e Nathalia, pelo apoio, ouvido e incentivo, também acreditando que daria tudo certo.

Às vozes da razão, Paula, Naths, Ana Maria e Dr. Volnei, que me acalmaram e ajudaram a manter o foco, fazendo uma coisa de cada vez.

À Fernanda, pela amizade, amor, toda ajuda pessoal, acadêmica e profissional. Não há palavras para agradecer por tudo.

Às queridas amigas que fiz na PUC, Ive, Milena, Pâmela, fundamentais para tornar mais leve esse longo caminho.

À Elisangela Lizardo, que eu admiro muito e também me incentivou e torceu por mim.

Ao Ariel e à Lolita, pelo amor incondicional e companhia.

Ao Centro de Apoio de Pesquisa em História (CAPH) e à Biblioteca Dante Moreira Leite, da USP, onde pude consultar o Acervo e o Memorial do autor.

Não conseguiria sem vocês. Muito obrigada!

Danksagung

Besonders danken möchte ich Prof. Dr. Michael Städtler dafür, dass er meine Bewerbung akzeptiert hat. Vielen Dank für die Aufmerksamkeit und Unterstützung.

Ich danke sehr dem Deutschen Akademischen Austauschdienst (DAAD) für das Stipendium.

Mein Dank gilt auch folgenden Personen: Marcia Klose, Nicole Klose und Marc Simons, die mir im Rahmen der Bewerbung mit der deutschen Korrespondenz geholfen haben.

Danke an Lucas Hussini, der zu mir "Warum nicht Münster?" gesagt hat und es hat geklappt – ich habe ein Stipendium für Münster bekommen!

Vielen Dank auch an Alex Lückener und Carolyn Iselt für alles, was sie für mich getan haben. Sie sind wichtig für mich und ich habe mich willkommen an der Universität und in Deutschland gefühlt.

Vielen Dank an Sarah Lückener für Ihre Freundschaft, Ihre Unterstützung und Ihren Glauben an mich.

Danke an die brasilianischen Freunde Monica, Sara und Cliene, die ich in Münster kennengelernt habe.

EXPLICAÇÃO

*Bem sei, não sou poeta
E é pena
Tanto sinto vibrar as coisas, as tardes angustiadas
Tanta sensibilidade minha percebo
De tanto amor sou capaz.
É pena: me limito a poemas alheios
A chorar por eles, rir por eles
Me definir por eles.
É pena: às vezes me aventuro a poetar
Pra me arrepender, me xingar
Tanta distância entre o que digo e o que sinto
(Distância igual à que vai do que se deseja ao que se tem)
É pena: se fosse poeta, talvez me conformasse
(e precisava tanto me conformar)
E é pena principalmente porque a vida é tão, tão besta
Que só com poesia da boa...
E é pena finalmente porque há poemas tão tristes
Que morrerão afogados no meu peito
sem que eu saiba dizê-los
sem que eu possa dizê-los
sem que ninguém os ouça jamais.*

Dante Moreira Leite, 1948

ZAMPRONHA, Maria Amélia Güllnitz. *Psicologia Social e Educação no Brasil: os estudos de Dante Moreira Leite sobre preconceito e ideologia*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: PUCSP – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade.

RESUMO

Esta tese tem como tema o potencial de crítica social do conhecimento científico produzido pela Psicologia. Analisa parte da obra de Dante Moreira Leite, intelectual que exerceu importante papel na história da Psicologia brasileira por meio de sua atuação na regulamentação da profissão de psicólogo, da divulgação da ciência, da tradução de 49 livros de Psicologia, Sociologia, Metodologia da pesquisa social e Educação e como pesquisador de temas de Psicologia e Educação, dentre os quais destacam-se o preconceito, a ideologia e o caráter nacional brasileiro. É importante retomar a sua obra na medida em que o pesquisador analisa e debate temas sociais, políticos, psicológicos e educacionais não superados, que permanecem em discussão. Suas primeiras pesquisas publicadas, em 1950, referem-se à transmissão de valores morais e de preconceito em livros didáticos infantis. Posteriormente, na tese de doutoramento, de 1954, amplia o estudo do preconceito, realizando um estudo acerca do caráter nacional brasileiro, chegando à conclusão de que esse conceito é empregado como ideologia para justificar diferenças sociais e não significa a tomada de consciência da unidade de um povo, mas, sim um obstáculo à formação de um povo livre. Mais de dez anos depois, em 1969, o autor publica um livro, intitulado *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*, em que relata a continuidade que deu a esse estudo, de forma mais ampla e detalhada. O pesquisador verifica as relações entre caráter nacional, etnocentrismo, nacionalismo, preconceito e ideologia. Chega conclusões semelhantes, com a diferença de que, dessa vez, identifica teorias que considera formas de superação da ideologia do caráter nacional. Esses estudos são relevantes porque, realizados em diferentes momentos da trajetória do intelectual, revelam seu desenvolvimento como pesquisador, conforme avança na compreensão dos temas de seu interesse e porque investigam a sociedade brasileira, a forma como é retratada na literatura nacional e o pensamento que caracterizava o desenvolvimento teórico da primeira metade do século XX. Por isso, foram escolhidas como fonte para análise desta pesquisa. O objetivo é identificar como o pesquisador desenvolveu os conceitos de preconceito e ideologia. A hipótese, que foi validada, é que o conceito de ideologia empregado pelo autor limita sua análise ao âmbito psicológico, sem que a crítica social seja possível. O referencial teórico para a fundamentação da pesquisa e análise é a teoria crítica da sociedade.

Palavras-chave: Dante Moreira Leite, ideologia, preconceito, caráter nacional, teoria crítica.

ZAMPRONHA, Maria Amélia Güllnitz. Social Psychology and Education in Brazil: the studies of Dante Moreira Leite on prejudice and ideology. Thesis (Doctorate in Education). São Paulo: PUCSP – Program of Postgraduate Studies in Education: History, Politics, Society.

ABSTRACT

This thesis aims to analyse the potential for knowledge produced in the field of Psychology to provide social critique. This objective was pursued here from an analysis made to part of Dante Moreira Leite's work. Dante was an intellectual who has played an important role in the history of Brazilian Psychology. His work in the regulation of psychologist profession, dissemination of the science in question, translation of 49 books regarding Psychology, Sociology, Methodology of social research and Education and as a researcher of the fields of Psychology and Education, among which prejudice, ideology and Brazilian national character are of great recognition. It is important to highlight and display his work insofar as the present research analyses and discusses unresolved social, political, psychological and educational issues, mentioned in his writings, and that remain under discussion as of today. Leite's first publishes, in 1950, refer to the conveyance of moral values and prejudice through children's textbooks. Afterwards, in his doctoral dissertation in 1954, he expanded the study of prejudice conducting then a study regarding Brazilian national character. He reaches the conclusion that the concept is used as ideology to justify social differences and does not mean the awareness of a nation's unity, but rather an obstacle to achieve freedom. More than ten years later, in 1969, the author publishes a book, entitled *The Brazilian national character: history of an ideology*, in which he reports the continuity of his research, in a more detailed way and with analysis of a greater number of authors and theories. The researcher examines the relationship between national character, ethnocentrism, nationalism, prejudice and ideology. He arrives at similar conclusions. However, this time, he finds theories which he identifies as forms of overcoming the national character's ideology. The relevance of these studies lays in how, even at different moments during his career, Leite was able to develop as a researcher, as he progresses on the understanding of topics of his interest. Even more because his writes examine Brazilian society as well as the way it is portrayed in national literature and the thinking that characterized the theoretical developments of the first half of the twentieth century. All things considered, these works of Dante Moreira Leite were chosen as the most relevant research source for this study. The main goal is to identify how the researcher developed the concepts of ideology and prejudice. The hypothesis, which has been confirmed, is that his concept of ideology limits his analysis to the psychological field, without the possibility of social critique. This study is grounded on the critical theory of society.

Keywords: Dante Moreira Leite, ideology, prejudice, national character, critical theory.

Sumário

Introdução	12
1. Caracterização do intelectual, trajetória, atuação	21
1.1. Atuação como tradutor	28
1.2. Educação e psicologia da criança	33
1.3. A Psicologia como ciência	42
1.3.1. Desenvolvimento da Psicologia no Brasil – criação dos cursos e regulamentação da profissão	45
2. Os estudos de Dante Moreira Leite sobre ideologia e preconceito.	54
2.1. Objetivo e hipótese	55
2.2. Método	55
2.3. Estudos sobre ideologia e preconceito	57
2.3.1. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros – 1950	59
2.3.2. Preconceito e patriotismo em seis livros didáticos primários Brasileiros – 1950	66
2.3.3 Caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologia e estereótipos – 1954	72
2.3.4. O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia – 1969	85
Considerações finais	99
Referências bibliográficas	103
Apêndice A – Lista de traduções e classificação de temas	110
Anexo I – Dados biográficos de Dante Moreira Leite	114
Anexo II – Bibliografia de Dante Moreira Leite	116
Anexo III – Lista de traduções	121
Anexo IV – Lista com os seis livros didáticos examinados	126

Lista de tabelas

Tabela 1.	Traduções e classificação	30
Tabela 2.	Aparecimento de Patriotismo e outros conceitos morais como temas das lições em seis livros didáticos	63

Lista de siglas

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BVS-ULAPSI	Biblioteca Virtual em Saúde – <i>Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología</i>
CAPH	Centro de Apoio à Pesquisa em História
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRPE/SP	Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CRP	Conselho Regional de Psicologia
FFLC	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara
DAAD	Deutsche Akademische Austauschdienst / Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico
DEPE	Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais
DEPS	Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais
EUA	Estados Unidos da América
FFCL-USP	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo
IP-USP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
PST	Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do IP-USP
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo
WWU	Westfälischen Wilhelms-Universität Münster

Introdução

A presente pesquisa tem origem no interesse em investigar o papel social que a Psicologia¹ pode exercer, na medida em que o conhecimento produzido por essa ciência contribui tanto para o esclarecimento e a transformação da sociedade, quanto para preservar aquela existente. O referencial teórico adotado é a teoria crítica da sociedade, especificamente os conceitos de ideologia e preconceito, conforme definidos pelos autores da primeira geração da escola de Frankfurt².

A sociedade vigente, determinada conforme os interesses do capital, defendidos por meio da exploração e da dominação da força de trabalho, que predominam em detrimento dos interesses individuais, impõe as mais importantes características aos sujeitos a ela submetidos. Nessa forma de organização social, a consciência é, predominantemente, reificada e o indivíduo esclarecido e emancipado constitui um obstáculo à manutenção do *status quo*, na medida em que a este resiste e o questiona constantemente. Características como imediatismo, utilitarismo, falta de reflexão crítica e redução da compreensão dos fatos à realidade vigente são fomentadas. De acordo com Adorno (1968/2001)³, o homem continua sendo o que Marx descreveu no século XIX: apêndice de máquinas. As necessidades determinantes são aquelas do aparato de produção social, às quais o trabalhador deve satisfazer, em detrimento das necessidades individuais. Esse sistema, em que o homem serve ao aparato e não a si próprio, revela o aspecto desumanizador e irracional dessa sociedade.

A lógica do lucro e da produtividade se expande para além das relações de produção e o critério de eficiência determina, também, o

¹ O termo Psicologia, com inicial maiúscula, é usado para designar a ciência; com inicial minúscula, refere-se à área de conhecimento.

² As leituras de textos da teoria crítica puderam ser aprofundadas, no idioma original, durante a estada da pesquisadora na Alemanha, de abril a setembro de 2016, no Departamento de Filosofia da Universidade de Münster (WWU – *Westfälischen Wilhelms-Universität Münster*), sob orientação do Prof. Dr. Michael Städtler. A estada foi realizada com uma bolsa de estudos do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD), em parceria com o CNPq.

³ Adota-se o sistema de citação de obras antigas e reeditadas, indicando o ano da publicação original, seguido do ano da edição consultada, apenas na primeira citação. Nas seguintes, indica-se apenas o ano da edição consultada.

desenvolvimento tecnológico e científico. O conhecimento produzido mais valorizado é aquele que tem aplicação prática e imediata e oferece resultados igualmente rápidos. O pensamento crítico, especulativo, tem sua importância cada vez menos reconhecida. E o ensino, por sua vez, desde o nível básico até o superior, tende a reproduzir e a manter as citadas características, formando sujeitos, prioritariamente, para o mercado de trabalho e não para que adquiram a capacidade de crítica e de vislumbrar alternativas para a forma como a sociedade, atualmente, está organizada.

É pertinente, então, ponderar de que maneira um estudo que visa a reflexão acerca da Psicologia pode avançar a produção de conhecimento, já que, de acordo com o referencial teórico adotado, a pesquisa empírica, com todos os limites de que é cercada, não tem como objetivos primordiais a aplicação imediata ou o retorno na forma de lucro, bem como não visa apenas confirmar a realidade e explicar fenômenos que, provavelmente, serão encontrados. A crítica social não se limita a descrever e examinar processos sociais, pretende, sim, confrontá-los por meio da pesquisa e da proposição de formas de superação (HORKHEIMER e ADORNO, 1956/1973). É fundamental discutir as condições que continuam produzindo os mesmos resultados, o mesmo tipo de pensamento, os mesmos sujeitos, e, por isso, reproduzem e mantêm a ordem social vigente. Porém, além dessa compreensão, é preciso encontrar e propor meios de superação dessas condições. Uma teoria crítica da sociedade tem como objetivo compreender seu objeto de estudo e identificar o que faz com que se organize dessa maneira, “buscando alternativas históricas para aprimorar a condição humana” (MARCUSE, 1964/1967, p. 14).

Portanto, um dos objetivos do desenvolvimento científico, fundamentado em uma perspectiva crítica, é aprimorar as condições de vida humana. Constata-se, entretanto, que as práticas predominantes não correspondem a esse objetivo. No limite, observa-se que o progresso atual já criou condições para que nenhum ser humano no planeta sofra privações, entretanto, essa possibilidade até hoje não se realizou. Somente se realizará quando a sociedade inteira se estabelecer como humanidade, eliminando a dominação de um sujeito sobre o outro (ADORNO, 1969/2005). De acordo

com Marcuse:

essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz, mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência – individual, nacional e internacional (MARCUSE, 1967, p. 14).

As contradições existentes na sociedade estão presentes também no pensamento científico. A contradição em relação à preservação da vida – a irracionalidade – é percebida na ameaça de uma catástrofe atômica, que existe porque a ciência criou essa possibilidade. Ao mesmo tempo, a ciência não é apenas regressiva ou irracional, razão pela qual deve ser constantemente criticada, tendo em vista objetivos como a libertação e o esclarecimento. Como propugna a teoria crítica da sociedade, crítica social é crítica do conhecimento e vice-versa (HORKHEIMER e ADORNO, 1973).

Uma das possibilidades de compreensão da sociedade é proporcionada pela Psicologia, ciência que permite analisar o indivíduo em suas relações sociais, incluindo os mecanismos irracionais, isto é, aqueles que o fazem aderir ao que é contrário a seus interesses e necessidades vitais, como no caso dos sistemas totalitários (ADORNO, 1952/2015; HORKHEIMER e ADORNO, 1973). É preciso esclarecer que não se espera que a Psicologia, isoladamente – nem as demais ciências isoladas – analise e compreenda a totalidade social. Para realizar essa tarefa, é necessário recorrer ao conhecimento produzido e acumulado também pelas demais ciências auxiliares: Sociologia, História, Filosofia e Economia. Ainda assim, a Psicologia desempenha um papel social importante, que vai além da interpretação de fenômenos e da compreensão no âmbito da psique individual. Sustenta-se, aqui, que a Psicologia é uma ciência social, com potencial transformador, na medida em que possa contribuir para a crítica ao sistema social existente.

Não se trata, conforme explica Adorno (2015), da *sociologização* da Psicologia, que acaba por neutralizar as forças sociais, na medida em que faz coincidir, por exemplo, o princípio social da dominação com o princípio psicológico da repressão. É isso que ocorre quando a tentativa de incluir uma

análise social à compreensão do indivíduo é realizada de forma acrítica, tomando instâncias sociais como dadas, perdendo, com isso, a possibilidade de discutir tanto mecanismos individuais quanto sociais e contribuindo para o conformismo social. Ao proceder dessa maneira, a Psicologia reproduz e mantém a ordem social vigente, tornando o conhecimento por ela produzido inócuo à crítica. Em vez de esclarecer, obscurece a interação entre indivíduo e sociedade, cumprindo um papel ideológico e contribuindo para a reprodução da barbárie.

Em face dessas considerações iniciais, formula-se a seguinte questão: a Psicologia pode ser considerada uma ciência negativa, isto é, produz conhecimento que nega as condições sociais vigentes e estimula a reflexão acerca de novas possibilidades de estrutura social?

Uma forma de tentar responder a essa pergunta, é analisar o conhecimento produzido e acumulado pela área, identificando seus aspectos progressivos e transformadores ou regressivos e mantenedores da realidade, tal como está organizada presentemente. Para tanto, pode-se, por exemplo, eleger a obra de um intelectual, que seja relevante nesse campo do conhecimento, para análise. Foi assim que se definiu a fonte de dados para esta pesquisa: a obra de Dante Moreira Leite.

Por que Dante Moreira Leite? Porque ele realizou importantes contribuições para o desenvolvimento da Psicologia no Brasil, tanto em pesquisas e publicações de sua autoria, quanto na tradução para o português de obras importantes de Psicologia, Educação, Ciências Sociais e Metodologia em pesquisa social. Além disso, teve participação ativa na regulamentação da profissão de psicólogo e defendeu a necessidade da criação de um código de ética da profissão. São esses os aspectos que se pretende destacar neste estudo: seu trabalho como pesquisador nas áreas de Psicologia e Educação, especificamente no estudo de temas nacionais; seu trabalho como divulgador da ciência e sua participação na regulamentação da profissão e do curso de Psicologia. Por conta dessas características de produtor e divulgador de conhecimento e desempenhar

participação política institucional, o pesquisador⁴ é, aqui, considerado um intelectual. Existe uma vasta literatura, de diferentes autores e referenciais teóricos, que trata desse conceito, mas, para o que interessa a esta pesquisa, é suficiente considerá-lo um intelectual, tomando a definição de dois autores como referência: Paul Baran e Walter Benjamin.

De acordo com Paul Baran (1961), um intelectual tem seu pensamento e seu trabalho significativamente influenciados pela preocupação com o processo histórico, por isso, procura, sistematicamente, relacionar sua área de interesse com outros aspectos da existência humana. Foi isso que Dante procurou fazer, recorrendo ao conhecimento produzido por outras ciências, como Sociologia, Filosofia, História e Antropologia, para sustentar suas pesquisas em Psicologia, o que constitui uma de suas características marcantes, reconhecida por colegas e alunos como um de seus méritos e contribuição significativa para o desenvolvimento científico no campo psicológico (BOSI, 1976; NAGLE, 1976; ROSEMBERG, 1976; GRACIANO, 1976). Por exemplo, para introduzir a discussão acerca do caráter nacional brasileiro, que será detalhada adiante, Dante parte de teorias do século XIX para, em seguida, analisar as contribuições da Antropologia, Sociologia, Psicologia Diferencial, Genética e Psicanálise. Além disso, o autor se dedicou também ao estudo da literatura, como forma de expressão cultural de uma sociedade e da psicologia humana, tema que também será esclarecido mais adiante. Portanto, buscou tratar do conjunto da sociedade, tomando o processo histórico em consideração, o que, de acordo com Paul Baran (1961), é a principal função do intelectual, que assim a descreve:

(...) servir como um símbolo e um lembrete do fato fundamental de que as partes aparentemente autônomas, díspares e desconectadas da existência social sob o capitalismo – literatura, arte, política, a ordem econômica, ciência, a condição cultural e psíquica das pessoas – podem todas ser compreendidas (e influenciadas) apenas se forem claramente visualizados como partes da abrangente totalidade do processo histórico (BARAN, 1961, p. s/n.,

⁴ Os termos *pesquisador*, *autor*, *intelectual*, são empregados para se referir a Dante Moreira Leite, ao longo do texto, a fim de evitar repetições.

tradução da autora)⁵.

Para Baran (1961), um intelectual é essencialmente um crítico social, cujo papel é identificar, analisar e ajudar a superar obstáculos que impedem uma vida melhor, mais humana e uma ordem social mais racional. Em termos similares, Walter Benjamin (1934/1970) discorre acerca do autor como produtor: um autor que trabalha em nome da luta de classes e se coloca do lado do proletariado, sem se tornar membro da classe operária. Um intelectual é um burguês que passa de reprodutor do aparato de produção a alguém que assume o esforço de adaptar o aparato aos objetivos da revolução proletária. Mesmo que o autor produtor, por meio de sua obra, se dirija à burguesia, ele o faz com a intenção de diminuir sua oposição à revolução do proletariado, com o objetivo de promover o esclarecimento e a transformação social.

Para Benjamin (1970), também são tarefas do intelectual socializar os meios intelectuais de produção e transformar a função de sua obra, seja romances, drama ou poesia. Com isso, define o filósofo, a tendência política do autor é a correta e seu trabalho de boa qualidade técnica – ambos atributos indissociáveis, implicam que uma obra somente pode ser de boa qualidade se for também da tendência política correta. Dante, por meio de suas pesquisas, traduções e atuação como professor foi um divulgador da ciência, já a posição que toma na luta de classes e em relação à manutenção ou mudança social, é parte do que se pretende verificar com esta pesquisa.

Apesar de sua relevância, o autor é pouco estudado nos cursos de graduação e, provavelmente, em decorrência disso, sua obra não é objeto de estudo ou referência frequente de pesquisas das áreas de Psicologia ou da Educação. O lugar ocupado por esse intelectual nos cursos de graduação dessas áreas do conhecimento parece refletir duas situações que merecem destaque. Primeiro, algo que ele próprio critica: o hábito de priorizar o estudo de autores e pesquisas de outros países. Ele foi crítico da simples

⁵ (...) *to serve as a symbol and as a reminder of the fundamental fact that the seemingly autonomous, disparate, and disjointed morsels of social existence under capitalism – literature, art, politics, the economic order, science, the cultural and psychic condition of people – can all be understood (and influenced) only if they are clearly visualized as parts of the comprehensive totality of the historical process* (BARAN, 1961, p. s./n.).

transposição de pesquisas e teorias internacionais à cultura brasileira sem que os dados fossem revistos ou validados no país e sustentou que é imprescindível realizar pesquisas nacionais (LEITE, 1953/2008c, 1967/2008f). Além disso, a história da Psicologia estudada nos cursos de graduação, geralmente, não contempla a sua história no Brasil. A apresentação pode começar pela Filosofia ou pelos laboratórios de pesquisa experimental na Alemanha, ou, é apresentada, resumidamente, sob a forma de sistemas e teorias psicológicas, mas não inclui o que aconteceu em terras nacionais. Os autores clássicos brasileiros não costumam ser lidos e, conseqüentemente, constituem tema ou referência pouco frequentes nas pesquisas acadêmicas da área. Em segundo lugar, destaca-se a formação predominantemente técnica do curso de graduação em psicologia, cujo foco está na capacitação para o trabalho, para que o profissional desempenhe a função de psicólogo, concedendo menor espaço à crítica. Destaca-se que a tendência de priorizar a preparação para exames, processos seletivos e para o mercado de trabalho está presente desde os estágios mais fundamentais da escola, alcançando até o ensino superior, tema também discutido pelo pesquisador (LEITE, 1959/2008e). A ênfase incide sobre, principalmente, a formação clínica, desde os primórdios dos cursos de psicologia no Brasil, conforme levantamento realizado por Mello (1975/2010), que, ao constatar essa ênfase, conclui que além de subestimar outras possibilidades de atuação, também fomenta uma ideia inadequada das funções sociais do psicólogo.

Para situar a produção científica a respeito do autor, realizou-se um levantamento bibliográfico com a busca pela palavra-chave “dante moreira leite”, sem delimitação de um período específico. O resultado da busca permite afirmar que o intelectual não é referencial ou tema frequente em pesquisas acadêmicas. Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontradas quatro pesquisas, todas dissertações de Mestrado, sendo duas da área de Educação, uma de História e uma de Letras. A primeira das dissertações de Educação (FERREIRA, 2001) estuda a história do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE/SP). Dante faz parte dessa história, pois, dirigiu a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do CRPE/SP de 1959 a 1961. Não se

trata de um estudo acerca do intelectual ou sua obra, mas sim de uma instituição da qual ele fez parte. A segunda dissertação destaca aspectos do pensamento pedagógico de Dante Moreira Leite, criticando as soluções por ele propostas, concluindo que tais soluções defendem a adaptação das crianças às estruturas sociais (ELIAS, 2013).

Tanto a pesquisa da área de História (SOARES, 2013) quanto a de Letras (COSTA, 2010) citam Dante Moreira Leite como referência para a análise de obras literárias, visto que ele se dedicou a analisar as vinculações entre psicologia e literatura. Existem diversas publicações de sua autoria sobre esse tema – por exemplo, sobre obras nacionais, como *Os sertões*; movimentos literários, como o romantismo, e a proposta de uma compreensão de Hamlet a partir da perspectiva da teoria freudiana. O próprio autor reuniu seus textos em uma coletânea intitulada *O amor romântico e outros temas* (LEITE, 1964/2007). O principal estudo de tais vinculações é sua tese de livre-docência, *Psicologia e Literatura* (LEITE, 1967/2002).

Apenas uma pesquisa da área de Psicologia foi encontrada no banco de dados da BVS-ULAPSI (Biblioteca Virtual em Saúde – *Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología*) em que Dante é referência para discutir a relevância da literatura como objeto de estudo para a Psicologia (PUGLIA, 2000).

Já a busca por artigos proporciona resultados mais numerosos, visto que há dois volumes de revistas científicas dedicados ao autor, além de outros artigos isolados. Um dos volumes a ele dedicado é uma edição dos Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, publicada em 1976, por ocasião de seu falecimento (Cadernos de Pesquisa, 1976). Outro, é uma publicação da revista Psicologia USP, de 2000, que o homenageia e destaca a relevância de sua obra (Psicologia USP, 2000).

Em 2015 foi publicado o quarto volume da coletânea intitulada *Clássicos da educação brasileira* (LOPES e MELO, 2015), em que Sass (2015) escreve um capítulo a respeito da obra *O caráter nacional brasileiro*⁶ (LEITE, 1969/1983), discorrendo sobre a pesquisa realizada por Dante, bem

⁶ Trata-se da tese de doutoramento de Dante Moreira Leite, que será detalhada adiante.

como ressaltando a originalidade e o reconhecimento que a obra teve.

Chama a atenção o pequeno número de publicações encontrado com o levantamento bibliográfico pela discrepância em relação tanto ao papel que o intelectual exerceu no desenvolvimento da Psicologia e da Educação brasileiras, quanto à variedade e relevância do temário por ele investigado. O próprio pesquisador, em seu Memorial para o concurso de Professor Titular (LEITE, 1973, p. 5-8), assim classifica os assuntos por ele investigados: estudos sobre literatura infantil, psicologia e literatura, personalidade e cultura – o caráter nacional brasileiro –, percepção social e relações interpessoais, o desenvolvimento da criança, pressão social e compromisso.

Desse temário, destacam-se as pesquisas sobre preconceito e ideologia, que são escolhidas como fonte para análise, nesta pesquisa, por duas razões. Primeiro, porque o tema está presente ao longo de sua produção intelectual, e, portanto, pode ser entendido como um fio condutor que permite conhecer e analisar a evolução de seu trabalho como pesquisador. Segundo, porque sustenta-se que seus estudos sobre preconceito são os mais importantes de sua carreira, logo, representam sua maior contribuição científica para a Psicologia.

Como será detalhado mais adiante, o autor começa a pesquisar esse tema analisando livros didáticos, que, segundo Jorge Nagle (1976), são os estudos mais importantes de sua produção acadêmica pelo fato de debater o conteúdo das obras didáticas e por suscitar desenvolvimentos no campo da literatura e do desenvolvimento infantil. Para Ecléa Bosi (1976), essas publicações são fundamentais porque constituem o núcleo da sua atividade de pesquisador de preconceitos, tema que desenvolverá, posteriormente, com os estudos sobre o caráter nacional, que Bosi considera sua maior contribuição à cultura brasileira.

De acordo com o anteriormente exposto, pergunta-se: como Dante Moreira Leite desenvolve esses estudos sobre preconceito e ideologia? Como o intelectual relaciona tais estudos à crítica da sociedade: confirmando a realidade vigente e propondo ajustamentos a ela ou negando-a e propondo mudanças? A intenção não é enquadrar rigidamente sua obra em um dos polos, regressivo ou progressivo, mas, sim, discutir o movimento dialético

entre eles.

1. Caracterização do intelectual, trajetória, atuação

Nesse item, apresentam-se a biografia do autor, destacando sua trajetória acadêmica, as instituições por onde passou, seu trabalho como tradutor, o interesse pela literatura e sua participação na regulamentação da profissão de psicólogo e do curso de graduação em psicologia.

Abaixo, transcreve-se uma citação do intelectual, que se refere à morte de Euclides da Cunha, assassinado aos 43 anos de idade, pelo sargento do exército Dilermando de Assis:

Se a morte é sempre cruel, e sempre parece absurda a nosso entendimento, a crueldade parece ainda maior quando atinge o jovem, ou a pessoa madura de quem ainda podemos esperar tanta vida e tantas realizações: flor que o caminhante despedaça no caminho, e a qual nunca chegará a fruto ou planta. Apesar de nossa racionalidade, obscuramente sentimos nossa participação no mundo vegetal e animal, e esperamos o ciclo completo da vida, da infância à velhice. Por isso, a morte de Euclides parece menos aceitável, e procuramos prolongar sua presença e sua vida, evocando-a para os mais jovens e mantendo o culto de sua memória (LEITE, 1965/2007a, p. 101).

Suas palavras são, aqui, tomadas emprestadas, pois, Dante também faleceu jovem, deixando uma ampla obra publicada, entretanto, é de se supor que poderia ter produzido ainda mais conhecimentos relevantes para a Psicologia e a Educação brasileiras. Por essa razão, uma das intenções com a realização desta pesquisa é “prolongar sua presença e sua vida, evocando-a para os mais jovens” (LEITE, 2007a, p. 101), mantendo presente sua memória.

Dante Moreira Leite nasceu em Promissão, cidade do interior do Estado de São Paulo, em 22 de outubro de 1927 e faleceu, aos 48 anos de idade, em 24 de fevereiro de 1976, quando ocupava o cargo de Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IP-USP (ver biografia no Anexo I).

Cursou Filosofia, de 1947 a 1950, na então Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras⁷ da Universidade de São Paulo (FFCL-USP). No mesmo ano, publicou seus dois primeiros artigos, “Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros” (1950/2008a) e “Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros” (1950/2008b), em que debate a presença desses conceitos nas histórias (ver bibliografia no Anexo II). Daí em diante, dedicou-se ao ensino secundário e universitário; à tradução do inglês para o português de importantes obras de Psicologia, dentre outros temas, como descreve-se adiante; à pesquisa científica e à regulamentação do curso de Psicologia e da profissão de psicólogo.

Durante a graduação, suas maiores influências, na área de Filosofia, foram os professores João Cruz Costa, Martial Guérroult e Lívio Teixeira. Foi o João Cruz Costa que despertou nele o interesse pelo estudo do pensamento brasileiro, que veio a ser núcleo de sua tese de doutoramento. No campo da Sociologia, foi aluno de Florestan Fernandes e Antônio Cândido, autores que utilizou como referências para a perspectiva sociológica que adotou nos estudos de Psicologia Social (LEITE, 1973). A influência sociológica é característica reconhecida dos egressos da FFCL, em quem o espírito crítico e o interesse pela gênese social e caráter histórico dos fenômenos estudados eram marcantes (BOSI, 1976).

Como maior influência na área de Psicologia, o intelectual refere Annita de Castilho e Marcondes Cabral, que foi sua orientadora de tese de doutoramento e de quem foi Assistente extranumerário (1951-1952), Auxiliar de ensino (1953-1955) e Primeiro Assistente (1955-1958), na cadeira de Psicologia da FFCL-USP. Nesse período, ministrou as disciplinas de Psicologia Diferencial, Introdução à Psicologia, Psicologia da Personalidade e Problemas Teóricos de Psicologia (LEITE, 1973).

Além de professor universitário, a partir de 1951, dedica-se também ao ensino secundário no Colégio Mackenzie e no Colégio Paulistano, onde ministrou aulas de Filosofia e Psicologia (SCHMIDT e NEVES, 2002).

Com a tese intitulada *O Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e de*

⁷ Hoje, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH.

estereótipos, obteve o título de doutor em Psicologia, em 1954. Em seguida, obteve uma bolsa de estudos para passar o ano letivo, de 1955 a 1956, na Universidade do Kansas, Estados Unidos, onde cursou Psicologia Teórica e Psicologia das Relações Interpessoais, ministrados por Fritz Heider⁸ Psicologia Experimental e Psicologia da Criança, por Roger Barker⁹, Psicopatologia e Influências Culturais na Doença Mental, por Bert Kaplan; e Dinâmica de Grupo, por Anthony Smith. Considera Heider e Barker os professores que mais o influenciaram durante esse período (LEITE, 1973). Depois de conhecer a teoria de Heider, pôde esclarecer pendências de sua tese de doutoramento. Assim, descreve suas influências:

A teoria de Heider foi útil como nova perspectiva para entender alguns problemas de percepção de grupo que tinham ficado em suspenso em minha tese de doutoramento. Além disso, acredito que sua perspectiva de uma psicologia ingênua, não contaminada pelos esquemas teóricos da psicologia científica, continua a ser uma forma produtiva de estudar as relações interpessoais, mas útil também em outros domínios da psicologia, como a motivação, a percepção social, a competição etc. De certo modo, todos os trabalhos que realizei depois de voltar para o Brasil refletem essa influência.

No caso de Roger G. Barker, penso que sua influência pode ser vista no interesse que passei a ter pela psicologia da criança e pela psicologia experimental, ou pelo menos, certa perspectiva da psicologia experimental (LEITE, 1973, p. 4).

Embora o autor mencione essa perspectiva da psicologia experimental, não foram encontradas publicações a esse respeito.

Após o retorno dos EUA, em 1957, Dante Moreira Leite assume a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE), uma das seções de pesquisa do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste (CRPE), instituição subordinada ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), a convite de Fernando de Azevedo, então, diretor da

⁸ Fritz Heider foi um psicólogo gestaltista austríaco, que imigrou para os EUA, em 1930, onde viveu até seu falecimento, em 1988. Com sua teoria, tentou sistematizar a psicologia ingênua ou do senso comum, para descrever e explicar o comportamento humano. Seus principais conceitos são equilíbrio, motivação e atribuição (LEITE, 1979/2007e).

⁹ Roger G. Barker é citado por Dante Moreira Leite como referência teórica em textos educacionais e de psicologia da criança (LEITE, 2008, 1972/2010). Na coletânea *O desenvolvimento da criança* (LEITE, 2010), o intelectual, traduz e publica um de seus artigos, sob o título “Triunfo e fracasso na sala de aula” (BARKER, 1942/2010).

instituição. Exerce essa função até 1959.

A criação dos Centros Regionais teve como objetivo a realização de pesquisas sociais e educacionais e a elaboração de propostas de mudanças para a educação brasileira, preparação de material de ensino e oferta de cursos de aperfeiçoamento para professores, com o objetivo de promover mudanças sociais. Os técnicos e intelectuais que lá trabalharam eram, em sua maioria, oriundos da USP, principalmente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (MUSTAPHA, 2014). Assim, Ferreira (2011) descreve sua criação:

O processo de criação destes centros foi conduzido por Anísio Teixeira – diretor do INEP entre 1952 e 1964 – e contou com a colaboração da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e de diversos intelectuais brasileiros e estrangeiros, como o psicólogo social Otto Klineberg e o sociólogo Florestan Fernandes (FERREIRA, 2011, p. 107).

As pesquisas realizadas pelo CRPE visavam conhecer as necessidades do povo brasileiro e as condições de desenvolvimento da sociedade de modo que a educação pudesse atendê-las. Entretanto, de acordo com Ferreira (2001), o CRPE enfrentou diversos problemas durante o processo de concretização, que não permitiram a realização dos objetivos propostos de modo que pesquisas ficaram inacabadas ou foram alteradas em relação às propostas iniciais. Os problemas incluíam falta de recursos materiais, inexistência de dados oficiais para análise, dificuldade na criação de convênios com a Secretaria de Educação, na colaboração de professores e diretores de escolas. De acordo com a autora (FERREIRA, 2001), essas dificuldades fizeram com que os diretores das Divisões fossem se desligando do Centro. Para Mustapha (2014), esses obstáculos geraram pedidos de demissão em massa, em 1960, depois de Renato Jardim Moreira, primo de Dante e, à época, diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS), pressionar a instituição pedindo mudanças. Não foram localizados escritos de Dante a respeito de sua saída da DEPE.

O fato de o intelectual em questão ter sido convidado a assumir a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais mostra o reconhecimento de sua atuação como pesquisador da área. O convite vai também ao encontro

de sua concepção de pesquisa educacional, que visa, primeiramente, conhecer a realidade brasileira para que soluções adequadas sejam pensadas.

Na revista do CRPE, *Pesquisa e Planejamento*, o pesquisador publica três artigos – “O brinquedo, a leitura e a criança” (1958/2008d), “Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno” (1959/2008e), “Análise de conteúdo dos livros de leitura da escola primária” (1960) – e resenhas de livros internacionais de interesse à formação de educadores (MUSTAPHA, 2014). Realiza também diversos estudos sobre currículos e livros didáticos na escola primária (SCHMIDT e NEVES, 2002).

Depois de se desligar do CRPE, trabalha no Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLC) de Araraquara, onde foi professor de Psicologia e de Psicologia Educacional no curso de Pedagogia e em outros cursos da Faculdade (não foram encontradas informações sobre quais faculdades), de 1959 a 1971. A FFCL era um dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo que, em 1976, foram integrados formando a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

Durante esse período, o interesse pela relação entre psicologia e literatura, tema frequente em seus estudos, constantemente ampliado e aprofundado, resulta na tese de livre-docência intitulada *Psicologia e Literatura*, defendida em 1964, publicada como livro em 1969. Assim o autor se refere à dificuldade da tarefa que se propôs realizar:

É certo que em nenhum momento deixei de considerar a imensa dificuldade da tarefa, assim como os riscos de, com o título de psicologia, fazer apenas má literatura, ou receber as críticas acumuladas de psicólogos e literatos, por realizar um estudo que contém demasiada literatura para ser psicologia, e excessiva psicologia para ser literatura (LEITE, 2002, p. s./n.).

Conforme esclarece no prefácio da obra (LEITE, 2002), com as pesquisas a respeito da literatura infantil e do desenvolvimento da criança, percebe a amplitude da relação entre psicologia e literatura, o que, conclui, justifica um estudo independente sobre literatura adulta. Para o pesquisador,

a Psicologia dispõe de ferramentas para analisar a literatura, vista como fonte para a compreensão de vários aspectos do comportamento humano, pois, “o romancista consegue dar, do comportamento do indivíduo, uma descrição que ainda está fora do alcance do psicólogo” (LEITE, 2002, p. s/n.). Esclarece que não escreve no jargão das ciências humanas, o qual não implica, obrigatoriamente, precisão de pensamento e nem validade de afirmações: “Escrevi na linguagem que uma personagem de Guimarães Rosa denominou ‘fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana’” (LEITE, 2002, p. s/n.).

Depois de deixar a FFCL de Araraquara, retorna para São Paulo, em 1971, e se torna Chefe do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho (PST) do IP-USP. Em 1973, torna-se Professor Titular do PST. Foi diretor do Instituto de Psicologia da USP de 1974 a 1976. Relatos de pessoas que conviveram com o intelectual nesse período o retratam como uma pessoa democrática, o que foi marcante numa época de repressão política. Dante era comumente visto pelos corredores, avesso a formalidades, conversando de igual para igual com funcionários e alunos, era querido e respeitado intelectualmente (BOSI, 1976; PAIVA, 1976; SCHMIDT e NEVES, 2000). Era contrário ao governo militar e ajudou alunos perseguidos, depondo várias vezes a favor deles, conforme relata Miriam Moreira Leite (SCHMIDT e NEVES, 2000).

Entre 1960 e 1976, escreve na coluna Suplemento literário, do jornal O Estado de São Paulo, um total de 25 artigos. Escreve, por exemplo, sobre autores brasileiros, como Guimarães Rosa; e obras literárias nacionais, como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Lucíola*, de José de Alencar; sobre o trabalho de tradução, ficção, biografias e autobiografias. Assim critica seu próprio trabalho:

O suplemento do Estadão desta semana já saiu na disposição gráfica mais jornalística. O problema é que fica nisso: os artigos são os de sempre, o mesmo ar pesado e chato de sempre. Se você o recebe regularmente, verá se não tenho razão: a disposição está mais atraente, a resenha parece que agora vai ter sentido, mas ainda não aprendemos a fazer jornal – uma coisa que se leia depressa e seja

inteligente e informativa (LEITE, 1996¹⁰, p. 74).

A paixão pela literatura também se expressou por meio de poemas e contos de sua autoria. Em correspondências trocadas com o amigo Jorge de Sena¹¹, ambos escrevem a esse respeito. Jorge de Sena pergunta a Dante: “Está você ainda a contas com a sua *shadow*? Diga-me alguma coisa a esse respeito” (LEITE, 1969, p. 30, grifo do original), ao que o intelectual responde:

A soma de trabalho me impede de pensar na “sombra”: mas sei que é problema real, que mais cedo ou mais tarde precisarei enfrentar: é difícil ser convincente em psicologia, quando a gente pensa em literatura *most of the time*. A última encarnação da minha sombra é um livro de contos em que, muito a medo, estou trabalhando. Na semana passada, mandei um dos ditos para Décio [de Almeida Prado], e vou ver se sai publicado. Diante da materialização, mandarei o corpo do delito – e espero o veredicto implacável da crítica (LEITE, 1996, p. 37, grifos do autor).

Não chega a publicar um livro reunindo seus contos, mas alguns deles são publicados no jornal O Estado de São Paulo. A característica de poeta e prosador está presente também em alguns de seus textos e apresentações em congressos, em que ele usa linguagem informal e exemplos da literatura nacional para ilustrar argumentos, como no excerto a seguir, extraído de um artigo em que debate a relação entre Filosofia e Psicologia:

Os psicólogos podem contribuir, a seu modo e com seus recursos, para a clarificação de muitos problemas da Filosofia (...). Parece que agora o amor entre Psicologia e Filosofia não é mais motivo de escândalo. É um amor de maturidade, em que as rugas deixam de ter importância tão grande, e em que o ciúme que às vezes aparece é como a sandice, descrita pelo Quincas Borba de Machado: “dá um certo pingo à vida” (LEITE, 1956/2009a, p. 29).

¹⁰ Não se apresenta a data original dessa obra, pois, trata-se de uma compilação de correspondências trocadas, em sua maior parte, entre Dante Moreira Leite e Jorge de Sena, com algumas correspondências escritas pelas esposas, Miriam Moreira Leite e Mécia de Sena, durante o período de 1965 a 1978.

¹¹ Jorge de Sena, escritor português, foi professor de Literatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, onde foi colega de Dante.

1.1. Atuação como tradutor

Sua preocupação com a qualidade da formação dos psicólogos e com o exercício de uma profissão especializada também está presente em seu interesse pela tradução, pois, o intelectual julgava tarefa de grande importância tornar obras relevantes e de boa qualidade, de autores clássicos e atuais, acessíveis aos estudantes e aos profissionais brasileiros, preferencialmente, “com uma linguagem tanto quanto possível correta e uniforme” (LEITE, 1973, p. 9). Dessa forma, seu trabalho foi importante também para a divulgação da Psicologia no Brasil. Em suas palavras:

Quando, por volta de 1960, as atividades editoriais começaram a ampliar-se, havia necessidade, não apenas de padronização de uma linguagem psicológica, mas também de orientação quanto a livros que deveriam ser publicados ou traduzidos. Isso explica que, já há alguns anos, eu tenha aceito a incumbência de participar do Conselho Editorial da Editora Pioneira, e, mais recentemente, da Editora Perspectiva (LEITE, 1973, p. 9).

Seu objetivo de padronizar uma linguagem da Psicologia não foi alcançado, embora tendo sido tentado, por conta de dificuldades editoriais que impediram “a redação ou tradução de um vocabulário de psicologia em língua portuguesa” (LEITE, 1973, p. 9).

Para o autor (LEITE, 2007b), a comunicação entre pessoas de diferentes idiomas é fundamental para o desenvolvimento da cultura, mas, a fluência em diferentes línguas não é acessível a todos. Por isso, acredita que a tradução exerce papel de mediadora, principalmente num país como o Brasil, em que predomina a leitura de traduções.

Em uma série de artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, em 1966, o intelectual escreveu sobre os desafios da tradução, especificamente da poesia e da prosa, aos quais se refere como “problemas fascinantes” (LEITE, 1966/2007b). Dentre eles estão, por exemplo: preservar a musicalidade e a intenção original do escritor; acompanhar a vida das palavras, que, segundo ele, se renovam com as novas gerações, o que pode levar a problemas de compreensão de um texto que passa de uma época para outra, tornado necessária nova tradução de obras clássicas.

Embora não tenha traduzido esse tipo de literatura, por meio da descrição do que considera desafiador e importante nessa atividade, pode-se inferir como ele trabalhava e que as mesmas características, como cuidado e precisão, estão presentes¹². A única remissão que faz a tradução de livros didáticos é a seguinte:

Nesse ponto, chegamos a um problema crucial na tradução: o tradutor deve saber como construir a frase na língua para a qual traduz e reconhecer o que é peculiaridade da língua de que traduz. Essa regra é simples quando aplicada ao texto sem estilo pessoal; por exemplo, os livros didáticos geralmente não têm um estilo discernível, embora possam ser mais fáceis ou mais difíceis, mais claros ou mais confusos, quando bem traduzidos, os maus livros didáticos ganham em clareza, pois o tradutor é obrigado a dar uma ordem adequada à frase; se não o fizer, o texto, obscuro ou deselegante no original, tornar-se-á ilegível ou incompreensível na tradução (LEITE, 2007b, p. 173).

O pesquisador esclarece que é necessário conhecer bem o idioma para o qual se traduz, além do original, de modo que a tradução não seja apenas tecnicamente correta, mas também clara, tendo, o tradutor, a possibilidade de organizar melhor o texto. Para a tradução de livros técnicos, esse procedimento parece adequado, pois, a proposta é divulgar conhecimento. O mesmo não se aplicaria a romances, por exemplo, em que o estilo original deve ser preservado. Essa explicação reitera sua didática de professor, bem como a função de divulgador da ciência.

Uma de suas preocupações era o valor estético das palavras e destaca a diferença de sentidos de uma mesma palavra em diferentes classes sociais, como, exemplifica, o significado da palavra *trabalho* para um artista e *trabalho* para um operário, sustentando que é essencial que o sentido original seja mantido.

Existem diferenças no vocabulário de diferentes classes sociais, e diferenças no conteúdo das mesmas palavras: trabalho tem um sentido para o artista, que se realiza na

¹² Encontrou-se referência a uma declaração de sua esposa a esse respeito: “O amor de Dante pela literatura parece marcar inclusive a maneira como ele traduziu livros de Psicologia. Segundo Miriam Moreira Leite, ele o fazia como se se tratasse de romances” (SCHMIDT e NEVES, 2000, p. 65).

obra, e outro, muito diverso, para o operário, que enfrenta a monotonia de uma linha de montagem (LEITE, 2007b, p. 165).

De acordo com Ecléa Bosi (1976), o pesquisador não tinha muito tempo para se dedicar à tradução, restando-lhe apenas a noite para fazer isso. Conta que “ele traduzia por amor, e acredito que, se pudesse, traduziria para o português tudo o que havia de bom no mundo em Psicologia” (BOSI, 1976, p.34). Dante, junto com sua esposa, Miriam Moreira Leite, traduziram para o português 49 livros de Psicologia, Sociologia, Educação e Metodologia de pesquisa social (ver Anexo III). A participação de Miriam consta em 6 dessas traduções. A tabela a seguir mostra a distribuição dos temas (ver Apêndice A – Lista de traduções por temas):

Tabela 1. Traduções e classificação

Temas	Quantidade de livros traduzidos	Proporção
Método de pesquisa	1	0,02
Teorias do desenvolvimento	2	0,04
Avaliação psicológica e Psicologia Diferencial	3	0,06
Temas educacionais e Psicologia Educacional	8	0,16
Temas sociais e Psicologia Social	17	0,35
Teorias psicológicas e temas em Psicologia	18	0,37
Total	49	1,00

Fonte: Lista de traduções (Anexo III).

As categorias de classificação dos livros foram criadas com base nos títulos, por meio da identificação do tema. Assim, tem-se a tradução de um livro sobre Método de pesquisa, dois sobre Teorias do desenvolvimento, três sobre Avaliação psicológica e Psicologia Diferencial, oito sobre Temas educacionais e Psicologia Educacional, dezessete sobre Temas sociais e Psicologia Social e dezoito sobre Teorias psicológicas e temas em Psicologia.

A categoria Teorias psicológicas e temas em Psicologia inclui livros a respeito de assuntos variados, tais como Humanismo, Psicanálise; livros introdutórios, de conceitos gerais, como personalidade; e história da

psicologia ou da saúde mental. Por abranger maior variedade de assuntos, esta categoria apresenta o maior número de livros traduzidos.

Destaca-se, da Tabela 1, o número de traduções de Temas educacionais e Psicologia Educacional (oito livros) e de Temas sociais e Psicologia Social (dezessete livros). As duas categorias perfazem um total de 25 livros, o que corresponde à proporção de 0,51. No campo educacional, os livros abrangem Psicologia Educacional em geral e ensino e aprendizagem. Os temas sociais incluem não apenas a Psicologia Social, tratando, por exemplo, de relacionamento interpessoal e dinâmica de grupo, mas, também, assuntos como racismo, preconceito, conformismo, estratificação social, religião, papel do cientista e das ciências sociais.

Nota-se que a maior parte das traduções (0,51) se refere aos temas de interesse acadêmico do pesquisador. Pode-se pensar que ele foi parcial na sugestão de livros, o que, entretanto, não elimina a contribuição para divulgação da Psicologia Social, tornando acessíveis, aos profissionais e estudantes brasileiros, teorias atualizadas e fundamentadas em pesquisas empíricas.

Suas primeiras traduções são de 1963 e a última de 1976. Portanto, em 13 anos, o intelectual traduziu, sozinho ou com a colaboração de Miriam Leite, 49 livros, sendo que as publicações se concentram entre os anos de 1969 e 1976; só em 1973, foram publicadas 12 traduções.

Refletindo sobre a leitura e a vida intelectual acadêmica brasileira, o autor classifica-a de caudatária intelectual, pois, tende a preferir autores estrangeiros, ao afirmar que:

ainda hoje, vivemos em função de uma cultura importada, procuramos atualização por aquilo que se pensa ou se escreve em outros centros, tentamos repetir o que maiores recursos de pesquisa e maior número de pesquisadores permitiram fazer (LEITE, 1973/2007d, p. 179).

Apesar da crítica, reforça a importância do trabalho de tradução e necessidade do conhecimento do que se produz em outros países para o desenvolvimento intelectual nacional (LEITE, 2007d). O autor identifica duas características desfavoráveis à leitura de livros: de um lado, o uso de apostilas ou trechos selecionados pelo professor, que circulam em cópias; e

de outro, a transmissão de informações recentes ainda não compiladas em livros, tais como as presentes em artigos científicos. Para Dante, a circulação dessas formas de material impresso dificulta a circulação do livro e, com isso, os alunos de graduação têm acesso a fragmentos dispersos, sem ler revistas ou livros completos ou sem ler obras clássicas de uma disciplina (LEITE, 2007d).

Com base na constatação de que é rara a leitura de clássicos, o autor expande a discussão para a pouca leitura em geral. Em decorrência disso, identifica que a linguagem escrita, ainda que não apenas no Brasil, enfrenta uma crise causada, provavelmente, pelos novos meios de comunicação. Uma das consequências dessa crise é a inabilidade na escrita, que Dante observa, inclusive, em seus alunos:

A prova disso pode ser encontrada facilmente entre estudantes universitários, com frequência, capazes de discutir oralmente, de fazê-lo com inteligência e até com brilho, mas incapazes de ordenar o pensamento em uma linguagem escrita relativamente correta (LEITE, p. 191, 2007d).

O pesquisador, então, encaminha a discussão para uma característica contemporânea, que classifica como utilitarista. Diante dos meios de comunicação audiovisual, a linguagem escrita deixa de ser interessante e, com isso, a vida intelectual, que é um fim em si mesma, deixa de ter justificativa, visto que há atividades com resultados mais imediatos e mais visíveis. Assim, o autor afirmava existir uma crise da linguagem, principalmente da linguagem escrita, em que o conhecimento da língua como recurso expressivo é desprezado. Chega a relacionar o sentimento de solidão do homem moderno à dificuldade linguística de expressão e compreensão, na medida em que as pessoas têm dificuldades para expressar ideias e sentimentos ou, caso consigam, é o interlocutor quem tem dificuldade para compreender a mensagem (LEITE, 2007d). É interessante notar que o pesquisador fez essas observações em 1973, ou seja, antes da criação e popularização de novos meios de comunicação, como a internet e as redes sociais. A difusão crescente desses meios facilita o acesso às mais variadas informações e a circulação é extremamente rápida e abrangente. Entretanto,

essas vantagens são não, necessariamente, acompanhadas pela qualidade da informação – seja no conteúdo ou na forma em que é apresentada. Pode-se pensar que a velocidade e praticidade reforçam a característica utilitarista e o desinteresse pela vida intelectual e não implicam esclarecimento.

1.2. Educação e psicologia da criança

Uma das áreas de maior interesse de Dante foi a Educação e a psicologia infantil, como já afirmado anteriormente. Destacam-se, neste item, algumas de suas elaborações acerca desses temas, com a intenção de apresentar seu pensamento e parte de suas contribuições, sem esgotar o tema, uma vez que a bibliografia é extensa.

De acordo com o autor, a educação para todos é fundamental para a formação do sujeito do ponto de vista político:

A instrução corresponde também a um ideal político: quando se transferem ao sufrágio universal as decisões políticas, admite-se que o eleitor seja capaz de escolher entre diferentes correntes da opinião. Essas condições criam a necessidade de uma escola para todos, e não apenas para um grupo; precisamente por essa razão, a ideia de uma escola para alguns, selecionados por reprovações, passa a ser seriamente discutida (LEITE, 2008e, p. 241-242).

Entretanto, não basta que a escola seja acessível para todos, é preciso também que ofereça um ensino de qualidade e motivador para a permanência do aluno na escola. Pode-se afirmar que essa função essencial ainda não foi alcançada no ensino público brasileiro. As tentativas para realizá-la tem sido reformas, mudanças nas leis, implementação de avaliações tanto das escolas quanto do aprendizado dos alunos, uma série de medidas que ainda não obtiveram sucesso. Nos anos 1950, o pesquisador reflete sobre problemas na educação brasileira e sustenta que não podem ser solucionados por meio de leis, pois, decorrem da ênfase na preparação para exames, da repetência escolar, da organização do currículo e da concepção do ensino com base em prêmios e castigos.

A estratégia de modificar leis permanece sendo empregada, sem solucionar as dificuldades do ensino. Como exemplo, destaca-se a recente

sanção da Reforma do Ensino Médio, em fevereiro de 2017, que propõe alterações significativas, como a divisão em áreas de conhecimento, sendo que o aluno *poderá escolher* a área de seu interesse. A Reforma, apenas mencionada aqui, não faz parte do escopo deste estudo, mas sua relevância é ressaltada, pois, é o tipo de medida que, provavelmente, trará mais problemas do que soluções. A crítica de Dante às alterações legais continua válida:

não é um decreto que vai modificar a maneira de estudar, melhorar os livros, ensinar os pais a maneira correta de orientar os filhos, dar vida a uma cultura que é cópia de cultura estranha. Não é um decreto que vai alfabetizar os alunos do primário, ou interessa-los pelo estudo secundário. Pelo contrário: nossa impressão é que a crítica mal informada ao ensino é um dos males da educação nacional (LEITE, 2008c, p. 241-242).

Tendo sido também professor em colégios, o pesquisador tinha a percepção tanto de pensador da educação, do ponto de vista da Psicologia, quanto da prática de educador. Uma das questões que o preocupava, como se vê na citação a seguir, é o ensino voltado à preparação para exames, sejam as provas do curso ou o vestibular:

Toda a preocupação deve ser finalmente no ensino brasileiro o bendito exame. A abençoada sabatina mensal, a glória suprema do exame vestibular. O vestibular. Espantalho de alunos, fonte de tantos cursinhos para ensinar o que devia ter sido aprendido (LEITE, 2008c, p. 242).

Essa característica do ensino enfatiza a memorização em detrimento da imaginação e da criação intelectual e são desmotivadoras para o aluno, além de não implicar, necessariamente, seu aprendizado. Essa característica não é exclusiva do ensino brasileiro e foi criticada também por Adorno (1971/2011) em relação às exigências de concurso para professor na Alemanha:

A colcha de retalhos formada de declamação ideológica e de fatos que foram apropriados, isto é, na maior parte das vezes decorados, revela que foi rompido onexo entre objeto e reflexão. A constatação disso nos exames é recorrente, levando imediatamente a concluir pela ausência de formação cultural (*Bildung*) necessária a quem pretende ser um formador (ADORNO, 2011, p. 63).

Dante critica também as consequências desses problemas no aprendizado quando se trata da formação de futuros professores:

Não aprenderam? Certamente não; mas seus professores também não, os autores dos livros que leem sabem as fórmulas que copiam, bem ou mal, de outros livros.

Quando estuda Química ou Física o aluno não é levado para o laboratório para verificar um fenômeno, fazer um experimento. Simplesmente copia a ciência da lousa e resolve depois quinhentos problemas artificiais, usando a mesma fórmula (LEITE, 2008c, p. 241)

Tão prejudicial quanto a mera memorização, é a reprovação escolar. O autor apresenta as desvantagens dessa prática, como o desinteresse do aluno e sua associação a um castigo; e prossegue discutindo acerca dos problemas do ensino em termos de prêmios e castigos (LEITE, 2008e). O maior problema identificado é que, dessa maneira, o aprendizado escolar deixa de ter um fim em si e passa a ser um meio para obter a premiação e escapar da punição. Em suas palavras:

Em primeiro lugar, o prêmio e o castigo (sob as várias formas de promoção, aplauso e reprovação) passaram de meios a fins; o aluno não estuda para aprender, mas para evitar a reprovação, ou receber a nota boa. A experiência acumulada parece indicar que o aluno interessado em notas não está, somente por essa razão, qualificado como o que continuará a interessar-se pelo conhecimento. Desaparecido o incentivo, desaparece também o seu esforço. Mais importante que isso, deve-se considerar o caso dos alunos reprovados. *Estes* com frequência abandonam a escola, não porque não pudessem interessar-se por ela, se fossem outras as condições existentes, mas para evitar as frustrações constantes a que estão submetidos (LEITE, 2008e, p. 261-262, grifo do autor).

É importante citar essa discussão do intelectual acerca da promoção automática por algumas razões. Primeiro, porque o tema continua presente nos debates educacionais. Segundo, porque este é um dos artigos do autor em que se identifica claramente a influência da Gestalt, tanto pelas citações que faz a Kurt Lewin¹³, quanto pelas explicações em termos de tensão,

¹³ Kurt Lewin foi um dos psicólogos alemães que imigrou para os Estados Unidos, fugindo do nazismo. Lá lecionou nas universidades de Stanford, Cornell e Harvard e foi um dos principais divulgadores da Psicologia da Gestalt.

equilíbrio e desequilíbrio do organismo¹⁴. Por fim, porque faz uma série de sugestões, com base nos conhecimentos psicológicos, para melhoras no sistema de ensino.

Em relação ao desenvolvimento, fora do Brasil, tanto da psicologia educacional quanto da psicologia da criança, o intelectual afirma que tem início como decorrência da industrialização, por isso, está relacionado a mudanças nas condições de vida, tais como a deterioração da vida familiar, consequências do aumento do trabalho – adulto e infantil – nas fábricas; e fatores ideológicos, como, por exemplo, a necessidade de mão de obra especializada, sustentando que a aplicação de um conhecimento técnico, como a Psicologia, “nunca é independente das ideologias dominantes” (LEITE, 2008f, p. 324) e prossegue esclarecendo que, na sociedade contemporânea, “o conhecimento técnico é, muitas vezes, posto a serviço das ideologias, transformando-se em seu instrumento” (LEITE, 2008f, p. 324). Embora faça essas afirmações, Dante, não critica as consequências da relação entre aplicação do conhecimento e ideologia. Provavelmente porque, como se verá adiante, sua concepção de ideologia está relacionada a teorias e ideias que não são cientificamente comprovadas e não com a concepção de ocultação da realidade. Compreende que o avanço científico na área está relacionado à necessidade de atender à demanda de mão de obra, mas não considera que isso altera o objetivo educacional de formação do indivíduo.

Quando analisa as contribuições da ciência para a educação, distingue a situação do Brasil da de outros países. Começa enumerando os avanços proporcionados pelo conhecimento psicológico, principalmente, nos EUA: a) diversificação dos objetivos da escola – além de intelectualista, passa a atender necessidades emocionais e afetivas das crianças; b) adequação do ensino ao desenvolvimento infantil; c) atenção às diferenças individuais; d) organização mais homogênea das classes quanto ao desenvolvimento; e) estímulo à iniciativa do aluno; f) ênfase ao ajustamento social do aluno

¹⁴ Por exemplo: “Enfim, a atividade construtiva e realizadora da criança depende de um nível ótimo de *tensão* ou *desequilíbrio* (...). É, em resumo, um nível em que a criança precisa procurar uma resposta ou solução. Se o problema é difícil demais para ela, não o perceberá (...). Se é fácil demais, é claro que também se desinteressa” (LEITE, 2008e, p. 266-267, grifos do autor).

(LEITE, 2008f).

Já em relação ao Brasil, sustenta que os problemas estão num estágio anterior, na medida em que nem todas as crianças têm infância, à medida em que muitas ainda trabalham; o índice de mortalidade infantil é alto; crianças chegam subnutridas às escolas, que ainda não estão materialmente equipadas para atender a toda a população. Sendo assim, a ciência desenvolvida e aplicada no país deve considerar essas especificidades:

as limitações da Psicologia, no caso da educação brasileira, podem ser compreendidas se pensamos que muitos dos nossos problemas educacionais não chegam ainda a ser psicológicos; são sociais (LEITE, 2008f, p. 350).

Em sua concepção, antes resolver questões relacionadas ao método de ensino, à adaptação do currículo às fases do desenvolvimento infantil, por exemplo, há problemas mais prementes a serem solucionados. Para o intelectual, o papel da Psicologia é conhecer a realidade brasileira, identificar seus problemas educacionais, empregando técnicas e instrumentos já obtidos ou criando soluções exigidas especificamente pelos problemas nacionais, sem transpor conhecimento de outras culturas para a essa realidade, já que não é válido e, portanto, é inútil.

Então, a análise psicológica não perde interesse nem se torna extemporânea, mas deve ser compreendida como auxiliar da solução social que se deve encontrar para os nossos problemas educacionais mais urgentes (LEITE, 2008f, p. 351).

Como soluções para esses problemas, propõe algumas alternativas. Primeiramente, sugere a possibilidade de realizar o ensino por meio de processos mais rápidos e econômicos, simplificando o ensino para melhorar o aproveitamento. A simplificação se daria pela eliminação da necessidade de decorar uma série de informações desarticuladas, dando maior tempo para o aprendizado mais eficiente de habilidades básicas que, se não forem bem aprendidas, constituirão obstáculo permanente no desenvolvimento futuro. A segunda alternativa é o conhecimento das fases de desenvolvimento da infância e adolescência, interesses e possibilidades de aprendizagem. Em terceiro lugar, sugere organizar programas de acordo com as condições

materiais das escolas, considerando suas limitações, e ao desenvolvimento do educando e, por fim, propõe, novamente, introduzir a promoção automática. Em suas palavras, são sugestões “modestas e de fácil execução” (LEITE, 2008f, p. 342), que não exigem grandes recursos materiais ou humanos. Assim pondera:

Nessas sugestões aparece, provavelmente, um preconceito do autor deste trabalho: a escola existe para receber e manter o maior número possível de alunos. O papel das escolas, na vida social, não é o de preparar escritores, cientistas ou filósofos e por isso a maior capacidade intelectual (ou o que a escola julga que seja capacidade intelectual) não é o único nem o mais importante critério de avaliação, sobretudo nas escolas primárias e de nível médio. O que estas devem fazer é preparar o cidadão e, do ponto de vista individual, permitir o desenvolvimento da personalidade do educando. A escola intelectualista deixa de lado das questões vitais para a criança e o adolescente e, em última análise, estabelece critérios que valem apenas para a própria escola. Nesse processo, a vida intelectual autêntica desaparece – porque sua autenticidade depende de sua adequação para tratar dos problemas humanos, talvez demasiadamente humanos.

Essas afirmações procuram introduzir a ideia de que uma escola secundária mais simples não é, necessariamente, mais fácil ou menos útil. O que tem muito pouco sentido é criar dificuldades artificiais e acrescentá-las às dificuldades que o adolescente inevitavelmente enfrenta no seu processo de ajustamento social (LEITE, 2008f, p. 345-346).

No excerto, nota-se que o autor, embora reconheça e critique as dificuldades do ensino brasileiro, procura meios de, diante delas, adaptar o ensino para que ele seja viável. Mostra-se interessando em soluções simples e rápidas para que as crianças e adolescentes tenham acesso à escola e nela permaneçam, o que não é condenável em nenhum aspecto. Porém, com isso, acaba defendendo o que aí está, em vez de propor mudanças que permitam o desenvolvimento da vida intelectual autêntica, que ele reconhece faltar no ensino, abrindo mão do compromisso político que ele admite fazer parte da educação, mencionado no início deste item.

A sugestão de eliminar a necessidade da memorização de informações, que acabam não tendo significado para o aluno além da aprovação quando avaliado, é pertinente. Porém, sua preocupação é manter o aluno motivado para o aprendizado, mesmo que para isso o conteúdo seja

reduzido – possibilidade que o pesquisador aceita, desde que o que for ensinado seja efetivamente aprendido. Vê-se que mantém a intenção de garantir a formação, incluindo a apropriação e reflexão acerca do que se aprende, interesse já mencionado anteriormente. Entretanto, o que propõe é uma forma de contornar um problema, sem solucioná-lo; e esquece da questão da formação do futuro professor – se aprende menos, o que ensinará? E como será possível melhorar a educação desse ponto, em que se aprende menos, em diante?

O pesquisador analisou também a, então, crescente importância do brinquedo e da leitura, principalmente na vida de crianças da cidade, que, em geral, não precisavam trabalhar ou assumir responsabilidades que crianças da vida rural assumiam. Estudos educacionais da época investigavam se o brinquedo e a leitura considerados agressivos exerciam influência sobre o comportamento da criança, podendo levar à delinquência (BOSI, 1976, ROSEMBEG, 1976). Para Dante, essas brincadeiras têm efeito terapêutico, na medida em que permitem o contato e elaboração de sentimentos agressivos, e não efeito determinante de agressividade. Considera que “o problema mais sério é apresentado pelas crianças abandonadas – e precisamente porque estas não recebem o afeto e a segurança que podem ser dados pela família” (LEITE, 2008c, p. 250). Portanto, é mais provável que crianças e adolescentes de famílias “desorganizadas” (LEITE, 2008c, p. 250) tornem-se desajustados socialmente, visto que:

sua história não é de crianças que tenham tido brinquedos *armados* ou tenham lido histórias condenáveis; é, com muita frequência, a de crianças sem brinquedos que nunca passaram por uma escola (LEITE, 2008d, p. 250, grifo do autor).

Ou seja, para o pesquisador, o comportamento é consequência do ambiente e da interação social e é tarefa essencial atender essas crianças, que podem vir a se tornar um problema social. O intelectual critica a falha da sociedade em lhes oferecer educação e supõe que os custos para a repressão e sustento dos desajustados sejam maiores que se fossem investidos na educação.

Se o início da civilização industrial desorganiza a família tradicional e as formas tradicionais de proteção à infância (como o apadrinhamento), precisa criar instituições que as substituam.

Compreende-se, assim, que a escola deixe de ser uma instituição voltada, exclusivamente, para o preparo intelectual, e passe a desempenhar a função muito mais ampla de ajustar a criança à vida social (LEITE, 2008d, p. 250-251).

Nessa análise, Dante situa socialmente o problema do brinquedo e da leitura e identifica outros fatores que podem ser mais determinantes no comportamento da criança, ponderando as consequências que isso pode ter na sociedade. Nesse sentido, é progressivo. Por outro lado, mostra-se regressivo ao expressar valores conservadores em relação ao papel da família, quando afirma que um meio familiar desorganizado apresenta maior probabilidade de criar um desajustado, sem incluir a condição social da família na análise. Além disso, parece se referir apenas à *desorganização* familiar em situação de pobreza, ao mencionar falta de brinquedos e de comparecimento à escola, excluindo, dessa maneira, famílias *desorganizadas* com uma condição social diferente.

Destaca-se também a mencionada função da escola de ajustar a criança à vida social, referida pelo pesquisador em outras passagens do texto e também em outras publicações. A escola tem a função de ajustar, em certa medida, mas não só de ajustar. De acordo com Adorno (2011), a educação deve promover um tanto de adaptação, visto que, uma de suas funções é preparar os homens para viverem na realidade, mas sua finalidade primordial é promover conscientização, racionalidade e emancipação, promovendo mais a resistência do que a adaptação:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo da adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior (ADORNO, 2011, p. 143, grifos do autor)

A necessidade de certo nível de adaptação não significa que adaptar-se seja algo simples. Conforme Adorno (2011) esclarece, a realidade se

impõe no que tem de pior, fazendo com que os sujeitos imponham a adaptação a si mesmos por meio de um processo doloroso.

Em relação à psicologia infantil, Dante sustenta que, graças à Psicologia, a infância pôde ter sua importância reconhecida no desenvolvimento humano. No prefácio do livro *O desenvolvimento da criança* (LEITE, 1972/2010), organizado por ele, afirma que o estudo da criança é um dos campos mais importantes da Psicologia contemporânea e indica a existência de uma multiplicidade de teorias e o, então, número crescente de pesquisas empíricas sobre o tema. Entretanto, afirma, essas informações estavam pouco acessíveis a estudantes brasileiros. Havia numerosas publicações em língua inglesa e francesa e, embora houvesse um progresso tanto em relação a pesquisas originais quanto em relação a traduções na língua portuguesa no Brasil, o volume de publicações era bem menor. “Por essa razão, procurei selecionar textos amplos, capazes de dar uma visão geral de problemas e pesquisas em diferentes áreas da psicologia da criança” (LEITE, 2010, p. 14). Sua seleção de textos inclui teorias do desenvolvimento comportamentalista, psicanalítica e organísmica. Descreve, nos seguintes termos, como organizou o livro:

Dediquei uma grande parte à relação entre a criança e a vida social, pois este é um campo relativamente novo e muito sugestivo, capaz de renovar a nossa maneira de pensar a respeito da criança e de seus problemas na sociedade contemporânea. A seguir, selecionei textos que apresentam teorias globais do desenvolvimento, pois ainda hoje permitem um conhecimento preliminar e indispensável da criança. Nas duas partes seguintes do livro, escolhi textos referentes à vida intelectual e à vida emocional da criança, já que constituem duas áreas significativas para a compreensão do comportamento. Embora haja, atualmente, uma tendência para pesquisas mais delimitadas, sobretudo no que se refere à vida emocional, pensei que tais pesquisas só serão compreendidas dentro de um quadro mais amplo, e foi esse quadro que procurei apresentar. Finalmente, na última parte do livro, discuti alguns aspectos da criança retardada, cuja significação teórica e humana não precisa ser justificada (LEITE, 2010, p. 14).

O excerto acima mostra, mais uma vez, a preocupação didática e o interesse pela divulgação da ciência, tanto para estudantes quanto para professores. É ainda detalhista e cuidadoso, buscando abranger os temas

fundamentais da área, com textos que julgue de boa qualidade, afirmando que: “Quando não consegui um texto com a extensão e o nível de generalidade desejáveis, tive suficiente ousadia para apresentar o assunto” (LEITE, 2010, p. 14).

1.3. A Psicologia como ciência

Dante refletiu sobre o desenvolvimento histórico da Psicologia, principalmente em sua interação com a Filosofia (LEITE, 2009a). O autor situa o início da relação entre ambas as áreas no século XIX, sendo que a Psicologia se dedicava a estudar o espírito e era considerada ponto nuclear da Filosofia. Nesse mesmo período, ocorre um grande avanço científico decorrente da tentativa do homem de controlar a natureza. Cresce, então, o positivismo, que alcança também o estudo do ser humano e da psique. Em decorrência disso, ainda de acordo com autor, a Filosofia passa a perder espaço para a ciência, cuja aplicação é, em comparação, mais imediata. Esse movimento remete à crítica de Horkheimer (1937/1991) à teoria tradicional, fundamentada no modelo das ciências naturais, em que cientista e ciência reproduzem a ideologia e mantêm o *status quo*. Para o filósofo, as pesquisas realizadas dentro dessa perspectiva são eficientes para descrever com precisão a miséria do existente sem, entretanto, criticá-lo e buscar sua superação.

Algumas teorias da Psicologia adotaram o modelo científico positivista, que busca explicações para os fatos, realizando pesquisas com resultados previsíveis e úteis. Nesse caso, preservam e reproduzem o existente, de modo que a teoria assume uma função positiva. Contrariamente a essa perspectiva, o pensamento teórico crítico estabelece que o conhecimento científico não deve se adaptar a interesses exteriores a seu objeto, não tem a intenção de remediar problemas ou buscar soluções nessa estrutura social e não aceita como preestabelecidas as determinações sociais (HORKHEIMER, 1991). No lugar de procurar soluções que visem a adaptação à realidade vigente, para que ela funcione melhor, é imprescindível buscar formas de superá-la, estabelecendo um novo sistema social, em que sejam possíveis o esclarecimento e a emancipação.

Distanciando-se ainda mais dessa perspectiva, com a expansão científica positivista, surge a psicologia experimental realizada em laboratórios, como o de Wundt, “considerado o fundador do primeiro laboratório de psicologia” (LEITE, 2009a, p. 17), em Leipzig, Alemanha. Experimentos controlados eram realizados com o objetivo de estudar a percepção e as reações do organismo a estímulos externos. Dante reconhece os limites dessa prática científica e a “crítica feroz” (LEITE, 2009a, p. 17) que os filósofos teceram a ela, porém, entende que a Psicologia científica é necessária. Sustenta que essa ciência cresceu em um momento em que “os processos de industrialização e urbanização propunham problemas de seleção, aperfeiçoamento e relações humanas; a expansão do ensino exigia métodos mais práticos e mais eficientes” (LEITE, 2009a, p. 17-18).

O excerto acima indica a marcante característica existente no desenvolvimento científico no quadro das ciências modernas. Dante identifica um avanço que tem como objetivo atender a urbanização e a industrialização, demandas próprias do capital. O avanço científico é importante, na medida em que consolida a Psicologia como ciência, porém, associar esse avanço ao atendimento desse tipo de demanda, é uma regressão.

Nesse sentido, a Psicologia adere a um padrão de pensamento típico da racionalidade tecnológica, caracterizado pela eficiência padronizada, cujo objetivo é atender às demandas do aparato social (MARCUSE, 1941/1999). A Psicologia é, assim, convertida em tecnologia. O problema dessa conversão é que, ao visar as demandas da sociedade vigente, deixa de visar as necessidades humanas e individuais. A Psicologia científica que tem como objetivo acompanhar o desenvolvimento econômico e social, acaba por trabalhar no sentido da adaptação dos sujeitos a essa ordem, e não da autonomia e emancipação, essencialmente contrárias à estrutura social vigente. A ciência deixa de lutar contra a opressão individual e pelo racionalismo revolucionário, como no Iluminismo, conforme esclarece Marcuse (1999):

Os fatos que dirigem o pensamento e a ação do homem não são os da natureza, que devem ser aceitos para que possam ser controlados, ou aqueles da sociedade, que devem ser

modificados porque já não correspondem às necessidades e potencialidades humanas. São antes os fatos do processo da máquina, que por si só aparecem como a personificação da racionalidade e da eficiência (MARCUSE, 1999, p. 79).

Fica estabelecido, assim, nas palavras de Marcuse um “convívio pacífico com a ordem dominante” (MARCUSE, 1999, p. 83). Embora perceba e indique essa tendência, Dante não a critica, nem a defende, não discute o que há de regressivo no progresso científico. Indica apenas que é ingenuidade esperar de ciências humanas resultados imediatos. Para ele, a Psicologia científica “se revela por um estado de espírito novo” (LEITE, 1956/2009b, p. 31) no enfrentamento de problemas humanos. Estado de espírito que considera ingênuo, principalmente, quando espera respostas imediatas e diretas. Em sua discussão, valoriza os avanços na concepção de criança e do desenvolvimento infantil, por exemplo, que permitem pensar problemas até então pouco discutidos, como considerar a criança um ser em transformação, que requer cuidados específicos. Afirma que a Psicologia permite investigar, com rigor científico, aspectos da existência humana, o que implica um campo amplo de possibilidades e é esse aspecto que ele valoriza.

De qualquer forma, esse progresso espetacular da psicologia – influenciando na criminologia, na medicina, na arte e na crítica de arte, nas relações públicas e na assistência social – não satisfaz seus criadores. E quais as razões para essa insatisfação? Acaso não é a psicologia, entre as ciências, a que mais tem contribuído para modificar essa maneira de pensar? E não é para ela que todos se voltam, ao pensar em alguns dos maiores problemas na humanidade? Ora, é exatamente essa grandiosidade de problemas e expectativas que parece constituir um peso para os psicólogos e uma das razões pelas quais parecem tão insatisfeitos com sua ciência (LEITE, 2009b, p. 32).

O intelectual percebe na comparação com as ciências tradicionais, como a matemática, a física e a química, uma dificuldade enfrentada pelos psicólogos. Para ele, essa comparação implica duas premissas: a) existe apenas uma verdade e o tipo de pensamento válido para investigá-la em uma ciência deve valer também para as demais e b) do mesmo modo que as ciências naturais conseguem modificar os fenômenos investigados, as ciências humanas também podem modificá-los. Compreende que, por conta

do prestígio adquirido pelas ciências tradicionais, os psicólogos tentem seguir seus métodos e precisão (LEITE, 2009b). Nota-se que ele vê na comparação com as ciências naturais um problema, não no uso da Psicologia como ciência positiva, reprodutora do *status quo*. Quando elabora essas premissas, está se referindo a experimentos científicos e argumenta que, obviamente, a Psicologia não pode realizar experimentos com seres humanos por questões éticas. Infere-se que, por essa razão, na segunda premissa menciona que os fenômenos investigados não podem ser modificados.

1.3.1. Desenvolvimento da Psicologia no Brasil – criação dos cursos e regulamentação da profissão

Como já mencionado na Introdução, o avanço científico tem um aspecto regressivo, que tende a acompanhar e satisfazer as necessidades do capital e não as humanas e, muitas vezes, converte-se em técnica para exercer função de controle sobre os homens. É o caso do gerenciamento científico, que visa aumentar a produção e o lucro por meio da padronização da mão de obra. Esse sistema exige dos sujeitos ajuste e submissão em detrimento da autonomia (MARCUSE, 1999). Foi, em parte, seguindo essa tendência que a psicologia no Brasil cresceu consideravelmente, a partir de 1944, tanto no ensino quanto em aplicações nas necessidades da vida social, como a educação, a saúde mental e o trabalho. Tais necessidades cresceram em decorrência das mudanças econômicas, políticas, administrativas e sociais no país (LOURENÇO FILHO, 1969/2004). A industrialização demandava mão de obra e a Psicologia oferecia métodos de seleção de pessoal.

O primeiro curso de Psicologia de São Paulo foi aprovado em 1957, na USP, e tem início no ano seguinte. Essa aprovação foi conquistada, em grande parte, por meio das ações de Annita Cabral e alguns de seus assistentes, dentre eles, Dante Moreira Leite.

Annita Cabral foi uma figura fundamental tanto para a criação do curso de Psicologia quanto para a regulamentação da profissão de psicólogo. Ela foi professora e orientadora de Dante Moreira Leite que, depois de concluir o

curso de Filosofia, trabalhou como seu assistente, conforme já esclarecido anteriormente. Assim, Dante se refere a ela:

A grande influência que aí recebi foi indiscutivelmente das aulas de Annita de Castilho e Marcondes Cabral, tanto nos cursos regulares de Psicologia Social e Gestalt théorie, quanto, mais tarde, em seminários de leitura. Penso não estar muito longe da verdade se disser que essa influência foi decisiva como orientação teórica, pois me deu os elementos que passei a utilizar, se não como método, pelo menos como perspectiva mais ampla para entender o domínio da Psicologia (LEITE, 1973, p. 3).

Por razão da relação que tem com o intelectual, é pertinente conhecer, pelo menos em parte, a trajetória de Annita Cabral. Ela cursou a Escola Normal, Aperfeiçoamento Pedagógico e faculdade de Filosofia, na USP e, durante os cursos, teve contato com a Psicologia. Depois de terminar a faculdade, estudou Filosofia e Ciências Sociais nos Estados Unidos, com Kurt Koffka, que faleceu enquanto ela era sua aluna, e, depois com Max Wertheimer, que reconhece como grande influência. Tanto Koffka quanto Wertheimer foram gestaltistas – de acordo com Dante Moreira Leite (1956/2009a), dois dos mais notáveis nomes da área, que imigraram da Alemanha para os EUA, expulsos pelo nazismo. Essa influência foi marcante na obra do autor. Para ele, esses intelectuais alemães e austríacos levam consigo um modo de pensar e um universo mental que inclui as disputas filosóficas acerca do vitalismo, positivismo, historicismos, fenomenologia e, principalmente, contra o elementarismo na Psicologia, que cresceu na Alemanha com Wundt. Essa forma de pensar marca o intelectual, que costuma realizar suas análises com esse mesmo tipo de tensão – entre teoria e prática, teoria e pesquisa – e adota a Gestalt como referência teórica.

Quando retorna ao Brasil, Annita Cabral decide criar condições para que a Psicologia científica se desenvolvesse no país, tarefa à qual dedicou sua carreira. Sendo professora do curso de Filosofia da USP e tendo assumido a tarefa de lutar pela Psicologia, encontra desafios e dificuldades, por ela relatados:

Estávamos em uma situação crítica, de não ter nem onde nos sentar. Doutor André Dreyfus [Diretor da Faculdade] trouxe Klineberg, que também não tinha lugar, apenas em sala de

aula. Então, Doutor Dreyfus cedia sua mesa de Diretor, que também não era muito confortável, para que Klineberg escrevesse, quando necessário, nesse primeiro ano (CABRAL, 1982, p. 4-14-16).

Depois de algumas tentativas frustradas, em 1957, consegue a aprovação para a criação do curso de Psicologia na USP (BAPTISTA, 2010). Alguns dos assistentes de Cabral participaram desse movimento, dentre eles, Dante Moreira Leite, depois de retornar do estágio de pós-doutoramento nos EUA (SCHMIDT e NEVES, 2002).

Até a aprovação da Lei nº 4.119, em 1962, que regulamenta a profissão de psicólogo, foi realizada uma série de debates, encontros e associações de profissionais da área foram fundadas, com o objetivo de debater os temas da profissionalização e formação. Havia divergências entre propostas e também conflitos de interesses – por exemplo, divergências entre profissionais de São Paulo e do Rio de Janeiro, conflitos com a classe médica, que reivindicava a prática da psicologia clínica, sendo que dentro da própria psicologia brasileira havia grupos que defendiam a posição de que a psicoterapia deveria ser subordinada à Medicina (CASTRO e GHIRINGHELLO, 2011). Existem publicações que descrevem minuciosamente esses processos, por exemplo, Baptista (2010) e Schmidt *et al.* (2010).

Em 1953, Annita Cabral, então, presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo¹⁵, propôs a realização do I Congresso Brasileiro de Psicologia, realizado em Curitiba (CABRAL, 1982). Um dos resultados do evento foi a criação de uma comissão, que incluiu profissionais de diferentes estados brasileiros e assumiu a tarefa de tratar da regulamentação do curso e da profissão. Em 1957, a Sociedade de Psicologia de São Paulo promoveu reuniões para discutir esse tema. Os participantes foram, dentre outros, Annita Cabral e Dante Moreira Leite (BAPTISTA, 2010).

Em 1958, a Comissão de Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura elaborou o Projeto de Lei nº 3825-A, que discorria sobre a formação

¹⁵ A Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP), fundada por Annita Cabral em 1945, teve seu nome alterado em 2004 e, atualmente, se denomina Associação de Psicologia de São Paulo (ANGELINI, 2011).

de psicólogos no Brasil. O Projeto previa que a prática e o ensino de psicologia clínica seriam atribuições da Medicina e não da Psicologia. O Projeto determinava que os psicologistas, denominação prevista para o profissional licenciado em Psicologia, poderiam organizar e dirigir serviços de Psicologia aplicada à educação e ao trabalho, mas não em serviços de clínica. Nesse caso, poderiam exercer a função de assistentes técnicos, ficando subordinados a um médico. Até mesmo os serviços de psicologia clínica, que viessem a ser oferecidos pelas faculdades, deveriam ser dirigidos por médicos especializados em psiquiatria (ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA, 1959; BAPTISTA, 2010).

Além desse, havia outros pontos de divergência, por isso, em São Paulo, foi organizada uma comissão para discutir o projeto. A decisão final foi apresentar um Substitutivo ao Projeto de Lei nº 3825-A, que foi enviado em nome da Associação Brasileira de Psicólogos e da Sociedade de Psicologia de São Paulo (REVISTA DE PSICOLOGIA NORMAL E PATOLÓGICA, 1958; BAPTISTA, 2010). A Justificativa do Substitutivo foi escrita por Dante Moreira Leite. Assim Annita Cabral descreve esse momento:

Pensei que deveríamos fundar uma Associação [Brasileira de Psicólogos] pequena, para que pudéssemos opinar e que tivesse, em seu quadro, pessoas com formação mais elevada. Como saiu esse projeto lá no Ministério, fraco, a nosso ver, propus apresentarmos um substitutivo. Reuni a todos, Odette Lourenção era presidente da Sociedade de Psicologia nessa época, discutimos, com boa vontade. No momento da justificativa, eu não queria aparecer, dei a Dante Moreira Leite, que fez uma justificativa primorosa, bateu nos pontos principais. Então, encaminhei aquele substitutivo para a Câmara, não sei quem era o Presidente da Comissão de Educação. [...] A justificativa de Dante estava tão bem feita, que Aducto [Cardoso, relator] entendeu bem nossas intenções. Queríamos uma formação de nível superior. [...] O substitutivo de São Paulo derrotou o projeto do Ministério. São Paulo teve o primeiro curso de Psicologia. Foi um trabalho de todos. A instituição da profissão se deu em nível Federal (CABRAL, 1982, p. 4-24).

O Substitutivo expõe as disciplinas a serem ministradas em cada série do curso, elencando um número maior de disciplinas em relação ao Projeto originalmente proposto; estabelece a obrigatoriedade de estágios e de que os

alunos se submetam à psicoterapia desde o começo do curso. A Justificativa que acompanhou o Substitutivo, reafirma a necessidade de formação profissional de psicólogos, decorrente das condições de vida da sociedade contemporânea, que demandam crescentemente os serviços por ele prestados, e do desenvolvimento científico e técnico do momento. As críticas ao Projeto nº 3.825/1958 são: este não atende às exigências de formação para o estabelecimento de um currículo adequado, a correta regulamentação profissional e nem as necessidades de desenvolvimento científico da profissão.

Com efeito, se o que se deseja é a organização de grupo de nível universitário quanto ao conhecimento, e de respeitabilidade social quanto ao exercício profissional, será necessário que o curso de Psicologia possa equiparar-se aos de outras carreiras liberais, e que o psicólogo, uma vez diplomado, exerça os seus misteres com inteira responsabilidade, sem o patrocínio ou tutela de outros profissionais (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 397).

Observa-se, na Justificativa, a relevância que Dante atribui ao aspecto científico da Psicologia e às pesquisas da área:

A Psicologia vem adquirindo significação intelectual e importância social à medida que os seus resultados se fundamentam na pesquisa e nos métodos científicos. Os psicólogos superaram, através desses métodos e dessas pesquisas, o sentido exclusivamente humanístico da Psicologia do passado, e a improvisação dos leigos que permanece até nossos dias (...) A formação de um psicólogo – no sentido contemporâneo da palavra – não deve, obrigatoriamente, deixar de lado a Psicologia clássica, mas precisa fundamentar-se, de maneira ampla e arejada, no conhecimento científico de nossos dias (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 398).

Com esse argumento, o intelectual defende a ênfase nas disciplinas científicas, demandando o aumento de tempo do ensino que algumas disciplinas e a obrigatoriedade de outras:

Por isso o presente substitutivo faz exigências severas quanto ao currículo: a Psicologia Experimental, a Estatística, a Fisiologia, são estudadas durante dois anos, no curso de bacharelado. As disciplinas psicológicas mais amplas – como

Psicologia Social, Diferencial, da Aprendizagem, da Personalidade – são estudadas obrigatoriamente (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 398).

Em relação à correta regulamentação profissional, a Justificativa estabelece que é imprescindível que a lei defina claramente direitos e responsabilidades do psicólogo e aponta erros do Projeto original, que estava em tramitação, tais como dividir a profissão em dois níveis: o psicologista e o psicologista-auxiliar. Sugere uma única profissão e que seja denominada “psicólogo”:

Deu-se preferência, neste substitutivo, à palavra psicólogo, mais de acordo com nossa tradição vernácula; a palavra psicologista – empregada no projeto executivo – parece inovação desnecessária (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 398)

Menciona como o erro mais grave do projeto a atribuição de serviços de psicologia clínica exclusivamente a médicos e descreve uma série de argumentos que justificam porque devem ser realizados por psicólogos, tais como a especificidade dos serviços e o tempo de formação que cada curso oferece à psicologia clínica.

O Substitutivo prevê ainda a psicoterapia do estudante, sustentando que é indispensável para a formação do psicólogo, para que possa orientar e auxiliar seus clientes, e é uma prática consolidada em outros países:

É hoje ponto pacífico que ninguém pode se psicólogo clínico sem ter-se submetido a psicoterapia; é que, no caso da Psicologia Clínica, se o conhecimento intelectual é indispensável, não é suficiente. Ainda aqui, o projeto do Executivo mostra-se contrário à enorme experiência adquirida nos grandes centros de ensino de psicologia, não prevendo a necessidade de psicoterapia do estudante (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 400).

As propostas são justificadas pela relevância dos serviços oferecidos pela Psicologia, desde que as responsabilidades e direitos do psicólogo sejam claramente definidos e a formação de boa qualidade. Por fim, a Justificativa indica contribuições para o progresso do país:

Já em outros domínios do conhecimento, o nosso país foi imensamente prejudicado, economicamente, porque se

acreditou numa ciência de baixo custo, que consistisse apenas na **aplicação** do que foi estudado em outros países. No caso específico da Psicologia, essa **aplicação** (tão difícil em outras ciências) é praticamente impossível: as condições de nossas escolas e de nossas indústrias somente poderão ser efetivamente aprimoradas, se dispusermos de soluções cientificamente obtidas, a partir da análise de nossas condições concretas. Para que isso ocorra efetivamente, deve-se organizar um curso universitário de elevado nível, e dar aos psicólogos brasileiros a formação, as responsabilidades e os direitos de seus colegas de outros países (REVISTA DE PSICOLOGIA..., 1958, p. 400-401, grifos do autor).

No excerto, nota-se algumas características próprias de Dante, já descritas, tais como a crítica à transposição de conhecimento obtido em outros países para o Brasil, a defesa do conhecimento da realidade nacional por meio de pesquisas científicas e aplicação técnica da Psicologia.

Entretanto, essa não foi a versão final do Substitutivo. Após mais debates e sugestões de alterações no documento, no dia 05 de setembro de 1962 é publicada a Lei nº 4.119, de 27 de agosto do mesmo ano, que “Dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo”, descrevendo as atribuições do profissional e estabelecendo o currículo mínimo para o curso de formação (BRASIL, 1962). Em 1964, é publicado o Decreto nº 53.464, de 21 de janeiro, que regulamenta a Lei nº 4.119¹⁶.

Os próximos passos, dando continuidade à regulamentação, foram a criação dos órgãos fiscalizadores – o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais (CRP) – e do código de ética profissional. O código de ética dos psicólogos é aprovado em 1966, também depois de um período de debates até que fosse definido e aceito pelos profissionais, e em 1971 são criados os Conselhos de Psicologia.

Em 1965, Dante publica um artigo acerca da ética no exercício da profissão de psicólogo. Avalia que os temas dos quais a Psicologia se ocupa, como a experiência e o comportamento humanos, fazem parte também do domínio de outras áreas, não exclusivamente científicas, como a medicina, a educação, a família, a religião e a arte, e que tal interferência,

¹⁶ Vários artigos da Lei nº 4.119 foram vetados pelo presidente João Goulart.

inevitavelmente, gera conflitos (LEITE, 1965/2009c). Além dos conflitos entre áreas, o profissional também tem influência sobre a vida afetiva e inconsciente daqueles que procuram seu serviço, por esses motivos, sua atividade deve ser normatizada. Para justificar essa necessidade, recorre à Psicanálise:

A rigor, não existe solução para esse problema. A teoria de Freud, onde a questão aparece nitidamente, apresenta uma solução incompleta e, afinal, indefinida. Como supunha uma oposição inevitável entre os impulsos biológicos e a vida social, Freud imaginava também que a civilização representasse o triunfo das forças repressivas. Do ponto de vista ético, a teoria freudiana sugere, portanto, a submissão do indivíduo, pelo menos do indivíduo primitivo, diante das necessidades e obrigações sociais. Embora procure trazer à tona os impulsos antissociais, a intenção final de Freud parece ser o seu controle racional, isto é, sua neutralização (LEITE, 2009c, p. 66).

Vê-se que usa a Psicanálise para esclarecer que nem Freud oferece uma explicação de solução o problema da inevitabilidade dos conflitos, por isso a normatização é necessária. Parece que Dante quer chamar atenção para a responsabilidade do psicólogo, ressaltando que sua atuação tem consequências na vida das pessoas. Porém, o problema por ele levantado aparenta ter mais relação com as características da sociedade industrial do que com as pulsões hostis e agressivas da teoria freudiana. Como já mencionado na Introdução, o pensamento contemporâneo é marcado pela lógica da eficiência, e não desenvolve a consciência crítica. Uma das consequências desse tipo de pensamento é o desejo pela ordem disciplinadora, normatizada, para direcionar a ação das pessoas (MARCUSE, 1967). O comportamento deve ser ajustado para o funcionamento do aparato e isso acontece por meio da internalização da coerção e dos meios de controle, o que reforça os mecanismos de controle social (MARCUSE, 1999).

Além do código de ética, os Conselhos Regionais e Federal também têm a finalidade de disciplinar o exercício da profissão, conforme descreve a Lei nº 5.766, que dispõe sobre a criação e fins dos Conselhos:

Ficam criados o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia, dotados de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, constituindo,

em seu conjunto, uma autarquia, destinados a orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Psicólogo e zelar pela fiel observância dos princípios de ética e disciplina da classe (BRASIL, 1971).

Pouco tempo depois da criação dos Conselhos, em 1972, Dante defende a reivindicação dos psicólogos quanto à organização das entidades fiscalizadoras – os Conselhos Federal e Regionais. Ressalta as conquistas até o momento – a regulamentação do curso e da profissão –, decorrentes dos avanços científicos, tanto no Brasil quanto em outros países, e da crescente aplicação dessa ciência na escola, no trabalho e nas clínicas, e indica a criação dessas entidades como mais uma necessidade da Psicologia. Para ilustrar a função fiscalizadora dos Conselhos, Dante usa como exemplo a psicologia clínica, que ocupa papel de destaque na vida acadêmica e na prática profissional. Esclarece as diferenças entre a formação e atribuições da psiquiatria e da psicologia e destaca peculiaridades da prática clínica. Aqui, cabe destacar uma das características de Dante, sempre cuidadoso, em suas publicações e falas, no esclarecimento do papel, do alcance e atribuições da Psicologia, que procura definir com clareza e simplicidade.

Em relação à psicologia clínica, explica que os avanços no tratamento não podem ser medidos numa progressão regular, como acontece nas ciências naturais, e que tal campo de atuação envolve valores morais e religiosos, também dificilmente avaliados com os métodos das ciências naturais. Esclarece que, por conta dessa complexidade, a legislação deve aceitar novas formas de lidar com os problemas humanos. Lembra que dez anos antes, por essa razão, o curso foi regulamentado, estabelecendo um curso superior para um campo especializado, atendendo a exigências sociais e desenvolvimento científico, não somente no Brasil, mas em outros países também, que demandavam “o estudo sistemático da psicologia bem como suas aplicações na escola, no trabalho e nas clínicas” (LEITE, 1972, p. 3). Com isso, esclarece a relevância da regulamentação:

No entanto, essa relativa fluidez de conceitos não deve levar à suposição de que a psicologia clínica seja uma terra de ninguém da ciência, onde todos possam aventurar-se, dotados apenas de intuição, boa vontade ou disposição de

ajudar. Na verdade, é exatamente o oposto que ocorre: sem formação adequada, sem conhecimento de técnicas e sem um autoconhecimento indispensável, os psicólogos improvisados frequentemente podem causar mais mal do que bem.

O fato de haver várias tendências ou várias formas de tratamento na psicologia clínica não significa que todas sejam equivalentes ou igualmente aplicáveis, ou que algumas delas não exijam preparo especializado (LEITE, 1972, p. 4).

Dante endossa que o exercício da profissão na área clínica exige uma formação especializada, que o profissional se submeta à psicoterapia e também a testes de personalidade, como exigem as formações nos cursos das diferentes correntes teóricas. Para ele, a Psicologia, assim como outras profissões altamente especializadas, exige uma fiscalização também especializada, que, portanto, somente pode ser realizada por profissionais que tenham a formação adequada.

Este primeiro capítulo situa a atividade intelectual do autor em relação a sua formação e atuação profissional, ressaltando como tratou de questões educacionais e psicológicas, o papel de divulgador da ciência e a participação na regulamentação do curso e da profissão. Para dar continuidade à pesquisa, o capítulo seguinte trata especificamente dos estudos sobre ideologia e preconceito.

2. Os estudos de Dante Moreira Leite sobre ideologia e preconceito

O tema desta pesquisa é o papel social da Psicologia no Brasil, com potencial transformador da sociedade. O objeto de estudo é o papel que Dante Moreira Leite exerceu como intelectual, na história da Psicologia brasileira, conforme já mencionado, com destaque a três aspectos de sua atuação: a) seu trabalho como pesquisador nas áreas de Psicologia e Educação, para o conhecimento da realidade social do país e, conseqüentemente, a discussão de problemas nacionais, tendo em vista as contribuições que a ciência em questão pode oferecer; b) seu trabalho como divulgador da ciência, por meio da atividade de tradutor e atuação institucional e c) sua participação na regulamentação da profissão e do curso

de Psicologia.

Prosseguindo com o estudo, este capítulo contém o objetivo e a hipótese de pesquisa, o método empregado e a apresentação e discussão dos dados, tratados por meio da descrição e análise das pesquisas do autor, selecionadas como fonte para análise.

2.1. Objetivo e hipótese

O objetivo desta pesquisa é identificar como são desenvolvidos os conceitos de preconceito e ideologia ao longo da obra de Dante Moreira Leite, já que os estudos acerca desses temas são consideradas suas principais contribuições para a Psicologia Social brasileira. A hipótese é que a definição de ideologia que o intelectual emprega limita sua análise crítica acerca do preconceito e da própria ideologia, pois, toma a realidade como dada, de modo que suas elaborações teóricas se voltam mais para a adaptação à realidade do que à sua transformação.

Dante não se ateuve apenas à Psicologia para fazer suas análises e incorporou o conhecimento de outras áreas para debater as questões que se propôs a estudar, escapando do chamado *psicologismo*, conforme mencionado no item 1 deste estudo. Parece que ele assim o fez, com habilidade e profundidade. Entretanto, de acordo com a hipótese, sua análise avança até um limite em que a crítica cessa e, por fim, o que propõe como soluções são formas de adaptação e não de superação dos problemas por ele levantados. É como se ele entendesse que a sociedade somente pode ser essa que aí está e, diante disso, o conhecimento produzido pela Psicologia poderia ajudar a minimizar danos ou contornar problemas intransponíveis, sem transformá-la. Desse modo, as soluções seriam, portanto, de ajuste à realidade.

2.2. Método

A descrição do método retoma o caminho percorrido para responder à pergunta inicialmente proposta, acerca do potencial de crítica social presente

no conhecimento produzido pela Psicologia. Primeiro, definiu-se que a verificação seria realizada por meio da análise da obra de um autor significativo para a história da ciência em questão no Brasil, Dante Moreira Leite. As razões para a escolha já foram esclarecidas na Introdução e no primeiro capítulo.

Para delimitar o tema de pesquisa, foi necessário aprofundar o contato com a produção científica do intelectual. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico em busca de material produzido por ele e também por outros autores que escrevessem sobre sua obra ou seu papel no desenvolvimento da psicologia brasileira. Com essa finalidade, visitas foram realizadas ao Acervo Dante Moreira Leite, localizado no Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH), da USP, composto por material doado por sua esposa, Miriam Lifchitz Moreira Leite. O Acervo contém 1.559 documentos, com 14.873 páginas, abrangendo o período de 1902 a 1990. Trata-se de materiais produzidos, recebidos e coletados pelo intelectual, documentos pessoais e profissionais, correspondências, artigos de jornais e revistas. O Memorial para o concurso de Professor Titular, disponível na biblioteca do IP-USP, que, a propósito, leva o nome do intelectual, também foi consultado.

Com isso, foi possível identificar o fio condutor que percorre a obra do pesquisador – o estudo do preconceito e da ideologia. Ambos os conceitos estão presentes em suas pesquisas desde os primeiros artigos que publicou, em 1950 (LEITE, 2008a, 2008b), e de sua tese de doutoramento, defendida em 1954, publicada como Boletim nº 230/Psicologia nº 7, em 1959 (LEITE, 1959), revisada, ampliada e publicada na forma de um livro em 1969¹⁷ (LEITE, 1969/1983).

Esses estudos, realizados em diferentes momentos da trajetória do intelectual, analisam não só a sociedade brasileira, mas, também, a forma como essa realidade é retratada na literatura nacional, com foco sobre os dois conceitos mencionados: preconceito e ideologia. Além desses elementos comuns, os citados estudos também revelam o desenvolvimento de Dante como pensador e pesquisador, que retoma os conceitos de forma ampliada e

¹⁷ Foi utilizada, nesta pesquisa, a 4ª edição, de 1983.

aprofundada, conforme avança na compreensão e no domínio dos temas de seu interesse. Portanto, sustenta-se que essas obras são representativas de seu pensamento e sua produção intelectual, isso é, de sua contribuição para a produção de conhecimento da Psicologia e, por isso, são escolhidas como fonte de pesquisa.

O tratamento dos dados consiste na análise das obras selecionadas, à luz da teoria crítica da sociedade, buscando analisar como o autor desenvolve os conceitos de ideologia e preconceito. Já que a definição dos conceitos evolui com as pesquisas do intelectual, apresentam-se juntas, no capítulo 2, definições e descrições das pesquisas. A análise acompanha as descrições, pois, diz respeito aos resultados e a discussão elaborada pelo autor. Desse modo, o método de exposição, neste estudo, difere do método de investigação, conforme Marx sustenta:

Sem dúvida, deve-se distinguir o método de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori (MARX, 1867/2013, p. 90).

A decisão de apresentar os dados junto com análises que adotam a teoria crítica da sociedade como referência foi tomada tendo em vista o método de exposição, com a intenção de facilitar a leitura, evitando repetições ou separações de conteúdo desnecessárias. É importante ressaltar que o objetivo de verificar como Dante desenvolve os conceitos de ideologia e preconceito foi mantido, sem a intenção de confirmar ou não seu pensamento pelo referencial adotado. O que a teoria oferece são subsídios para verificar como o pesquisador realiza a crítica social.

2.3. Estudos sobre ideologia e preconceito

O pesquisador, em 1950, parte do exame dos conceitos morais transmitidos por meio dos livros didáticos e constata que o preconceito e o

patriotismo estão frequentemente presentes nas histórias, fato que merece destaque e um estudo específico. Por isso, realiza uma segunda pesquisa, no mesmo ano, analisando como esses conceitos são apresentados nas histórias. As conclusões, detalhadas adiante, o levam pensar sobre a necessidade de realizar um estudo sobre as ideologias presentes no pensamento da época, para entender o que faz com que os autores de livros didáticos apresentem a realidade de forma distorcida, permeada pelo preconceito e valorizando o patriotismo. É assim que chega à pesquisa sobre o caráter nacional brasileiro, relatada em sua tese de doutoramento, de 1954. Nota-se que, no entendimento do autor, a associação entre patriotismo e preconceito é preocupante, pois, pode conduzir ao nacionalismo. Em 1950, o intelectual escreve:

Nosso interesse em reunir cor local, amor à pátria e patriotismo numa só pesquisa – em vez de se pesquisar apenas o patriotismo – partiu de nossa observação de que o amor à pátria, como o ódio a um país estrangeiro se baseia, implícita ou explicitamente, consciente ou inconscientemente, numa determinada ideia que se tem de seu próprio país ou desse país estrangeiro que se detesta (LEITE, 2008b, p. 235).

Também afirma que o etnocentrismo é uma atitude social do preconceito, “em que os hábitos de outros povos, porque diferentes, são encarados como piores ou errados” (LEITE, 2008b, p. 212). Em 1969, afirma que:

De um ponto de vista rigorosamente lógico, o nacionalismo implica uma exaltação das qualidades de um povo, o que leva inevitavelmente à comparação com outros, então considerados inferiores. É que o nacionalismo, entendido como força política, nunca pode ser apenas uma análise objetiva das características nacionais e, além disso, suporia sempre uma afirmação de poder e grandeza (LEITE, 1983, p. 11).

O pesquisador considera tanto o preconceito, bem como algumas de suas manifestações, como o etnocentrismo, quanto o nacionalismo e o racismo, concepções fundamentadas em ideias não científicas, mesmo que aparentem ser científicas ou aparentem lógica. Trata-se de distorções da

realidade que podem conduzir a comportamentos preconceituosos, o que pode ter consequência mais ou menos graves, dependendo da forma e intensidade com que são expressados.

2.3.1. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros – 1950

Conceito moral é assim definido pelo autor: o que é classificado como bom ou mal em relação ao comportamento humano. Considera que o exame desse conceito é:

um estudo sociológico, se examinamos esses conceitos no seu aspecto social e nas variações ou uniformidades de tempo e lugar.

Mas os conceitos morais têm também um outro aspecto, psicológico, que é o da sua aceitação ou rejeição pelos indivíduos, o da sua prática ou simples aceitação verbal (LEITE, 2008a, p. 171).

No aspecto psicológico, que inclui a aceitação ou rejeição dos valores morais, por parte dos indivíduos, bem como a prática em suas atitudes, considera que pode haver diferença entre a aceitação abstrata e a atividade concreta, fazendo com que os sujeitos aceitem os valores, mas não ajam de acordo com eles. Entende que o estudo psicológico pressupõe o sociológico, já que a aceitação ou rejeição individual refere-se a valores de ordem social, entretanto, ressalta que essa separação acontece apenas no campo de investigação, ou seja, não se trata de duas naturezas distintas (LEITE, 2008a).

A preocupação do intelectual é a transmissão de ideais, de forma consciente ou inconsciente, aos leitores dos livros didáticos. Parte da premissa de que o material didático aprovado e adotado pelas instituições de ensino "apresentam os valores morais que uma sociedade ou um grupo social pretendem transmitir pela educação" (LEITE, 2008a, p. 172). Sua hipótese é de que existe uma intenção moralizadora e, por isso, seus autores deformam a realidade, ajustando-a ao quadro de conceitos morais a serem transmitidos. Fica clara a remissão ao conceito de ideologia – no sentido de ocultamento da realidade com intuito de inculcar ideias específicas –, embora,

nesse momento de sua produção acadêmica, o autor não defina esse conceito. Ocupa-se de tal definição, discutida detalhadamente em seguida, com base em seus estudos acerca do caráter nacional.

A fonte de pesquisa sobre os conceitos morais são seis livros didáticos infantis (ver Anexo IV) escritos por autores brasileiros, para escolas brasileiras, compreendidos em um período de aproximadamente cinquenta anos (1890 a 1940), sendo que algumas datas de publicação não puderam ser confirmadas pelo pesquisador (LEITE, 2008a).

O método de pesquisa consiste em: a) analisar se cada história dos livros é moralmente neutra ou tem intenção moralizadora; b) se for uma história moralizadora, examinar se os conceitos são expressos diretamente ou indiretamente, considerando apenas aqueles que podem ser deduzidos com tanta clareza que não reste dúvida quanto ao conteúdo moralizante; havendo alguma dúvida, o conceito não é considerado no estudo; c) catalogar os conceitos morais, que são denominados de “virtudes” quando se referem a comportamentos valorizados, considerados positivos, e de “erros condenados” quando remetem a comportamentos considerados negativos (LEITE, 2008a).

As relações extraídas da análise são: I – a) proporção do número total de lições com o número de lições que trazem conceitos morais; b) virtudes que aparecem nas histórias; c) erros condenados que aparecem nas histórias; d) a forma como os conceitos são apresentados e e) confronto dos conceitos para verificar se há alguma contradição entre eles; II – comparação entre os autores examinados (LEITE, 2008a).

Para evitar a interferência dos valores do pesquisador, foram catalogadas todas as normas e juízos que se referissem à conduta humana (LEITE, 2008a). O autor apresenta críticas às falhas identificadas no método, das quais se destaca a margem de subjetivismo na avaliação, argumentando que maior rigor, provavelmente, tiraria a oportunidade de discutir uma parte importante dos livros didáticos.

A hipótese é que, por se tratarem de livros para a infância, com intenção moralizadora, os autores deformam a realidade que conhecem. Para verificar a validade da hipótese, o pesquisador identifica, nas histórias,

se a realidade que contém os conceitos morais é ou não distorcida para ensiná-los (LEITE, 2008a).

Após a análise, o autor constata que os livros não indicam um ideal para a criança, explicando o que deveriam fazer, o mundo ideal aparece como dado, já realizado. Por isso, infere o pesquisador, os livros não mostram os comportamentos mais chocantes para a sociedade – não há referência a sexo e nem a faltas graves, como roubo e assassinato. Apenas os erros mais tênues aparecem para ser condenados. Os livros, longe de possibilitarem uma experiência formativa, em que existe reflexão sobre as atitudes dos personagens e acontecimentos das histórias, selecionam apenas alguns aspectos da realidade. Selecionam também um modelo de criança, que é retratada como ser racional, consciente de suas atitudes, de modo que, quando se comporta mal, tem compreensão do que faz e a intenção do mal. Já o adulto, é sempre bom e bem intencionado (LEITE, 2008a).

As características comuns da infância encontradas nos livros analisados são assim resumidas pelo pesquisador: a) uma infância vista poeticamente; b) uma infância ideal, vista cometendo faltas menos graves socialmente; e c) uma infância racional, que tem consciência do bem ou do mal que está fazendo (LEITE, 2008a).

As virtudes e os erros condenados são organizados em duas tabelas: respectivamente. A tabela contendo as virtudes foi adaptada para esta pesquisa, e é apresentada mais adiante. Os seis livros contêm, no total, 387 lições, sendo que, deste total, 194 contêm conceitos morais. O pesquisador não identifica uniformidade nos conceitos ensinados, o que se observa pela variedade e baixo número de vezes que cada um aparece.

As virtudes mais frequentes são o Patriotismo (aparece um total de 26 vezes nos livros), seguido do Trabalho (aparece 24 vezes), da Caridade (15 vezes) e do Estudo (13 vezes). As demais, aparecem menos de 10 vezes. O pesquisador faz uma análise geral dos dados, com foco sobre a verificação da hipótese quanto ao falseamento da realidade, sem se deter em cada um dos conceitos morais. No entanto, alguns dados chamam a atenção, por isso são destacados, a seguir.

O fato da virtude Trabalho aparecer 24 vezes, sendo a segunda mais

frequente nas lições, parece significativo. Nota-se que Bondade aparece 3 vezes, Honra, 1 vez e Amizade, 1 vez, sendo pouco frequentes, revelando que são valores preteridos, o que é típico da sociedade atual, que fomenta individualismo e competição em vez de solidariedade, em que a preocupação maior é garantir a própria sobrevivência (ADORNO, 2011). Virtudes como Heroísmo, que aparece 6 vezes, Obediência, também 6 vezes e Tenacidade, 5 vezes, são mais frequentes do que Justiça, que aparece 4 vezes, Paz, 2 vezes e Liberdade, 2 vezes. Nota-se que as histórias reproduzem o clima social, em que a obediência é mais valorizada do que a liberdade, pois, os indivíduos devem ser controlados e se adaptar às condições vigentes, para que sejam perpetuadas, de modo que:

aqueles que sofrem pela pressão social podem, frequentemente, tender a transferir essa pressão para cima de outros, em vez de dar as mãos a quem é seu companheiro na situação de vítima¹⁸ (ADORNO *et al.*, 1969, p. 612, tradução da autora).

De acordo com Horkheimer, “a crença de que sempre deve haver um superior e um inferior e que obediência é uma necessidade, constitui um dos mais importantes fatores culturais nas forças dinâmicas que moldam a sociedade”¹⁹ (1936, p. 900, tradução da autora).

Dante (LEITE, 2008a) identifica valores que indicam atitudes em relação à pobreza que também merecem ser destacadas. Orgulho da pobreza (aparece 1 vez), Alegria o pobre (1 vez), Proteção ao pobre (1 vez). Na tabela de erros condenados, Preconceito contra a pobreza aparece uma vez. Nota-se uma atitude de condescendência, que o pesquisador destaca apenas em relação ao negro, no segundo artigo, como detalhado adiante. É mais um tipo de conceito que endossa a realidade: não se pensa em erradicar a pobreza, mas sim torná-la motivo de orgulho, alegrando e protegendo o sujeito que se encontra nessa situação, considerando que essa

¹⁸ “... those who suffer from social pressure may frequently tend to transfer this pressure onto others rather than to join hands with their fellow victims” (ADORNO, *et al.*, 1969, p. 612).

¹⁹ “... the belief that there must always be a superior and an inferior and that obedience is a necessity, constitutes one of the most important cultural factor in the dynamic forces that shape society” (HORKHEIMER, 1936, p. 900).

persiste naturalmente.

Os erros condenados, que têm frequência muito menor que as virtudes nas lições, também foram identificados e classificados. Os mais encontrados são: a ambição, o cigarro, a vingança, o preconceito de raça e a escravidão, sendo que cada um deles aparece duas vezes no total das lições.

Por conta da relevância que a frequência do Patriotismo tem para o pesquisador, esse dado é reproduzido na Tabela 2, a seguir, que mostra o número de lições por livro e o total de lições; o número de lições com conceitos morais por livro e o número total; o número total de lições em que aparece o Patriotismo e a porcentagem das lições com essa virtude em relação ao total de lições dos livros e às lições com conceitos morais. Vê-se que, dentre os 6 livros, 4 apresentam o Patriotismo como conceito moral, perfazendo um total de 26 lições.

Tabela 2. Aparecimento de Patriotismo e outros conceitos morais como temas das lições em seis livros didáticos

Patriotismo e outros conceitos morais	Livros didáticos						Total
	1	2	3	4	5	6	
Total de lições nos livros	81	71	74	38	51	72	387
Total de lições nos livros com conceitos morais	37	32	46	15	39	25	194
Total de lições com Patriotismo	-	-	5	1	10	10	26
Incidência de Patriotismo em relação a:							
a) total de lições dos livros	-	-	6,76	2,63	19,61	13,89	6,72
b) total de lições com conceitos morais	-	-	10,87	6,67	25,64	40	13,40

Fonte: adaptada de LEITE (1950a/2008a, p. 197-198).

Nota: “-“ equivale a zero.

Embora o autor não tenha especificado isso nos artigos, pode-se inferir que associou o aparecimento da virtude Patriotismo ao aparecimento do erro condenável Preconceito racial, e considera essa relação merecedora de discussão. Por isso, realizou a segunda pesquisa, apresentada em seguida,

em que analisa mais detalhadamente esses dois conceitos.

A conclusão a que chega é que a aceitação desses valores morais tem, em suas palavras, "consequências desastrosas para as crianças" (LEITE, 2008a, p. 203). A primeira delas é gerar antagonismo em relação às crianças que não aceitam os mesmos conceitos e, portanto, têm uma escala de valores diferente. Esclarece que, na escala de valores das crianças, os colegas com melhores avaliações são aqueles mais capazes nas lutas entre eles e nas brincadeiras e aqueles que conseguem ludibriar os valores dos adultos. A segunda consequência é o choque sofrido pela criança ou adolescente quando descobre o mundo real, que lhe era omitido até então. O conflito maior está, porém, na distância entre os valores aceitos abstratamente e os empregados na ação:

Donde as crianças aceitarem verbalmente aqueles conceitos, serem capazes de *julgar* corretamente segundo eles, mas incapazes de agir de acordo com esses mesmos valores que empregam ao julgar (LEITE, 2008a, p.204, grifos do autor).

Isso acontece porque os valores morais lhes são incutidos em fórmulas prontas, que indicam o comportamento valorizado e o condenável, sem que haja tensão, discussão ou reflexão sobre os temas. Se houver alguma reflexão, ela acontece em relação a uma realidade falseada. O pesquisador observa ainda que a realidade parece inquestionável, havendo "uma atitude de conformismo diante da situação social – situação econômica, divisão em classes" (LEITE, 2008b, p. 220). Portanto, a realidade que retratada nos livros é distorcida e inquestionável.

Constata que os livros, além de mostrar uma realidade falsa, omitem determinados temas que já aparecem na infância, tais como a sexualidade, "a perseguição do mais fraco pelo mais forte, as relações homossexuais na infância" (LEITE, 2008a, p. 205). O intelectual sustenta que a omissão desses temas nas histórias é significativa, pois deforma a realidade que já faz parte da vida das crianças. Essa omissão implica, no entanto, algo mais profundo: deixa de discutir temas essenciais para a formação, que são igualmente essenciais para a sociedade. Uma das características da sociedade industrial é a frieza, decorrente da pressão que a civilização impõe e do fato de as

peças tenderem a amar mais objetos tecnológicos do que umas às outras. A frieza leva à indiferença em relação ao que acontece com os demais. Essa configuração é bastante perigosa, uma vez que abre caminho para o preconceito e para a repetição da barbárie. Considerando que o caráter já está em formação na primeira infância, esse é um momento precioso para que, por meio da educação, esses mecanismos sejam esclarecidos e para que se promova a solidariedade (ADORNO, 2011).

Nota-se que a leitura desses livros didáticos não constitui uma experiência formativa, na medida em que transmite valores, sem promover reflexão e apresenta uma realidade falsa. Essa configuração favorece a adesão ao preconceito, que implica a aceitação acrítica de um conjunto de ideias. Essas condições tornam as pessoas suscetíveis à propaganda ideológica, conforme descrevem Horkheimer e Adorno (1973) ao se referirem ao estudo *Prophets of deceit (Profetas da enganação)*. Escrevem:

A todo o momento, os instrumentos de propaganda do tipo nazista são rígidos estereótipos de pensamentos e repetições constantes. Com esses meios, as reações vão sendo gradualmente embotadas (...) e as resistências da consciência são minadas (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 174).

Assim, o sujeito incapaz de refletir sobre as informações que recebe, absorve a propaganda tal como lhe é apresentada. Desse modo, a realidade lhe parece inquestionável, o que Dante também observa nas histórias. Do ponto de vista da teoria crítica essa aceitação também tolhe o pensamento crítico, o que, por sua vez, impossibilita a mudança social, já que a sociedade é vista como dada e sequer são vislumbradas outras possibilidades.

O pesquisador sintetiza os resultados dessa forma: 1) a aceitação de valores pode ter consequências desastrosas para a criança, dentro da própria escola; 2) sem conseguir praticar os valores que aprende verbalmente, julga de acordo com esses conceitos e forma uma expectativa do mundo que se desvanece ao entrar na adolescência (LEITE, 2008a).

Observa-se que a síntese se reduz ao âmbito psicológico e do desenvolvimento infantil. Porém, uma série de implicações decorrentes da aceitação dos conceitos encontrados nas lições não é discutida, de modo que

as consequências para a sociedade não são contempladas. O intelectual procede dessa maneira por entender que essa é a parte do estudo que cabe à Psicologia. Conforme define no início do artigo, considera esse estudo psicológico, na medida em que avalia a aceitação dos valores pelo indivíduo. Seria uma pesquisa sociológica se avaliasse os aspectos sociais.

Esse tipo de ensino, que exerce função ideológica, serve para a manutenção e perpetuação da ordem social. Além de falsear a realidade, transmite conformismo e, o que é ainda pior, preconceito. As crianças poderão se tornar adultos conformados à realidade e à pressão social, indiferentes e, até, hostis em relação ao outro. Essa configuração enfraquece o sujeito, favorece o preconceito e a adesão à propaganda. Essas condições não só mantêm a realidade como também abrem possibilidades para que sistemas totalitários se instalem.

2.3.2. Preconceito e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros – 1950

O artigo começa com uma introdução, em que são definidos os conceitos analisados, seguida da análise de cada um dos seis livros – os mesmos examinados anteriormente –, em que são apresentadas as formas como os conceitos são encontrados, acompanhadas da interpretação do pesquisador, com exemplos extraídos das histórias. Depois, o autor sintetiza em dois itens as atitudes encontradas, primeiro em relação às raças e, em seguida, em relação ao amor à pátria e ao patriotismo e as referências das histórias à cor local. Por fim, apresenta suas conclusões. Sua hipótese é que lições aparentemente neutras contêm preconceito racial e deformação da realidade brasileira (LEITE, 2008b).

Dante elabora uma explicação para a existência de teorias racistas numa época em que o desenvolvimento científico era menos avançado, afirmando que as teorias são tentativas de compreender os fenômenos e só podem corresponder ao estado das ciências no momento em que são criadas, ou seja, quanto mais antiga a teoria, menor o avanço científico da época e maior a fundamentação em crenças. Esclarece:

Por isso nos parece que é muito mais fácil ver uma relação entre civilização e raça que entre civilização e cultura (que é um conceito que exige maior maturidade científica e maior conhecimento histórico). O que não afasta a possibilidade de que tais doutrinas se fundassem em razões ilógicas e anticientíficas (LEITE, 2008b, p.210).

Do modo semelhante, o preconceito também “é contraditório ou fundado em razões extra fenomenais”, visto que, mesmo que assuma uma forma lógica, é infundado (LEITE, 2008b, p.211). Chama a atenção do pesquisador o fato de ser encontrado nas histórias, porque, supõe, os autores dos livros didáticos são intelectualizados e, portanto, deveriam “*dar* uma apreciação *científica* ou *racional* dos fenômenos” (LEITE, 2008b, p.212, grifos do autor). De fato, como se verá na pesquisa sobre o caráter nacional, no período analisado por Dante, predominam teorias racistas e a concepção de que a vida psíquica determina a vida social, mas, isso ainda não é alvo do interesse do autor. Então, não é surpreendente que os livros didáticos reproduzam o pensamento corrente, entretanto, é grave para a formação dos sujeitos e foi esse o aspecto que o preocupou.

Em sua observação, o preconceito é apresentado, nas histórias, como algo natural e corriqueiro, ou seja, não se apresenta especificamente o conceito de preconceito para as crianças, mas ele está presente nas situações descritas.

Os conceitos para a análise do patriotismo são: a) cor local, que é a caracterização de um ambiente, seja brasileiro ou não, real ou falseado, mas que permita localizar a história, é a realidade que o autor supõe para a valorização de sua pátria; b) patriotismo, definido como um sentimento exclusivista, em que o próprio país é colocado como o melhor e o maior do mundo; c) amor à pátria, que é diferente do patriotismo, pois, não há exaltação do próprio país ou sentimento exclusivista. O patriotismo supõe amor à pátria, mas a recíproca não é verdadeira. Tanto no caso do patriotismo quanto no do amor à pátria existe uma seleção do real, em que alguns aspectos são destacados e outros são esquecidos (LEITE, 2008a). Estabelece também que o patriotismo e o etnocentrismo são formas de manifestação de preconceito, como já mencionado.

Em relação ao método de análise desse estudo, o intelectual também ressalta a margem para subjetivismo na interpretação dos conceitos, porém, argumenta, não interpretar seria apenas reproduzir os excertos contendo os conceitos encontrados, o que seria falseamento ainda maior.

São identificados, nos livros, ambientes próprios a cada autor e maior ou menor número de conceitos raciais e referências a patriotismo, porém o pesquisador não se atém à quantidade de vezes que são mencionadas:

Por isso não damos uma importância decisiva ao número relativo de lições com conceitos de patriotismo ou conceitos raciais: damos maior importância à forma pela qual aparecem os conceitos que aos conceitos em si mesmos. Mostraremos como numa lição aparentemente neutra, podemos encontrar preconceito racial, como também uma deformação da realidade brasileira, num ou noutro sentido (LEITE, 2008b, p.214).

A atitude indicadora de preconceito que predomina é o desprezo em relação ao negro, assim definido: “Por desprezo entendemos a atitude que não é de luta contra o negro, mas simplesmente colocá-lo numa situação inferior, tendo a sensação de ser *melhor* que ele” (LEITE, 2008b, p.230, grifo do autor), sugerindo a superioridade dos brancos. Encontra também piedade em relação aos negros e surpresa em situações em que se destacam:

A atitude diante do negro é de piedade (ele não tem culpa de ser assim, é o que diz o professor que repreende um menino que manifesta seu horror a um menino negro: portanto, o professor representa o que a autora pretende dizer a respeito disso); o negro é digno de admiração quando se apresenta como herói da pátria (LEITE, 2008b, p.225-226).

No próximo exemplo, estão presentes atitudes preconceituosas tanto em relação a negros, quanto a estrangeiros:

Vejamos o teor das referências às raças. Numa delas, em situação neutra, vemos os donos da casa falando asperamente com os carroceiros: “Oh! Seus italianos! Cuidado com a mobília!”

Na outra aparecem também em situação neutra, negros carregando piano e os meninos ficam vendo como é que eles trabalham e admiram o compasso em que marcham.

Na terceira história, um menino está correndo demais na bicicleta e vê uma preta velha, lavadeira: sendo impossível

parar, o menino atira-se numa valeta. Na quarta história, aparece uma pretinha como empregada, na festa em que uma menina vai batizar sua boneca (LEITE, 2008b, p.219).

Em sua interpretação, negros e italianos aparecem como empregados, o que poderia refletir a vida cotidiana já que, de fato, se encontram negros e italianos nessa situação. Entretanto, ressalta, eles aparecem apenas nessa situação. As crianças brancas e negras não brincam juntas e não aparece nenhuma criança negra na escola, o que revela uma seleção da realidade descrita. Vale transcrever como Dante interpreta uma das histórias, pois, parece uma compreensão bastante subjetiva e questionável, que, ao mesmo tempo, não deixa de ser pertinente:

Mas a história do menino que se machuca para não atropelar a preta velha é ainda mais significativa. O que se pretende com essa história é apresentar a virtude sacrifício. É claro que a virtude aumenta à medida que diminui o valor do objeto que a provoca. Se fosse o pai da criança ou seu professor, seria apenas um dever e o sacrifício perderia a significação. Mas como o objeto é uma preta, com o defeito ainda de ser pobre e velha, o sacrifício chega a ser heroico. Por essas histórias pensamos poder ver a atitude dos autores diante da raça negra: colocá-la numa situação inferior à branca. Não existe condenação explícita, como vimos: a maneira de ver a posição das raças se traduz pelo lugar destinado aos negros no mundo social (LEITE, 2008b, p.220).

Chama a atenção também uma passagem que divulga a ideia de superioridade dos brancos em relação a aparência e inteligência:

Examinemos o conceito racial que o livro traz: numa lição que trata do homem, o autor examina sua posição dentro da natureza, se refere às suas criações. Divide os homens em raças e acrescenta: 'Dessas raças (a branca, a amarela, a negra, a azeitonada), a branca é a mais bela e a de mais poderosa inteligência' (LEITE, 2008b, p. 227).

Um dos livros analisado contém somente uma menção à raça e é o único considerado livre de preconceito. O pesquisador identifica a intenção de combater o preconceito contra raças pela explicação de que é injustificado:

o menino se admira de que um preto se salientasse, e o pai

explica: 'A raça negra é tão capaz como a branca. Não há raças superiores nem inferiores; o que há é que umas não têm nenhum recurso para elevar seu nível material e cultural (LEITE, 2008b, p. 223).

O patriotismo é observado por meio da valorização de símbolos nacionais, como o Hino e a Bandeira, de eventos da história do país, ou da descrição de atributos que enfatizam a grandeza do Brasil, como os grandes rios, beleza e variedade da fauna e da flora, algumas histórias apenas se referem à pátria como algo grandioso, que deve ser amado e valorizado. O que o pesquisador ressalta é o fato de não se descrever precisamente o que é a pátria:

Mas em outras histórias encontraremos o sentimento patriótico: uma casa que se inaugura é vista como progresso da Pátria; uma briga entre meninos de duas escolas é resolvida com um apelo ao patriotismo ('são todos brasileiros', diz o diretor) e se faz uma festa de confraternização com Bandeira e Hino Nacional; quando um mocinho se dispõe a viajar e está indeciso entre a Europa e o Brasil, aparece uma personagem que, nacionalisticamente, aconselha-o a viajar pelo Brasil; além do que, duas personagens das histórias são heróis da Guerra do Paraguai (LEITE, 2008b, p.218).

O pesquisador também nota: "que se salientam, seja na paisagem, seja nas cidades (...) apenas aquilo que é mais bonito, mais agradável, e se deixa de lado tudo que seria diminuição para o Brasil, ou para os brasileiros" (LEITE, 2008b, p.223), corroborando a interpretação de que as histórias selecionam aspectos da realidade, o que caracteriza como falseamento.

O que nos parece que pudemos perceber e indicar aqui foi que quase não existe ou existe muito pouca intenção de caracterizar o Brasil: se ensina, por isso, um amor à pátria que na verdade não se mostra como é, nem quais são os seus problemas. Daí o amor ao símbolo, o amor à simples palavra.

O patriotismo (no sentido que demos à palavra) já é outra história: porque neste caso o que acontece frequentemente é a colocação do próprio país como o melhor e o maior, e por isso não se fala nos outros países (LEITE, 2008b, p.235).

A tentativa de inculcar valores, nos leitores, dessa forma difusa, remete

ao discurso do agitador, tema analisado nos *Estudos sobre preconceito*²⁰. Após a análise de alguns discursos, os pesquisadores observaram que os agitadores incitam o ódio inflamadamente sem justificativa lógica. Apela para clichês e estereótipos numa fala vazia (LOWENTHAL e GUTERMAN, 1949). O ensino escolar com as características aqui descritas, forma sujeitos que, quando adultos, constituirão presa facilmente capturada por esse tipo de propaganda.

Em uma das histórias analisadas, o autor identifica conformismo diante da situação social-econômica e divisão em classes.

O médico, depois de percorrer as casas dos doentes pobres e de ver tanta miséria e tanta doença (a expressão é dos autores), se sente bem em casa, vendo os meninos a brincar, bem vestidos e bem alimentados.

Mas, assim como o pobre deve ser pobre e o rico ser rico, os negros são empregados e não se mostra nenhuma possibilidade de que possa ser diferente. É difícil saber até que ponto essa atitude de desprezo pelo negro vem do fato de ele ser de outra situação na sociedade ou se, pelo contrário, se pode interpretar a posição dos autores como: por ser negro deve estar nessa situação. A indicação que temos é que aparecem outros pobres, brancos, que, por sua honradez, são exemplos para os meninos: não aparece nenhum negro nessa situação (LEITE, 2008b, p.220).

Ao apresentar sua conclusão, parece tomar o cuidado de não generalizar a situação encontrada nos livros, aplicando-a a sociedade:

A ser verdadeira esta hipótese de trabalho que levantamos, temos duas observações a fazer: uma, que não se pode concluir que, por aparecerem em nossos livros didáticos, existam preconceitos raciais em nossa sociedade; a segunda, é que se existem preconceitos, os autores de livros didáticos não os consideram tão graves, pois se assim fosse, eles não apareceriam em nossos livros didáticos (LEITE, 2008b, p. 233).

Nota-se também que evita classificar os autores como preconceituosos, entretanto, sugere que deveriam ter algum nível de crítica

²⁰ Trata-se do conjunto de cinco volumes publicados em 1949 e 1950, nos Estados Unidos, intitulado *Studies in Prejudice*, dirigidos por Max Horkheimer e Samuel H. Flowerman, financiados por *The American Jewish Committee*.

em relação ao que escreviam.

Acreditamos ser necessário marcar a posição intelectual de nossos livros didáticos. Pois os seus autores não são, como os portadores de preconceito que não têm aproximação intelectual – seja científica, artística ou filosófica – totalmente inconscientes (LEITE, 2008b, p.231).

Pode-se pensar que Dante não julgou a análise dos livros infantis suficiente para evidenciar a existência de preconceito na sociedade brasileira, como se o autor e o respectivo livro fossem separáveis da sociedade. Mas reconhece a relevância do estudo do pensamento veiculado pelos livros e sugere que mais pesquisas sejam realizadas, aproximando o preconceito encontrado nas histórias de estudos sobre o problema de raças no Brasil: “parece que a primeira coisa a se fazer para um estudo objetivo de problemas brasileiros, como das relações raciais, é o conhecimento da maneira pela qual tais problemas e tais relações têm sido vistos e proclamados” (LEITE, 2008b, p.237). É isso que ele faz, poucos anos depois, quando analisa as teorias sobre o caráter nacional brasileiro.

2.3.3 Caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologia e estereótipos – 1954

A tese é dividida em quatro partes. Na primeira, são apresentados os resumos das teorias mais relevantes, segundo o autor²¹, do caráter nacional, compreendidas entre o final do século XIX e princípios do século XX. Após os resumos, são descritas as críticas, tanto de Dante, quanto de outros autores, às teorias. No final da primeira parte, o pesquisador define o objetivo da pesquisa: analisar as descrições, escritas por brasileiros, das próprias características coletivas.

A segunda parte contém a justificativa para a seleção das fontes de pesquisa; a definição do conceito de ideologia e estereótipo empregados; o

²¹ O pesquisador afirma que não conseguiu consultar muitos artigos e livros, portanto, não garante precisão da seleção. Já no prefácio da tese, indica que encomendou revistas que não chegou a receber.

resumo com as principais proposições de cada ideólogo, com o conteúdo teórico e ênfase sobre os traços psíquicos descritos, que são os aspectos que eleger para analisar; e a crítica às ideologias. Ao final desse item, discute as ideologias como preconceito de raça e de classe.

A terceira parte descreve a pesquisa sobre estereótipos nacionais, aplicada a alunos do ensino secundário. Na quarta parte, o autor apresenta suas interpretações gerais e conclusões.

Na primeira parte, ao retomar o desenvolvimento histórico do conceito de caráter nacional, o intelectual verifica que o período entre o final do século XIX e início do século XX é o auge das teorias a respeito do tema, quando os europeus, depois de terem contato com ameríndios e africanos, passam a justificar pela teoria evolucionista, sua superioridade militar, que até então era explicada pela vontade de Deus.

Descreve as teorias de Gobineau, Taine, Fouillée, Letorimeau, do século XIX, que têm fundamentos em fatores como a constituição fisiológica e biológica dos indivíduos, influência do clima e ambiente geográfico, estabelecendo que essas condições determinam o desenvolvimento de um povo. Essas explicações começam a ser refutadas pelo desenvolvimento da Antropologia, Sociologia, Psicologia Diferencial e Genética, porém, a noção de caráter nacional não é eliminada, antes, é reformulada com base em novas teorias que definem a cultura como um todo unitário.

Após apresentar diversas análises, como da psiquiatria, antropologia, psicanálise, cinema e teatro, constata que variados métodos e teorias não implicam resultados diferentes:

Evidentemente seria possível pensar que várias teorias, assim como os vários métodos são apenas formas mais precisas ou elaboradas para apresentar apenas **impressões** causadas pelos diferentes povos (LEITE, 1959, p.48, grifo do autor).

Pergunta-se, então, se isso significa que as características descritas são reais, o que parece justificar o caráter nacional. Essa pergunta conduz a uma de suas hipóteses: as características do caráter nacional são fundamentadas na realidade. Observa ainda que "... tem-se procurado na ideologia um retrato fiel ou infiel de um povo, esquecendo-se de que ela é,

em si mesma, um dos traços desse retrato” (LEITE, 1959, p.74). Entende que são reciprocamente significativas tanto a forma como um povo se percebe quanto a política de um país, incluindo seu sistema educacional:

pois as ideologias formuladas nestes campos são inevitavelmente afetadas pelas ideias que fazemos de nós mesmos. (...). O **descaso** pela situação nacional, o **desinteresse**, ao menos aparente, com que a vida brasileira é vista, o alheamento do povo das questões **fundamentais** da nação, são também mais claramente compreendidos quando verificamos a ideia que o brasileiro faz de si mesmo (LEITE, 1959, p.74, grifos do autor).

Na segunda parte, analisa “as teorias mais significativas de brasileiros, formuladas sobre o nosso caráter nacional, no período compreendido entre 1900 a 1950” (LEITE, 1959, p.77) e identifica a descrição dos traços psicológicos para comparação com os estereótipos, que são por ele definidos como ideias sobre um determinado grupo, fundamentadas na observação ingênua da realidade e não em alguma teoria. Quanto ao termo ideologia, afirma:

O emprego que aqui se faz do termo ideologia é, certamente, impreciso, e foi utilizado à falta de outro termo capaz de traduzir o sentido de **uma descrição que nem sempre se fundamenta em observações cientificamente conduzidas** (LEITE, 1959, p. 86, grifo do autor).

Portanto, o pesquisador emprega o termo ideologia no sentido de conjunto de ideias e teorias pretensamente científicas que, contudo, não se fundamentam em pesquisas. São elaborações do pensamento de um autor que, Dante sustenta, dependem da situação existencial do pensador, do mesmo modo que as teorias científicas dependem do fator existencial. A diferença está no nível de interferência: diferentes níveis de conhecimento recebem maior ou menor interferência de fatores extrateóricos, sendo, portanto, necessário distinguir claramente esses níveis, distinguindo ciência de conhecimento espontâneo (LEITE, 1959).

Os fatores extrateóricos que interferem no pensamento desenvolvido por um teórico prejudicam a objetividade e, logo, o rigor científico. A hipótese do intelectual é que esses fatores estão relacionados a estereótipos,

preconceitos, generalizações, que fundamentam teorias falsas e até mesmo racistas e nacionalistas. Nesse sentido, são elaborações ideológicas.

Os autores e obras analisados são os seguintes: a) Afonso Celso, *Porque me ufano de meu país*, de 1900; b) Euclides da Cunha, *Os sertões*, de 1902; c) Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*, de 1905; d) Oliveira Vianna, que não tem um livro específico sobre o caráter nacional, mas oferece sua interpretação em diversas obras, de 1918 a 1952; e) Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, de 1928; f) Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*, de 1934; g) Affonso Arinos de Mello Franco, *Conceito de civilização brasileira*, de 1936; h) Arthur Ramos, *Notas psicológicas sobre a vida cultural brasileira*, de 1938; i) Fernando de Azevedo, *Psicologia do povo brasileiro*, de 1940; j) Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, de 1933, *Sobrados e mucambos*, de 1936, *Interpretação do Brasil*, de 1947; l) João Cruz Costa, *O desenvolvimento da filosofia no Brasil e a evolução histórica nacional*, de 1950.

O pesquisador esclarece que sua intenção não é relacionar teorias com desenvolvimentos atualizados da área, senão, seriam logicamente refutadas, mas, sim, analisar as ideologias em si mesmas, como forma de descrição do caráter nacional. As características atribuídas aos brasileiros que o pesquisador identifica nas teorias analisadas são: indolência, imitação do estrangeiro, tolerância, individualismo e bondade, principalmente as duas últimas. Em proporção menor, os seguintes traços: luxúria, sobriedade, ostentação, ambição, utilitarismo, tristeza, improvidência. Apresenta uma sucinta discussão sobre os principais traços, retomando as obras onde foram encontrados.

Em seguida, identifica a filiação teórica dos autores, exceto de Afonso Celso, e define a segunda hipótese: as ideologias decorrem da interpretação do europeu e do norte americano e são, portanto, repetições dessas teorias.

Esta hipótese de certo modo se confirma, se pensamos nos diferentes autores: Euclides da Cunha corresponderia às teorias sobre influência da raça, da hibridação e do ambiente geográfico na determinação das características psicológicas de um povo. Manoel Bomfim corresponderia à teoria de hereditariedade psicológica de traços adquiridos. Oliveira Vianna à teoria de Lapouge. Paulo Prado, como Euclides da

Cunha, formularia sua descrição a partir da teoria da inferioridade do híbrido, da influência do ambiente geográfico. Affonso Arinos de Mello Franco aplica, ao caso brasileiro, a teoria de Spengler. Sérgio Buarque de Holanda filia-se a várias teorias, mas principalmente à teoria de Max Weber sobre a formação do capitalismo; Fernando de Azevedo interpreta o caráter nacional brasileiro através da teoria de Durkheim. Cruz Costa interpreta a história do pensamento brasileiro segundo a teoria do historicismo e, às vezes, a do materialismo histórico. Mas as teorias não são aceitas integralmente, como veremos agora (LEITE, 1959, p.177).

Quando parte para a verificação da validade da hipótese, constata que os autores brasileiros contradizem as teorias europeias e americanas, apontando seus erros, e identifica também deformações das teorias. Observa ainda que os autores fazem afirmações contraditórias, que se excluem mutuamente.

Da análise das distorções das teorias estrangeiras, conclui que os autores procedem dessa maneira para adaptar a teoria à realidade brasileira, a fim de explicá-la. Supõe que a origem da deformação é o fato de que as teorias, europeias ou americanas, não servem para interpretar a realidade brasileira, porquanto decorrem de situações diversas. Conclui também que, embora identifique a influência estrangeira, as “ideologias não podem ser explicadas exclusivamente pela aceitação de teorias europeias ou americanas, pois nestas se introduzem **deformações** que as falseiam, às vezes inteiramente” (LEITE, 1959, p.183, grifo do autor).

Prossegue a análise para verificar o que, então, origina as ideologias sobre o caráter nacional brasileiro. Para tanto, retoma as influências que a teorias de raças superiores exercem sobre os ideólogos:

Através da teoria de raças superiores e inferiores ou através da inferioridade do híbrido, chega-se à ideia de inferioridade do brasileiro. Neste caso, a explicação do traço inferior é feita responsabilizando o negro ou o indígena (muito mais frequentemente o negro), e a explicação depende – ao menos teoricamente – das teorias europeias sobre as raças (LEITE, 1959, p.183).

Ao constatar que a descrição do caráter nacional não é consequência da perspectiva teórica, que é distorcida para explicar a realidade, o intelectual

propõe três possibilidades de interpretação para a origem das descrições:

1) transposição de uma teoria europeia de superioridade de raças ou povos para uma teoria de classes; 2) a ideologia como projeção de conflitos ou caracteres individuais dos ideólogos; 3) a percepção de qualidades reais do grupo descrito (LEITE, 1959, p. 189).

Analisa cada uma das três hipóteses. A primeira supõe que a teoria de ideólogos de classe média ou alta decorre da aceitação da teoria europeia de superioridade da raça branca, fazendo com que os ideólogos, identificados com o grupo branco, atribuam qualidades inferiores às classes baixas, que inclui precisamente negros e mestiços. Essa hipótese explica algumas das teorias, como a de Euclides da Cunha, que considera o mestiço do litoral decadente porque herda más qualidades da raça inferior; Paulo Prado, que atribui a origem de defeitos à hibridização; Affonso Arinos de Mello Franco, que atribui más qualidades das classes inferiores a resíduos africanos e indígenas. Mas a hipótese não explica outras, que atribuem as características psicológicas coletivas aos portugueses ou aos ibéricos, como as de Sérgio Buarque de Holanda, Cruz Costa e Gilberto Freyre (LEITE, 1959).

A hipótese, que supõe a projeção de características próprias do autor, é inadequada, visto que são encontradas características muito semelhantes descritas por diferentes autores (LEITE, 1959).

A terceira, supõe que as descrições resultam de características reais observadas. O pesquisador não descarta essa hipótese, que também não invalida a suposição do preconceito, mas concebe que a ciência ainda não consegue descrever exatamente como se formam as impressões sobre grupos. Sugere, portanto, que outras pesquisas verifiquem essa possibilidade.

Uma observação importante do autor, que deve ser mencionada, é a de que todos os ideólogos explicam a vida brasileira como consequência dos traços psicológicos dos brasileiros:

Se é verdade que os ideólogos explicam os traços psicológicos como consequência de alguns fatores básicos – a raça, o meio geográfico, a história, a cultura – a partir da descrição, a vida brasileira é compreendida como

consequência desses traços psicológicos. Dizendo de outro modo, não se procura descrever a vida econômica e, mais amplamente, a vida social como responsável pelas condições de desenvolvimento do Brasil. Ao contrário, a vida mental é que seria a responsável por toda a vida nacional (LEITE, 1959, p. 187).

A citação deixa claro que os ideólogos desprezam as condições econômicas e políticas do país em suas explicações. Na verdade, tentam explicar essas condições a partir da vida psicológica.

Na terceira parte da tese, o autor relata a pesquisa realizada com estudantes secundaristas, com o objetivo de:

verificar se existe possibilidade de estabelecer-se relação entre as ideologias do caráter nacional brasileiro e os estereótipos dos próprios brasileiros sobre suas características coletivas e, no caso de existir essa possibilidade, saber se são ou não coincidentes as ideologias e os estereótipos (LEITE, 1959, p. 193).

Os sujeitos de pesquisa são alunos de Dante, que ministrou, em todas as classes, aulas de Psicologia. Os sujeitos foram divididos em dois grupos: Grupo I, composto por alunos do curso científico e curso clássico do Colégio Mackenzie; e Grupo II (grupo controle), do científico do Colégio Paulistano e da Escola de Enfermagem da USP. O Grupo I respondeu à pesquisa como parte do curso, o Grupo II não.

Com o Grupo I, o pesquisador discutiu em aulas questões acerca das raças, teorias racistas, cultura, marginalidade e estereótipos, com hipóteses de serem falsos ou possuírem fundo de verdade. Os sujeitos deveriam atribuir qualidades ou defeitos para cada povo, de acordo com um quadro contendo as características apresentado na lousa. O pesquisador elaborou o quadro selecionando qualidades frequentemente atribuídas a brasileiros pelos ideólogos e as qualidades opostas, por exemplo, bondoso e malvado, vadio e trabalhador. Os povos a serem classificados eram: brasileiro, americano, japonês e inglês. De 1 a 3 dias depois da aplicação do teste, o pesquisador solicitou que explicassem porque escolheram determinadas características. O Grupo II realizou um teste igual, contudo, não foram discutidos, em aula, os temas debatidos com o primeiro grupo.

Os resultados mostram que as qualidades que os sujeitos de pesquisa

atribuem ao brasileiro, de fato, correspondem às descritas pelos ideólogos analisados: o povo brasileiro é classificado, predominantemente, como bondoso, inteligente e vadio. Os americanos recebem as melhores qualidades, depois o brasileiro, inglês e japonês, nessa ordem. Os resultados foram semelhantes em ambos os grupos, como o intelectual previu. De acordo com ele, os grupos apresentariam estereótipos e o fato de conhecerem a existência do estereótipo, bem como as discussões acerca de sua validade, não impediria que continuassem os aceitando e os atribuindo aos povos. Com isso, o autor conclui que o estereótipo deve ser considerado como:

1) resultante de características psicológicas dos que o manifestam; 2) da situação em que o sujeito e o estereotipado se encontram, um com relação ao outro; 3) das qualidades próprias do grupo estereotipado.

A nossa suposição é que as qualidades do grupo estereotipado estão sempre presentes no estereótipo, mas sua adequação ou erro dependem das características dos portadores de estereótipos e da situação em que estão colocados diante dos grupos estereotipados (LEITE, 1959, p. 217).

Embora o autor afirme que não é possível confirmar a existência dos estereótipos nos grupos aos quais se destinam, não descarta essa possibilidade, conforme afirma no item 3 da citação. Sua conclusão é que o estereótipo está relacionado àquele que o manifesta e a sua relação com o estereotipado. Retomando sua compreensão acerca dos limites entre um estudo psicológico e um sociológico, de que o primeiro explica aspectos psíquicos e, o segundo, sociais; compreende-se porque encerra nesse ponto sua análise.

Dando sequência à reflexão, buscando compreender o que, na sociedade, produz as citadas relações entre sujeito estereotipado e aquele que manifesta o estereótipo, e suas consequências também do ponto de vista social, tem-se os estudos realizados pelos teóricos críticos sobre o preconceito, os quais esclarecem que todos os movimentos sociais, incluindo, evidentemente, os sistemas totalitários, somente se realizam por meio dos indivíduos, por meio da massa. Por isso, o estudo sobre conceitos como a

ideologia, o nacionalismo e o preconceito inclui, necessariamente, o reconhecimento e a compreensão do fator psicológico presente “nesse processo dinâmico em que operam a sociedade e o indivíduo” (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 173-174).

Horkheimer e Adorno afirmam que essa relação existe concretamente e está documentada nos *Estudos sobre preconceito*.

Obtiveram-se resultados decisivos na definição das forças psicológicas que tornam um indivíduo receptivo à propaganda do nacional-socialismo ou de outras ideologias totalitárias. Doravante, está justificado que se fale de um ‘caráter autoritário’ e do seu oposto: o homem livre, não vinculado, cegamente, ao que constitui a autoridade (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 173).

Os autores ressaltam que tanto o caráter autoritário quanto o homem livre não são categorias puras ou mutuamente exclusivas, mas sim extremos ao longo de um contínuo e é preciso compreender que condições favorecem um extremo ou o outro (ADORNO *et al.*, 1969).

Em dois dos *Estudos sobre preconceito*²², foram encontradas categorias psicológicas fundamentais em sujeitos que aderem à ideologia fascista e ao preconceito: “pensamento estereotipado, o sadismo encoberto, a adoração da força, o reconhecimento cego de tudo que é eficaz” (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 176), incapacidade de ter experiência, projeção e fantasias de poder (ADORNO *et al.*, 1969).

Voltando à tese em discussão, Dante conclui o seguinte. Visto que a análise comprova que as ideologias não obedecem aos princípios teóricos aos quais os ideólogos se filiam e são semelhantes aos estereótipos, o pesquisador compreende que deve procurar uma explicação extrateórica para as descrições encontradas. Essa explicação é o preconceito de classe, que não é justificado por nenhuma teoria, mas, mesmo assim, é manifestado pelos teóricos, que atribuem qualidades de inferioridade ao povo.

Retoma hipótese da projeção de qualidades indesejáveis dos

²² *The Authoritarian Personality, Studies in Prejudice Series, Volume 1* (ADORNO *et al.*, 1969), *Prophets of Deceit, Studies in Prejudice Series, Volume 5* (LOWENTHAL e GUTERMAN, 1949).

ideólogos no povo brasileiro, responsabilizando-o pela situação nacional, “esta seria uma forma de **lançar a culpa** da situação (que consideram condenável) sobre características gerais do povo, considerando-se eles próprios irresponsáveis por ela” (LEITE, 1959, p. 221, grifo do autor). Essa observação remete às definições de intelectual de Baran (1961) e Benjamin (1970), descritas na Introdução desta pesquisa. O ideólogo que culpa o povo e se exime de qualquer responsabilidade, jamais poderia ser considerado um intelectual nos termos aqui definidos. Cabe refletir também sobre o papel de Dante, o que será feito logo mais.

Em sua compreensão, a Psicologia contemporânea não permite explicar como se intuem as características dos indivíduos de um determinado grupo nem porque se supõe que um povo possui determinados traços e não outros²³, por isso, pouco contribuiu, mas entende que “os psicólogos contemporâneos têm conseguido demonstrar que o comportamento de indivíduos ou grupos é resultado dos estímulos ou das condições em que estão colocados” (LEITE, 1959, p. 224). Portanto, modificando as condições em que um povo está, suas características psicológicas seriam alteradas também.

Esta conclusão, para muitos um lugar comum sem maiores consequências, é na realidade uma transformação completa da forma de pensar de psicólogos e sociólogos. Implica em aceitar que o comportamento humano não resulta de misteriosas forças interiores (no caso do indivíduo) ou de obscuras razões de raças ou do passado coletivo (no caso de grupos e sociedades) e sim de condições externas, criadas pelo homem e passíveis de modificações (LEITE, 1959, p. 224).

Portanto, as características utilizadas para descrever o brasileiro não poderiam ser consideradas traços definitivos do caráter nacional. “Ao contrário, deveríamos perguntar pelas condições materiais da existência e pela educação que permitiram o nosso desenvolvimento numa ou noutra direção” (LEITE, 1959, p. 224). Com essa observação, vê-se exatamente como ele se depara com os limites entre indivíduo e sociedade, Psicologia e

²³ Supõe-se que é essa percepção de grupo que ele consegue explicar depois de conhecer a teoria de Helder, durante a estada nos EUA.

Sociologia. Refere-se à necessidade de investigar as condições materiais da existência e a educação para compreender como isso afeta a formação do indivíduo. Percebe também que é a relação entre indivíduo e sociedade que determina um ao outro mutuamente, e não forças psíquicas misteriosas e obscuras, apartadas do meio social.

Já que não são as características psicológicas que explicam a vida brasileira, mas sim o contrário, conclui, elimina-se uma visão pessimista do povo brasileiro, o que avalia como importante inversão.

Quanto às outras duas hipóteses que se referem à projeção e ao preconceito dos ideólogos, esclarece que são complementares, embora a terceira não se aplique a todos os ideólogos. Afirma que “é indiscutivelmente verdadeira para os que explicam o brasileiro através de critérios raciais” (LEITE, 1959, p. 225).

A projeção é um mecanismo de defesa em que o indivíduo atribui ao outro as tendências indesejáveis que não reconhece em si. Se as reconhecesse, sentiria culpa, por isso, se protege desse sentimento por meio da projeção. Para Dante:

A **indolência** e o **individualismo** são as duas características que poderiam ser interpretadas como resultado da projeção pelos ideólogos (...). Pode-se supor que numa sociedade recém-saída de um regime patriarcal e escravocrata, os indivíduos do grupo dominante procuram justificar a pobreza em que vivem os grupos dominados, atribuindo-lhes características do grupo dominante: a indiferença pelo bem-estar social (rejeição dos valores coletivos) e indolência (LEITE, 1959, p. 224-225, grifos do autor).

O pesquisador estabelece que os ideólogos, na tentativa de justificar a pobreza em que se encontra grande parte do povo brasileiro, transferem as teorias de superioridade dos brancos para a explicação da existência de diferentes classes sociais no país:

Se a teoria da superioridade dos brancos foi a arma de que se valeu o imperialismo colonial do século XIX para justificar o seu domínio sobre regiões economicamente mais **atrasadas**, a sua transposição para a luta de classes foi a arma do grupo dominante para impedir a ascensão dos grupos dominados (onde se localizam, precisamente, os indivíduos de raças então consideradas inferiores) (LEITE, 1959, p. 225, grifo do

autor).

Conclui que a terceira hipótese não explica a origem das ideologias, mas, esclarece sua função na vida social brasileira:

não importa a intenção consciente do ideólogo, mas a consequência teórica e prática de sua teoria. E a consequência é a justificação, por motivos psicológicos, da situação das classes mais pobres da população (com as quais, já procuramos indicar, os ideólogos não se identificam) (LEITE, 1959, p. 225)

A conclusão final é que possível a existência de características próprias de um povo, mas a ciência não tem critérios para descrevê-las. Está certo de que as características indicadas pelos ideólogos não são verdadeiras e seriam igualmente aplicáveis a outros povos.

Podemos estar certos também de que **raça e história** não determinam características psicológicas, a não ser na medida em que criam condições reais diante das quais reagimos. Se o homem é o mesmo por toda parte, diferencia-se ao enfrentar condições também diferentes. Em vão buscaremos encontrar o **brasileiro**; em cada geração encontraremos indivíduos diferentes, resultantes da vida renovada a cada instante, que se desdobra ante os nossos olhos (LEITE, 1959, p. 225, grifos do autor).

O que chama a atenção, tanto ao longo da discussão quanto na conclusão final, é o fato de o foco do pesquisador permanecer sobre a compreensão do grupo estereotipado, refletindo sobre a veracidade das características a ele atribuídas e quanto ao significado de tal atribuição. Dante chega a compreender que a atribuição do estereótipo a determinado grupo depende da relação entre o grupo e o sujeito que lhe designa determinadas qualidades, como já mencionado, contudo, sem expandir essa reflexão. Enquanto o intelectual se atém à função e ao alvo do estereótipo, os teóricos críticos propõem uma ênfase diferente para o debate: perguntam-se que tipo de configuração psicológica faz com que uma pessoa seja mais propensa a manifestar preconceito do que outras, e que consequências isso pode ter na sociedade. Conforme Horkheimer (1969) esclarece no prefácio dos Estudos sobre preconceito:

Pode parecer ao leitor que nós enfatizamos indevidamente o aspecto pessoal e psicológico em vez do aspecto social do preconceito. Isso não se deve à preferência pessoal pela análise psicológica nem a falha em perceber que a causa da hostilidade irracional é, em última instância, encontrada na frustração social e injustiça. Nosso objetivo não é meramente descrever o preconceito, mas explicá-lo com o intuito de contribuir para sua erradicação. Esse é o desafio que enfrentaremos. Erradicação significa reeducação, cientificamente planejada, com base na compreensão cientificamente alcançada. E educação é, em sentido estrito, por sua natureza, pessoal e psicológica. Uma vez que entendemos, por exemplo, como a experiência de guerra pode, em alguns casos, fortalecer traços de personalidade que predis põem ao ódio contra grupos, as medidas educacionais serão, por consequência, logicamente encontradas²⁴ (HORKHEIMER, 1969, p. vii, tradução da pesquisadora).

A citação de Horkheimer é importante, uma vez que reitera a importância da compreensão acerca do preconceito, do ponto de vista psicológico, e também por esclarecer que a função desse conhecimento é erradicar o preconceito. Para tanto, é necessário que se compreenda os meios que fazem as pessoas aderirem a concepções preconceituosas e, como no exemplo citado pelo filósofo, a ideais que propagam o ódio em relação a certos grupos. Por meio dessa compreensão, soluções podem ser encontradas. Por isso, é fundamental produzir conhecimento que avance em relação à identificação da existência do preconceito e de sua função social. Por meio desses estudos que os pensadores da teoria crítica descreveram o que denominaram de “personalidade autoritária”, síndrome psicológica que faz com que o sujeito estabeleça uma relação irracional com a autoridade; que se ajuste socialmente obtendo prazer em obediência e subordinação; e

²⁴ *“It may strike the reader that we have placed undue stress upon the personal and the psychological rather than upon the social aspect of prejudice. This is not due to a personal preference for psychological analysis nor to a failure to see that the cause of irrational hostility is in the last instance to be found in social frustration and injustice. Our aim is not merely to describe prejudice but to explain it in order to help in its eradication. That is the challenge we would meet. Eradication means re-education, scientifically planned on the basis of understanding scientifically arrived at. And education in a strict sense is by its nature personal and psychological. Once we understand, for example, how the war experience may in some cases have strengthened personality traits predisposed to group hatred, the educational remedies may follow logically. Similarly, to expose the psychological tricks in the arsenal of the agitator may help to immunize his prospective victims against them”* (HORKHEIMER, 1969, p. vii).

que seja sadomasoquista, sendo que parte de sua agressividade se transforma em masoquismo e parte, em sadismo, que se volta para o grupo diferente, com o qual o indivíduo não se identifica.

Por fim, outra característica importante revelada pela compreensão do preconceito investigado no sujeito que o manifesta é a intercambialidade dos alvos a quem o dirige. A intercambialidade dos alvos é mais uma evidência encontrada nos estudos sobre a personalidade autoritária, identificada nos depoimentos das pessoas preconceituosas, que utilizam explicações pouco racionais, contraditórias ou incompatíveis com fatos e que têm um caráter manifestamente imaginário para justificar o preconceito (ADORNO *et al.*, 1969).

2.3.4. O caráter nacional brasileiro. História de uma ideologia – 1969

É importante começar destacando duas diferenças fundamentais entre a tese e o livro. A primeira é esclarecida pelo próprio autor no prefácio à segunda edição, publicada em 1969, porquanto, não se trata apenas de uma revisão da tese de doutoramento; trata-se de um novo estudo sobre o caráter nacional brasileiro, mais completo, profundo e detalhado:

Para essa edição, o trabalho foi inteiramente reescrito, de forma que é realmente um outro livro: não só ampliei o campo de análise, mas também suprimi o relatório de uma pesquisa sobre estereótipos de alunos do curso secundário. Espero que, com esta nova redação, o estudo apresente maior unidade e possa auxiliar a compreensão de um problema que por tanto tempo ocupou os intelectuais brasileiros” (LEITE, 1983, p. XIII).

Na tese de doutoramento, como discutido no item anterior, foram analisados onze autores; no novo livro, Dante se concentra em dezoito autores, mas analisa um número maior que esse.

A segunda diferença é a mudança do subtítulo. A tese é intitulada *Caráter nacional brasileiro*: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos; o livro, *Caráter nacional brasileiro*: história de uma ideologia. Nota-se que o autor altera “ideologias”, plural, para “história de uma ideologia”. A alteração decorre da conclusão do

autor, que propôs analisar, em sua tese, ideologias, no sentido de conjunto de ideias e teorias, de ideólogos brasileiros acerca do caráter nacional. Contudo, conclui que as teorias são empregadas como justificativa para as classes sociais, conforme já mencionado. Por isso, altera o subtítulo para “história de uma ideologia”, visto que identifica apenas uma ideologia, que tem a função de justificativa para as condições sociais e econômicas do país.

O livro está organizado em 18 capítulos, sendo que os cinco primeiros descrevem as teorias sobre o caráter nacional, começando pela definição de conceitos como nacionalismo, etnocentrismo e autoritarismo; bem como teorias do século XIX até a época contemporânea. O método está descrito no sexto capítulo e, a partir do sétimo, são apresentados os das obras dos autores selecionados. Por último, apresenta a conclusão do pesquisador.

Além de ampliar o campo de análise, que inicia no período colonial e avança até os anos 1950, o intelectual amplia também o escopo teórico e as pesquisas consultadas, detalhando muito mais a discussão teórica acerca do caráter nacional, que precede a análise dos teóricos brasileiros.

Explica que as teorias sobre o caráter nacional apresentadas não resistem a uma análise objetiva rigorosa e indicam formas explícitas ou disfarçadas de preconceito contra estrangeiros e a exaltação da própria cultura e, por isso, podem ser classificadas como ideologia (LEITE, 1983).

Ressalta que a objetividade do pesquisador em certos domínios das ciências humanas, é impossível, embora seja necessária. Quanto mais os fenômenos e processos analisados forem gerais da sociedade humana, maior tende a ser a interferência ideológica do pesquisador. Nesse nível, dificilmente há provas científicas, há convicções profundas e argumentos racionais. Ao mesmo tempo, argumenta, se existem diversos níveis ideológicos, há também diversas possibilidades de comprovação para aspectos da vida social. Em suas palavras:

reconhecer que as teorias estão relacionadas senão com todos, ao menos com vários aspectos da vida social, não significa que todas tenham uma origem espúria ou não possam ser analisadas segundo critérios racionais, ou, finalmente, sejam equivalentes (LEITE, 1983, p. 142).

O fato de a teoria estar enraizada em determinada situação não significa que seja falsa e deva ser desprezada. Contudo, destaca, é difícil, que uma teoria seja satisfatória para todos os grupos em conflito e há grupos, os mais prejudicados, que não têm a possibilidade de apresentar sua visão de mundo. O problema mais grave de uma teoria ideológica é que pode “chegar a negar a humanidade ou, pelo menos, a humanidade integral de certos grupos” (LEITE, 1983, p. 141), como no caso das teorias racistas, que explicam a situação de pobreza do Brasil ou que são empregadas para justificar o nacionalismo e sistemas totalitários.

Nota-se que o pesquisador mantém a concepção de ideologia empregada na tese, de 1954, já mencionada. Para ele, trata-se de um conjunto de ideias e teorias não científicas, que podem ter sido elaboradas com a interferência de fatores extrateóricos sobre o pensamento dos teóricos que as desenvolvem²⁵.

Como o livro em discussão é um extenso e detalhado estudo, são enfatizadas, nesta pesquisa, as principais análises do autor, tendo em vista o objetivo proposto, que é investigar como o intelectual desenvolve os conceitos de ideologia e preconceito.

O campo de análise se estende até as descrições do país e o sentimento nativista na poesia colonial. A primeira obra analisada é a carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento literário a respeito do Brasil, considerada relevante pelo pesquisador “por revelar algumas atitudes básicas, encontráveis em outros autores que, mais tarde, escreverão sobre o Brasil” (LEITE, 1983, p. 155), como a descrição das belezas da terra. Prossegue com obras escritas a partir do século XVI, com a intenção de chamar a atenção de europeus e governantes para a nova colônia. Já nessas obras, identifica “a ideia de que os europeus que vieram para o Brasil

²⁵ É importante ressaltar que Dante, tanto em um dos artigos de 1950 (2008a), quanto na tese (1959) e no livro (1983), discorre sobre o conceito de ideologia de Mannheim, contudo, faz críticas ao pensamento do sociólogo, bem como aponta falhas em suas definições e método. Mannheim é também bastante criticado pelos teóricos críticos, especialmente por Horkheimer e Adorno (1973). Discutir sobre o conceito de ideologia de Mannheim, nesta pesquisa, bem como as críticas a ele dirigidas, implicaria um desvio de foco que pouco acrescentaria para alcançar o objetivo deste estudo, afinal, Dante acaba não utilizando o conceito tal como o sociólogo o define.

desejavam apenas fazer a América e voltar para a Europa” (LEITE, 1983, p. 161), tema recorrente em autores que escrevem, posteriormente, sobre a colonização. Esses autores criticam o desinteresse pelo progresso da colônia, o desejo de explorar a terra, priorizar interesses particulares e o retorno à Portugal.

Nessas análises, Dante identifica “a primeira cristalização de imagens do Brasil” (LEITE, 1983, p. 162). E assim procede, descrevendo em cada capítulo, o pensamento mais relevante de cada época, até chegar ao século XX.

Um período considerado marcante pelo autor é o final do século XIX, quando se transforma a forma como que a vida brasileira é interpretada:

abandona o lirismo romântico pela exaltação carnal ou física, que abandona a unidade nacionalista dos românticos pela discussão de temas sociais e que, logo depois, tenderá à perfeição moral e frieza efetiva (...) em que a análise procura ser mais objetiva e, nos casos extremos, proclama-se científica (LEITE, 1983, p. 192).

O intelectual destaca, desse período, o pensamento de Sílvio Romero, porque suas concepções persistirão em autores posteriores a ele. Afirma que “não é difícil perceber sua [de Sílvio Romero] influencia em Euclides da Cunha, em Oliveira Vianna, e até em Gilberto Freyre” (LEITE, 1983, p. 192). Dante considera que Romero estabelece uma ideia contraditória de que a raça é responsável pela economia, visto que escreve sobre a história econômica sem usar o conceito de raça e enfatiza o sistema de propriedade e trabalho:

essas duas ideias – por ele apresentadas de maneira contraditória – estavam destinadas a longa carreira nas explicações do Brasil e dos brasileiros. E o seu contraditório pessimismo tornar-se-á pessimismo total em alguns dos seus sucessores (LEITE, 1983, p. 209)

Do final do século XIX e início do XX, o pesquisador enfatiza a relevância da literatura regionalista, que escreve sobre o homem rústico, primitivo, que vive fora das cidades. Em sua análise, o regionalismo é um movimento contrário ao nacionalismo, na medida em que salienta as

diferenças entre os brasileiros de cada região do país. Desse período, ressalta *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, de 1902, porque “tem o sentido de uma revelação de parte desconhecida do Brasil e, principalmente, de nova maneira de interpretar a situação nacional” (LEITE, 1983, p. 222), ao descrever o sertão e o homem rústico. De acordo com Dante, sua explicação da sociedade, também contraditória, supõe que o meio geográfico determina a raça e considera fatores principais a relação entre o clima e o desenvolvimento de determinados traços psicológicos, por exemplo. Embora Euclides da Cunha revele preconceito contra raças que considera inferiores, a forma como escreve *Os Sertões* acaba sendo favorável a esses grupos e contrária aos dominantes quando procura explicar o que gerou a revolta de Canudos.

O pesquisador constata que, nesse período, o conceito de raças superiores e inferiores era aceito por diversos autores brasileiros, revelando preconceito. Dentre eles, ressalta alguns que explicitamente se mostram preconceituosos, especialmente contra os negros, e dedica um capítulo à descrição e crítica de suas teorias. Os que chamam mais a atenção de Dante são Oliveira Vianna, Affonso Arinos de Mello Franco e Gustavo Barroso, pela gravidade de suas argumentações.

O pesquisador esclarece que as explicações racistas representam um esquema de pensamento do evolucionismo linear, que entende que há raças superiores e inferiores, responsáveis por culturas avançadas e atrasadas, respectivamente. De acordo com essas teorias, negros e índios significam atraso para a cultura branca e isso explica a situação do Brasil, considerado atrasado em relação a outros países, como os EUA, por exemplo.

No caso de Oliveira Vianna, Dante verifica que o autor se contradiz ao longo de suas obras e utiliza argumentos frágeis e sem comprovação, afirma que “sua documentação é também muito pobre; o autor mais citado é ele mesmo” (LEITE, 1983, p. 249), que confirma o que escreve com os próprios argumentos, sem demonstrar nenhum “documento comprobatório” (LEITE, 1983, p. 249), “desprezando a documentação que era utilizada por historiadores de sua época, Oliveira Vianna inventa a história” (LEITE, 1983, p. 246). De acordo com Dante, o autor assim procede para defender a

superioridade dos brancos em relação aos negros, defendendo pontos de vista racistas. Finaliza sua análise com o seguinte comentário:

Só um comentário final: apesar de críticas – e felizmente já havia, no Brasil, quem percebesse os absurdos de suas afirmações, a ausência de documentos – esses livros tiveram várias edições e foram citados a sério como se representassem algo mais que imaginação doentia de um homem que deve ter sido profundamente infeliz. Mas apesar de tudo, sua obra demonstra para o sociólogo e o psicólogo a crueldade do domínio de um grupo, por outro: o grupo dominado acaba por se ver com os olhos do grupo dominante, a desprezar e a odiar, e si mesmo, os sinais do que os outros consideram sua inferioridade. E talvez, poucos brasileiros tenham escrito palavras tão cruéis e injustas a respeito do negro: este é simiesco, troglodita, decadente moral, inferior. Para ele, para os mestiços também inferiores, Oliveira Vianna recomendava um governo forte, capaz, provavelmente, de impor novamente a moralidade da senzala” (LEITE, 1983, p. 253-254)

Encontra também autores que propõem soluções fascistas, mais explicitamente que Oliveira Viana, e também antissemitas. Affonso Arinos de Mello Franco, por exemplo, escreve que o Estado deveria se opor pela força aos resíduos culturais dos negros africanos e dos índios, ao que Dante reage:

Isso é nitidamente uma pregação fascista: a massa popular precisa ser contida pela elite branca, e ser contida pela força, pois as características ‘primitivas’ do povo impedem que atinja a civilização. Aqui, a solução fascista – renunciada no aristocratismo de Oliveira Vianna – é claramente proposta, até com certa ingenuidade.

Mas para que as teorias de explicação ideológicas do Brasil tivessem todos os sintomas fascistas, faltava uma nota antissemita. Disso se encarregou Gustavo Barroso (LEITE, 1983, p. 270).

Barroso chega a atribuir à influência judaica as manifestações folclóricas negras. De acordo com Dante:

Se os psicólogos ainda precisassem de uma prova de que o antissemitismo em suas formas extremadas é uma fantasia psicótica, Gustavo Barroso a apresentaria com todos os pormenores. A tragédia é que este homem não estava num hospital psiquiátrico: escrevia e editava livros, e estes eram citados como provas contra políticos, contra juízes de Direito,

contra membros do clero, contra escolas superiores – enfim, todos os que não aceitassem participar da mesma psicose. E os seus livros foram também lidos como explicação para o atraso do Brasil, provocado pela maldade de um povo estrangeiro (LEITE, 1983, p. 272).

Esses exemplos são suficientes para ilustrar as teorias racistas que existiam no Brasil, na primeira metade do século XIX, que, como enfatiza o intelectual, justificavam a pobreza existente e as condições de vida da população, especialmente dos negros, índios e mestiços.

Do começo do século XX, o pesquisador destaca Manoel Bomfim, que observou diversos erros das teorias racistas que exerciam grande influência sobre o pensamento brasileiro. Porém, observa Dante, Bomfim não escreveu seu pensamento com muita habilidade e não ficou muito conhecido, mas era um otimista num momento pessimista, com concepções à frente de seu tempo:

Mas a razão fundamental para o esquecimento de sua obra decorre do fato de Manoel Bomfim estar adiantado com relação aos intelectuais de seu tempo, ou do fato de ser capaz de propor uma perspectiva para a qual esses intelectuais não estavam preparados. Nacionalista num período de pessimismo, em que os intelectuais só discordavam quanto às razões de nossa inferioridade como povo, mas não dessa inferioridade; socialista, num período em que nossos intelectuais direta ou indiretamente, estavam seduzidos pelas *realizações* de Mussolini na Itália, Manoel Bomfim não poderia ser compreendido (LEITE, 1983, p. 276, grifos do autor).

Apesar de alguns avanços, analisa Dante, Bomfim mantinha a ideia de transmissão hereditária de traços psicológicos e o caráter nacional seria a evidência da hereditariedade psicológica. Ao mesmo tempo, sustentava que a educação era o meio para superar o atraso dos povos latinos, sem perceber a contradição entre essa ideia e a hereditariedade psicológica.

Ainda na primeira metade do século XX, Dante identifica também em Gilberto Freyre um autor que refuta teorias racistas, embora considere que características psicológicas são “predisposições submetidas à influência do ambiente social” (LEITE, 1983, p. 303). Para Gilberto Freyre, esclarece Dante, “há certas características, não exclusivamente de raças, mas de

povos, e que seriam determinadas pela interação de raça e ambiente” (LEITE, 1983, p. 303), sendo que não há raças superiores e inferiores.

Quando Gilberto Freyre publicou *Casa Grande & Senzala*, em 1933, o livro foi interpretado como uma afirmação corajosa de crença no Brasil, no mestiço e no negro, sobretudo se pensamos no prestígio de um escritor como Oliveira Vianna e no predomínio das doutrinas racistas que dariam base ideológica ao nazismo. Hoje, com a independência dos povos africanos e com a luta dos negros norte-americanos pelos seus direitos civis, a posição de Gilberto Freyre parece inevitavelmente datada e anacrônica (LEITE, 1983, p. 343, grifos do autor).

Apesar da crítica de que se trata de uma teoria datada, a obra de Gilberto Freyre é relevante por, assim como Manoel Bomfim, representar um avanço no pensamento brasileiro e a mudança de perspectiva, que tira a ênfase da explicação para a situação do país pelas raças, descartando a existência de superioridade de umas sobre outras.

Essas teorias são definitivamente superadas, de acordo com Dante, perto de 1950, durante o período que considera de destruição da ideologia do caráter nacional brasileiro, que teve início, aproximadamente, em 1880. Embora não faça parte do período delimitado como objeto de estudo, faz questão de indicar os rumos observados nos estudos realizados sobre o Brasil, que, ressalta, não são os únicos, mas são os mais significativos.

Dante estabelece que não existe um marco delimitador dessa destruição, mas, identifica um período de transição, com a afirmação de novas tendências. Indica como provável fato mais significativo a nova posição da elite intelectual:

enquanto na fase ideológica o grupo intelectual se identifica com as classes dominantes, na fase seguinte os intelectuais, se não se identificam com as classes desprotegidas, procuram ver o conjunto da sociedade (LEITE, 1983, p. 343).

Com isso, os ideólogos passam a se aproximar mais do conceito de intelectual considerado neste estudo, pelo interesse em analisar o conjunto da sociedade e questionamento das condições em que as classes mais pobres se encontram, desnaturalizando a pobreza.

Dos autores selecionados, destaca-se a sua interpretação a respeito de Caio Prado Júnior, único que refuta as teorias raciais com uma explicação que Dante considera “positiva e global” (LEITE, 1983, p. 348). Desde o fim do período colonial, Caio Prado Jr. explica as fases posteriores, definindo três aspectos para análise: o povoamento, a vida material e a vida social:

No entanto, antes de descrevê-los, indica o que denominou o ‘sentido da colonização’ e chega a uma análise que se tornou clássica para os que estudam o Brasil: para compreender a nossa história é necessário pensar que a colonização do Brasil procurou obter produtos tropicais, isto é, inexistentes na Europa (LEITE, 1983, p. 348).

Essa concepção permite compreender os três aspectos citados (vida material, povoamento e vida social), bem como a escolha dos produtos agrícolas produzidos, o desenvolvimento e a decadência das diferentes regiões do país, e explica que a economia estava dirigida para o mercado europeu e não interno, esclarecendo o tipo de exploração e a organização da produção. Para Caio Prado Jr., o sentido da colonização determina a vida econômica e demais características da vida brasileira. Dante considera que o principal avanço de Caio Prado Jr. é interpretar a situação do país pela economia e não pelas raças ou clima:

É nesse sentido que Caio Prado Jr. representa um momento decisivo na superação do pensamento ideológico: as características da colônia não são determinadas por misteriosas forças impostas pelo clima ou trazidas pelas raças formadoras, mas resultam do tipo de colonização imposto pela economia europeia (LEITE, 1983, p. 349).

O intelectual afirma que, com a concepção do sentido da colonização, é possível uma interpretação dinâmica de vários episódios da história brasileira. Para ele, essa é uma visão otimista, pois mostra que a vida brasileira resulta de condições concretas, que podem ser modificadas, e não do destino:

A mensagem final desse livro de Caio Prado Junior [*Formação do Brasil contemporâneo*] é, comparada às ideologias, evidentemente otimista: as características da vida brasileira não foram impostas pelo destino, mas por condições concretas que podem ser modificadas. Mas, por

isso mesmo, não apresenta o otimismo ingênuo dos que consideravam o Brasil um país extremamente rico, ou dos saudosistas que apresentam a nossa colonização como exemplo para o resto do mundo (LEITE, 1983, p. 350).

Dante encerra as análises com a discussão dessa fase, que denomina de superação da ideologia, e, em seguida, apresenta suas conclusões gerais. Sua principal conclusão é a identificação luta de classes nas teorias racistas:

na medida em que estas apresentam diferenças biológicas entre raças – que são também classes sociais – justificam o domínio de um grupo sobre outro, mas, ao mesmo tempo, negam a unidade nacional. Num segundo momento, as teorias racistas são empregadas pelos ideólogos do imperialismo, e aí justificam o domínio do europeu branco sobre os povos coloniais (LEITE, 1983, p. 362)

O pesquisador constata que a ideologia do caráter nacional brasileiro acompanha as teorias europeias para justificar tanto o domínio das classes ricas sobre as pobres, quanto o atraso do Brasil pela existência de raças consideradas inferiores e mestiços:

Na verdade, não é fácil explicar por que essas teorias foram aceitas no Brasil. De um lado, como sua aceitação coincide com a abolição da escravatura, poder-se-ia pensar que as teorias racistas constituem a forma de defesa do grupo branco contra a ascensão social dos antigos escravos. De outro, poderia ser apenas a justificativa para a manutenção desses grupos numa condição de semiescravidão. E assim como os europeus justificavam seus privilégios pela incapacidade dos povos mestiços, as classes dominantes justificavam seus privilégios pela incapacidade dos negros, índios e mestiços (LEITE, 1983, p. 362)

Dentre as hipóteses para a mudança de perspectiva teórica que ocorre nos anos 1950 e a superação da ideologia do caráter nacional, menciona a mudança de atitude do intelectual brasileiro frente às classes mais pobres.

Por fim, com esse estudo, responde algo que não conseguiu responder na tese: se as características psicológicas atribuídas ao brasileiro têm alguma relação com a realidade.

O número e a diversidade de tais características justificam a ideia de que não podemos imaginar sua correspondência

com qualquer grupo brasileiro, muito menos com o brasileiro. Não existe qualquer prova de que um povo tenha características psicológicas inexistentes em outro. Quando muito seria possível pensar em características mais importantes num grupo que em outro, mas isso só poderia ser feito através de técnicas quantitativas e de distinção entre grupos regionais e de classe. Mas ainda que algum dia se chegue a esse tipo de estudo, as características psicológicas não poderão ser entendidas como fonte de desenvolvimento histórico e social. Ao contrário, as condições da vida social é que determinam as características psicológicas, embora estas, depois, possam também influir na vida social (LEITE, 1983, p. 365).

Encerra o livro com a seguinte afirmação:

Portanto, as ideologias do caráter nacional brasileiro frequentemente representam, não uma autêntica tomada de consciência de um povo, mas apenas um obstáculo no processo pelo qual uma nação surge entre outras, ou pelo qual um povo livre surge na História (LEITE, 1983, p. 365).

Vê-se que o intelectual continua se atendo ao âmbito psicológico, explicando a atribuição de determinadas características a um grupo pela percepção grupal, que ele, provavelmente, extraiu da teoria de Heider, conforme já mencionado. Já se frisou também a posição defendida nesta pesquisa, de que a Psicologia é fundamental para a compreensão, e também para a transformação, da sociedade, e sua importância não é menor que a da Sociologia. Compreende-se que o conhecimento produzido pelas ciências parcelares é fundamental para a crítica da sociedade.

O conceito de ideologia empregado por Dante, no sentido de conjunto de teorias e ideias não científicas, pode ajudar a compreender também a forma reduzida do domínio social que ele inclui nas suas conclusões. Para sustentar esse entendimento, apresenta-se primeiro, algumas considerações sobre o conceito.

Ideologia é um termo que se transformou historicamente, tanto em sua definição quanto em sua função. É considerada, nesta pesquisa, como algo que justifica a realidade e oculta as relações de dominação, como uma inversão que omite as condições reais. Para compreendê-la, segundo essa concepção, é preciso analisar detalhadamente a história dos homens, pois,

quase toda ideologia se reduz a um falso entendimento dessa história. É resultado do processo da vida material, o que implica afirmar que não tem autonomia, não tem história própria, pois, são os homens que, por meio da produção material e das relações materiais, transformam a realidade, o pensamento e os produtos do pensamento (MARX e ENGELS, 1845-1846/2007).

A sociedade industrializada marca uma das transformações pelas quais o conceito passou, tornando-se consciência falsa e, ao mesmo tempo, verdadeira. Nessa sociedade, ideologia é:

consciência objetivamente necessária e, ao mesmo tempo, falsa, como interligação inseparável de verdade e inverdade, que se distingue, portanto, da verdade total tanto quanto da pura mentira, pertence, se não unicamente à nossa sociedade, pelo menos a uma sociedade em que uma economia urbana de mercado já foi desenvolvida (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 191).

Nessas condições, a ideologia se transformou em justificação, que pressupõe uma situação social problemática, reconhecida como tal, mas, que precisa ser justificada para que se mantenha. Ao mesmo tempo, é preciso haver uma concepção de justiça, que reitera a necessidade da justificação – sem essa concepção, a explicação seria desnecessária.

Nota-se que Dante compreende a ideologia como justificação, compreendendo que explica diferenças entre classes sociais. Para a teoria crítica, o conceito não tem mais esse papel de ocultação, pois, converteu-se em mentira manifesta. É possível enxergar o que antes estava oculto, portanto, o problema não é mais desvelar a realidade, mas sim romper o que faz com que a ordem social se mantenha:

... hoje, o homem adapta-se às condições dadas em nome do realismo. Os indivíduos sentem-se, desde o começo peças de um jogo e ficam tranquilos. Mas, como a ideologia já não garante coisa alguma, salvo que as coisas são o que são, até a sua inverdade específica se reduz ao pobre axioma de que não poderiam ser diferentes do que são. Os homens adaptam-se a essa mentira, mas ao mesmo tempo, enxergam através do seu manto. A celebração do poder e a irresistibilidade do mero existir são as condições que levam ao desencanto. A ideologia já não é um envoltório mas a própria imagem ameaçadora do mundo. Não só pelas suas

interligações com a propaganda mas também pela sua própria configuração, converte-se em terror. Entretanto, precisamente porque a ideologia e a realidade correm uma para a outra; porque a realidade dada, à falta de outra ideologia mais convincente, converte-se em ideologia de si mesma, bastaria ao espírito um pequeno esforço para se livrar do manto dessa aparência onipotente, quase sem sacrifício algum. Mas esse esforço parece ser o mais custoso de todos (HORKHEIMER e ADORNO, 1973, p. 203)

Considerando o que os teóricos críticos escrevem sobre a crítica ideológica, de que não basta recusar teses falsas, que pretendem aparentar consistência; é preciso analisar a quem se destinam, a quais configurações psicológicas, e o que querem incutir nas pessoas, que é algo distinto do apresentado no discurso, tem-se que Dante conseguiu recusar, por meio de pesquisa, as teorias falsas e começou a vislumbrar novas possibilidades de interpretação quando encontra a obra de Caio Prado Jr., o que aconteceu, pelo menos, sete anos antes de sua morte. Se ele teria realizado mais estudos com essa perspectiva, não se pode afirmar.

Nota-se que Dante esgota a crítica ideológica do caráter nacional na concepção de ideologia como conjunto de ideias e teorias, reduzindo a crítica à justificação. Constata a transposição de teorias racistas para a luta de classes, mas encerra nesse ponto a análise, ou seja, identifica um problema e uma explicação, mas não reflete sobre suas origens, permanência e consequências. O pesquisador verifica que existe a luta de classes, bem como a perpetuação da ideologia desde o ensino escolar por meio do livro didático, mas restringe sua discussão à recusa de teorias falsas. Por isso é possível afirmar que o conceito de ideologia que emprega não permite a crítica social.

De acordo com o referencial teórico aqui adotado, na sociedade industrial, a crítica ideológica é insuficiente à medida que a ideologia não oculta mais a realidade, porque converteu-se no aparato produtivo, que ordena e mantém a sociedade, não sendo mais necessária uma função de ocultamento, tal como exercia antes. Nas palavras de Marcuse, “A tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social” (MARCUSE, 1976, p. 18):

O progresso técnico, levado a todo um sistema de dominação e coordenação, cria formas de vida (e de poder) que parece reconciliar as forças que se opõem ao sistema e rejeitar ou refutar todo protesto em nome das perspectivas históricas de liberdade de labuta e de dominação. A sociedade contemporânea parece capaz de conter a transformação social – transformação qualitativa que estabeleceria instituições essencialmente diferentes, uma nova direção dos processos produtivos, novas formas de existência humana (MARCUSE, 1967, p. 15-16).

Os estudos de Dante Moreira Leite são, definitivamente, relevantes e significaram avanços no pensamento científico no campo psicológico. De fato, nota-se que a interdisciplinaridade é um mérito desse sistemático pesquisador. Entretanto, não lhe conduz à crítica social que visa a transformação da ordem vigente.

Considerações finais

O objetivo de verificar como Dante Moreira Leite desenvolve os conceitos de ideologia e preconceito em suas principais obras foi alcançado. A hipótese de que a concepção de ideologia empregada limita sua análise acerca desses conceitos, uma vez que, toma a realidade como dada, de modo que suas proposições se aproximam mais da adaptação à realidade do que à sua transformação, foi confirmada.

Embora o pesquisador utilize o conhecimento de outras áreas e considere a importância dos fatores históricos e sociais nos seus estudos, ele o faz para situar o problema em análise e compreender seu desenvolvimento histórico, mas não os emprega nas conclusões ou desdobramentos dos resultados. Toma a realidade como dada, visto que, as soluções que propõe são criadas para a ordem social existente, buscando meios para aprimorar o que aí está e não para transformar.

Vê-se que, quando discute os problemas educacionais brasileiros, critica a forma como a sociedade organiza a educação e propõe alternativas para contornar o problema, com o intuito de viabilizar o ensino sob essas condições, sem transformá-las.

As pesquisas sobre a ideologia do caráter nacional brasileiro são, inquestionavelmente, relevantes para a Psicologia Social e também para a compreensão da história da cultura e da política, no Brasil. O estudo é detalhado e sistemático e as conclusões obtidas representam um avanço científico para a época em que foram produzidas.

Mas é possível identificar dois elementos que limitam as conclusões e críticas do autor. O primeiro é o fato de separar a pesquisa psicológica da sociológica, mesmo que apenas didaticamente, sem considerar que são de naturezas distintas. É essa delimitação que faz com que, no momento de analisar o problema, explique pela Psicologia sem incluir implicações sociais, como faz na pesquisa sobre conceitos morais nos livros didáticos. Quando os analisa, está, evidentemente, preocupado com a formação das crianças, mas tem como foco as consequências psicológicas para o aluno. O livro didático, que deveria ser um instrumento esclarecedor, se torna um divulgador de

ideologia e preconceito, fato que tem desdobramentos em toda a sociedade, mas o autor não debate esse aspecto, que deixa a cargo da Sociologia.

Para que a Psicologia possa investigar seu objeto, o conhecimento produzido pela Sociologia é importante, assim como o contrário também é verdadeiro. Os ideólogos analisados pelo intelectual buscam explicações no indivíduo, nas teorias de raças, supondo que a psique individual ou coletiva determina a sociedade, sem considerar as relações entre indivíduos e as instituições sociais, como política, economia e educação, e leis subjacentes a essas relações. Não existe constituição social quando indivíduo e instituições sociais estão insolados um do outro.

É essa mudança na perspectiva, que tira o foco do indivíduo e passa para as instituições sociais, que Dante identifica na obra de Caio Prado Jr., que percebe a determinação econômica na vida social brasileira, como explicação para as citadas relações e leis subjacentes. Com isso, Dante conclui, no livro sobre o caráter nacional, que a vida social determina a vida psíquica primeiro, depois esta última passa a interferir na sociedade, ou seja, separa em dois momentos distintos, sem considerar a dialética, esquecendo-se de que a sociedade é, também determinada pelos indivíduos – a influência é recíproca e ocorre ao mesmo tempo.

O segundo elemento, é o emprego de ideologia como conjunto de teorias não científicas, no sentido de justificação. Desse modo, ele termina as conclusões verificando que a ideologia justifica condições sociais, resultado de seu estudo acerca da pretensa existência de um caráter nacional, por meio da crítica ideológica a teorias sociais difundidas por intelectuais brasileiros que descrevem características psicológicas do povo. Sem dúvida, ele reconhece a importância disso para a ciência e a sociedade, tanto que faz questão de mencionar a superação dessa ideologia. O autor delimita o período compreendido entre a fase colonial do Brasil até os anos 1950 para análise em seu estudo. A fase que denomina de superação de ideologia do caráter nacional tem início nos anos 1950, sendo que se encontra fora do escopo da pesquisa, mas, mesmo assim, constata sua relevância para o pensamento científico e escreve a respeito.

Quanto a seu papel de intelectual, constata-se que o autor não se

identifica com a classe dominante e escreve pensando nas classes mais pobres, denunciando e criticando as condições em que vivem. Contudo, visa melhorar as condições existentes, por isso, não se pode dizer que se coloca ao lado da classe proletária ou que tenha se identificado com sua luta. Mesmo assim, por conta das demais relevantes razões aqui descritas, é considerado um intelectual importante na história da Psicologia brasileira, especialmente da Psicologia Social.

Assim como o próprio Dante estabelece que não se deve pesquisar para comprovar uma teoria – por exemplo, no estudo da literatura, não se deve procurar na obra literária a confirmação de uma teoria que se toma como correta, à medida que esse tipo de análise não permite o avanço da ciência, esta pesquisa não tem como objetivo avaliar se o pesquisador acertou ou errou, confirmando seu pensamento da perspectiva da teoria crítica. Afinal, ele não é um teórico crítico. Não seria contribuição relevante ao conhecimento indicar em que elaborações o autor sustenta argumentos e explicações condizentes com essa escola de pensamento e em que elaborações diverge dela. Entretanto, a teoria crítica permite identificar em quais momentos Dante se aproxima da crítica social e como a conduz, para verificar a validade da hipótese de pesquisa.

Como já mencionado, o autor deixou uma extensa e importante bibliografia. Sugere-se que mais pesquisas sobre sua obra sejam realizadas. Bastante material foi consultado para realizar este estudo, mas nem tudo pode ser utilizado e alguns achados interessantes não foram incluídos. Vale a pena, portanto, dar continuidade ao estudo. É pertinente, explorar mais detalhadamente o extenso acervo documental para verificar se há mais informações acerca da regulamentação da profissão, por exemplo.

Por fim, a realização desta pesquisa possibilitou, para a autora, conhecer mais da obra de um intelectual admirado, que não deveria ser esquecido, principalmente na área científica a que se dedicou. Como fazer ciência implica criticar o conhecimento produzido, é preciso submeter sua obra à crítica (bem como este estudo), em busca dos aspectos que podem ser aprimorados para o avanço científico. Portanto, não é demérito criticar o trabalho de um autor, tarefa que, de início, não foi facilmente empreendida.

Espera-se que este estudo tenha feito jus à memória de Dante Moreira Leite e contribua para a reflexão acerca do papel da Psicologia na crítica da sociedade.

Referências bibliográficas

ARQUIVOS BRASILEIROS DE PSICOTÉCNICA. *A formação de psicologistas no Brasil*. v. 11, n. 3 e 4, 1959.

ADORNO, T. W. *et al. The Authoritarian Personality*. New York: The Norton Library, 1950/1969.

_____. A psicanálise revisada. In: _____. *Ensaio sobre psicologia geral e psicanálise*. Tradução: FREITAS, V. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP. 1952/2015.

_____. Progress. _____. In: *Critical Models: Interventions and Catchwords*. Tradução: Henry W. Pickford. Nova York, 2005 [1969], pp. s/n.

_____. Late Capitalism or Industrial Society? (Opening Address to the 16th German Sociological Congress). Tradução: Dennis Redmond. 2001 [1968]. Disponível em: <http://members.efn.org/~dredmond/AdornoSozAddr.PDF>. Acesso em 13/06/2017

_____. *Educação e emancipação*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e terra, 1971/2011.

ANGELINI, A. L. Associação de Psicologia de São Paulo (ASPSP) – 2004. In: JACÓ-VILELA, A. M. (org.). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: CFP, 2011, pp. 57-59.

BAPTISTA, M. T. D. S. A regulamentação da profissão Psicologia: Documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, São Paulo, nº 30, pp. 170-191, 2010.

BARAN, P. A. The Commitment of the Intellectual. *Monthly Review: an independent socialist magazine*. New York, v. 13, Issue 01, mai. 1961. Disponível em: <http://monthlyreview.org/1961/05/01/the-commitment-of-the-intellectual/> Acesso em: 11/01/2016.

BENJAMIN, W. The Author as Producer. *New Left Review*. London, v. I, nº 62, pp. 83-96, jul.-ago.1934/1970.

BOSI, E. Dante Moreira Leite. In: *Cadernos de Pesquisa. Revista de estudos e pesquisas em educação*. São Paulo, nº 17, pp. 33-36, jun. 1976.

BRASIL. Projeto de Lei nº 3825-A, de 11 de abril de 1958. Transformado na Lei Ordinária 4119/1962.

_____. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.

_____. Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971. Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia e dá outras providências.

CABRAL, A. de C. e M. Depoimento de Annita de Castilho e Marcondes Cabral. In: MORAIS, S. T. P. *Professores universitários e psicólogos contam suas vidas*. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982/1999.

CADERNOS DE PESQUISA. *Revista de estudos e pesquisas em educação*. São Paulo, nº 17, jun. 1976.

CASTRO, A. de C., GHIRINGHELLO, L. Associação Brasileira de Psicologia (ABP) – 1978-1994 – 1999 (?). In: JACÓ-VILELA, A. M. (org.). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: CFP, 2011, pp. 41-43.

COSTA, L. C. *A mulher e a cidade: um estudo das relações entre as personagens femininas e o espaço romanescos em José de Alencar e Machado de Assis*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Letras – Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ELIAS, A. F. *A criança ajustada: aspectos do pensamento de Dante Moreira Leite sobre a infância urbana brasileira*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

FERREIRA, M. S. *O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956/1961)*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sudeste – 1972-1975. In: JACÓ-VILELA, A. M. (org.). *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Imago; Brasília, DF: CFP, 2011, pp. 106-108.

GRACIANO, M. Dante Moreira Leite face a preconceitos e ideologias sobre o caráter nacional. In: *Cadernos de Pesquisa. Revista de estudos e pesquisas em educação*. São Paulo, nº 17, pp. 9-12, jun. 1976.

HORKHEIMER, M. Vorwort. In: *Studien über Autorität und Familie*. Springe: Dietrich zu Klampen Verlag, 1936, p. 900.

_____. Foreword to studies in prejudice. In: ADORNO, T. W. *et al. The Authoritarian Personality*. New York: The Norton Library, 1950/1969, pp. v-xii.

_____. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Textos escolhidos*. Tradução: Z. Loparic *et. al.* 5ª edição. São Paulo: Nova Cultural. 1937/1991 pp 117-154.

HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W. Sociedade. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Temas básicos da sociologia*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1956/1973, pp. 25-44.

_____. Preconceito. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Temas básicos da sociologia*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1956/1973, pp. 171-183.

_____. Ideologia. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Temas básicos da sociologia*. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1956/1973, pp. 184-204.

LEITE, D. M. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e Estudos em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1950/2008a, pp. 171-207.

_____. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e Estudos em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1950/2008b, pp. 209-237.

_____. A situação do ensino no Brasil. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e Estudos em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1953/2008c, pp. 239-243.

_____. *Caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas através de ideologias e estereótipos*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Boletim nº 230/Psicologia nº 7, 1954/1959.

_____. Filosofia e Psicologia. In: LEITE, R. M. (org.). *Estudos em Psicologia*. São Paulo: Editora UNESP. 1956/2009a, pp. 15-30.

_____. Psicologia e teoria psicológica. In: LEITE, R. M. (org.). *Estudos em Psicologia*. São Paulo: Editora UNESP. 1956/2009b, pp. 31-42.

_____. O brinquedo, a leitura e a criança. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e estudos em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1958/2008d. pp. 245-251.

_____. Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e estudos em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1959/2008e, pp. 253-273.

_____. A psicologia social de *Os Sertões*. In: LEITE, R. M. (org.). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora UNESP. PP. 101-119. 1965/2007a, pp. 101-119.

_____. Código de ética do psicólogo. In: LEITE, R. M. (org.). *Estudos em Psicologia*. São Paulo: Editora UNESP. 1956/2009c. pp. 61-71.

_____. *Psicologia e literatura* [livro eletrônico]. 5ª edição revisada. Série Dante Moreira Leite. Organizador Rui Moreira Leite. São Paulo: Editora UNESP. 1967/2002.

_____. *Ofício de tradutor*. In: LEITE, R. M. (org.). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora UNESP. 1966/2007b, pp. 157-178.

_____. A investigação psicológica em face da educação brasileira. In: LEITE, R. M. (org.). *Psicologia diferencial e estudo em educação*. São Paulo: Editora UNESP. 1967/2008f, pp. 321-351.

_____. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4ª edição. São Paulo: Livraria Pioneira Editora. 1969/1983.

_____. Literatura brasileira. In: LEITE, R. M. (org.). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora UNESP. 1971/2007c, pp. 201-215.

_____. Código de Ética (anexo apontamentos manuais). Acervo Dante Moreira Leite, CAPH – USP, P 37, E 41. 1972.

_____. (org.). *O desenvolvimento da criança*. São Paulo: Editora UNESP. 1972/2010.

_____. Tradução e linguagem. In: LEITE, R. M. (org.). *Amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora UNESP. 1973/2007d, pp. 179-192.

_____. *Memorial para o concurso de Professor Titular*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, s.n., 35 p., 1973.

_____. Causalidade pessoal e impessoal na teoria de F. Heider. In: LEITE, R. M. (org.). *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Editora UNESP. PP. 25-29. 1979/2007e, pp. 25-29.

LOURENÇO FILHO, M. B. A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos (1969). In: ANTUNES, M. A. M. (org.) *História da Psicologia no Brasil – primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ : Conselho Federal de Psicologia. 1969/2004, pp. 109-119.

LOWENTHAL, L., GUTERMAN, N. *Prophets of Deceit*, Studies in Prejudice Series, Volume 5. Nova York: Harper & Brothers, 1949.

MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. Tradução: Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP. 1941/1999, pp. 71-104.

_____. *Ideologia da sociedade industrial*. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964/1967.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 1867/2013.

MARX, K., ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 1845-1846/2007.

MELLO, S. L. Psicologia: características da profissão. In: YAMAMOTO, O. H.; COSTA, A. L. F. (orgs.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil*. Natal: EDUFRN Editora da UFRN, 2010, pp. 143-163.

MUSTAPHA, S. A. dos S. *Trajetória e atuação dos intelectuais e técnicos nas Divisões de Pesquisa do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo em sua primeira fase (1956-1961)*. Dissertação de Mestrado – PEPG em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

NAGLE, J. A reflexão pedagógica crítica: uma necessidade e um exemplo. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº 17, pp. 13-26. 1976.

PAIVA, G. J. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, nº 2, 2000, pp. 25-57.

Psicologia USP. São Paulo, vol. 11, nº 2, jun. 2000.

PUGLIA, D. *Um artista da fome: a imagem do artista numa narrativa de Franz Kafka*. Dissertação de Mestrado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2000.

REVISTA DE PSICOLOGIA NORMAL E PATOLÓGICA. *Substitutivo, apresentado pela Associação Brasileira de Psicólogos e pela Sociedade Brasileira de Psicologia de São Paulo, ao Anteprojeto de Lei 3.825/1958 do Ministério da Educação e Cultura; Justificativa*. Nº 3-4, pp. 394-401. 1958.

ROSEMBERG, F. Um psicólogo na literatura infantil. In: *Cadernos de Pesquisa. Revista de estudos e pesquisas em educação*. São Paulo, nº 17, pp. 5-7, jun. 1976.

SASS, O. O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia, de Dante Moreira Leite. In: LOPES, A. A. B. M.; MELO, C. M. M. (orgs.). *Clássicos da educação brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, pp. 35-48.

SCHMIDT, M. L. S. et al. (org.). *Programa de pós-graduação em psicologia escolar e do desenvolvimento humano: 40 anos*. São Paulo: Instituto de Psicologia, 2010.

SCHMIDT, M. L. S., NEVES, T. F. S. *Dante Moreira Leite*. Coleção Pioneiros da Psicologia Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília, DF: CFP, 2002.

_____. Dante Moreira Leite: ciência psicológica, interdisciplinaridade e diferença. In: *Psicologia USP*. São Paulo, vol. 11, nº 2, jun. 2000, pp. 59-88.

SOARES, F. P. *Autoritarismo, tecnocracia e natureza: representações da pátria brasileira em O fruto do vosso ventre, de Herberto Sales (1976)*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

Apêndice A – Lista de traduções e classificação de temas

1. ANASTASI, A. Testes psicológicos: teoria e aplicação. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1964. 762 p.; il. (Coleção Ciências do Comportamento).	Avaliação psicológica e Psicologia Diferencial
2. BUTCHER, H. J. A inteligência humana: natureza e avaliação. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.	Avaliação psicológica e Psicologia Diferencial
3. COLEMAN, J. C. A psicologia do anormal e a vida contemporânea. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1973. 2 v. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).	Avaliação psicológica e Psicologia Diferencial
4. SELTZ, C. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1967. 687 p. (Coleção Ciências do Comportamento).	Métodos de pesquisa
5. DEESE, J. E.; HULSE, S. H. Psicologia da aprendizagem. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1975. 502 p.	Temas educacionais e Psicologia educacional
6. FLEMING, C. M. Psicologia do ensino. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1971. 364 p. (Série Fundamentos da Sociologia Moderna).	Temas educacionais e Psicologia educacional
7. MORSE, W. C.; WINGO, G. M. (orgs.). Leituras de psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1968. 610 p. (Atualidades pedagógicas, 93).	Temas educacionais e Psicologia educacional
8. MOULY, G. J. Psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1966. 529 p. Trabalho original publicado em 1963.	Temas educacionais e Psicologia educacional
9. NOLL, V. H. Medidas educacionais. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963. 508 p.	Temas educacionais e Psicologia educacional
10. RATHS, L. E.; JONAS, A.; ROTHSTEIN, A. M. Ensinar a pensar. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1972. 441 p.	Temas educacionais e Psicologia educacional
11. SLUCKIN, W. Estampagem e aprendizagem inicial. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.	Temas educacionais e Psicologia educacional
12. WINGO, G. M.; MORSE, W. C. (orgs.). Leituras em psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1968. 614 p. (Atualidades Pedagógicas, 93).	Temas educacionais e Psicologia

	educacional
13. ASCH, S. E. Psicologia social. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1960. 2 v. Trabalho original publicado em 1952. (Biblioteca Universitária; Série Ciências Sociais, 2; v. 2.2 e v. 2a).	Temas sociais e Psicologia Social
14. BEN-DAVID, J. O papel do cientista na sociedade. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 281 p.	Temas sociais e Psicologia Social
15. BERSCHNEID, E.; WALSTER, E. H. Atração interpessoal. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 132 p.	Temas sociais e Psicologia Social
16. DAVIS, J. A. Produção do grupo. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 123 p.	Temas sociais e Psicologia Social
17. GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 315 p. (Debates, 91).	Temas sociais e Psicologia Social
18. HARDIN, G. J. A ciência social num mundo em crise. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1973. 415 p. Textos originais extraídos da revista Scientific American.	Temas sociais e Psicologia Social
19. HEIDER, F. Psicologia das relações interpessoais. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira / EDUSP, 1970. 353 p.	Temas sociais e Psicologia Social
20. JONES, J. M. Racismo e preconceito. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 173 p. (Tópicos de Psicologia Social, 8).	Temas sociais e Psicologia Social
21. KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. S.; BALLACHEY, E. L. O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. 2 v.	Temas sociais e Psicologia Social
22. KIESLER, C. A.; KIESLER, S. B. Conformismo. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973.	Temas sociais e Psicologia Social
23. MEGARGEE, E. I.; HOKANSON, J. E. A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU / EDUSP, 1976. 321 p.	Temas sociais e Psicologia Social
24. MILLS, T. M. Sociologia dos pequenos grupos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970. 220 p.	Temas sociais e Psicologia Social
25. O'DEA, T. F. Sociologia da religião. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).	Temas sociais e Psicologia Social
26. PARSONS, T. Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. 191 p.	Temas sociais e Psicologia Social
27. _____. O sistema das sociedades modernas. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 189 p. (Biblioteca das Sociedades Modernas).	Temas sociais e Psicologia Social
28. TUMIN, M. M. Estratificação social. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970. 165 p.	Temas sociais e Psicologia Social

29. WEICK, K. E. A psicologia social da organização. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 120 p.	Temas sociais e Psicologia Social
30. BALDWIN, A. L. Teorias de desenvolvimento da criança. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1973. 569 p.	Teorias do desenvolvimento
31. INHELDER, B.; PIAGET, J. Da lógica da criança à lógica do adolescente (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Pioneira, 1976. 259 p.	Teorias do desenvolvimento
32. ALLPORT, G. W. Personalidade: padrões e desenvolvimento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1966. 721 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
33. BACHRACH, A. J. Fundamentos experimentais de psicologia clínica. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1971. 794 p. (Ciência do Comportamento).	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
34. BLANTON, S. Diário de minha análise com Sigmund Freud. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1975. 96 p. (Iniciação Científica, 35).	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
35. CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. (orgs.). Dinâmica de grupo. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1967. 2 v.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
36. GERGEN, K. J. A psicologia do intercâmbio de comportamento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 114 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
37. HASTORF, A. H.; SCHNEIDER, D. J.; POLEFKA, H. Percepção de pessoa. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 113 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
38. HERRNSTEIN, R. J.; BORING, E. G. Textos básicos de história da psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1971. 793 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
39. HERSEY, P.; PLANCHARD, K. Psicologia para administradores de empresas: a utilização de recursos humanos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1974. 254 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
40. HILGARD, E. R.; ATKINSON, R. C. Introdução à psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1976. 680 p. (Atualidades pedagógicas, 100).	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
41. KRECH, D.; CRUFCHIFIELD, R. S. Elementos de psicologia. 3. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963. 2 v.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
42. MOULY, G. J. Elementos de psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
43. PERSONALIDADE: manual para o seu estudo, organizado com leituras básicas de psicologia da personalidade. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1963. 363 p. Trabalho original publicado de um número de artigos em inglês. (Biblioteca Universitária; Série Ciências Sociais, 10).	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
44. ROGERS, C. R.; STEVENS, B. De pessoa para pessoa: o problema do ser humano, uma nova tendência na psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. 328 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
45. SINGER, J. L. O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1975.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
46. SOMMER, R. Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1973. 220 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
47. SZASZ, T. A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre	Teorias psicológicas

a inquisição e o movimento de saúde mental. 3. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. 408 p. (Psyche).	e temas em Psicologia
48. VERNON, M. D. Percepção e experiência. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia
49. ZIMBARDO, P.; EBBESEN, E. B. Influência em atitudes e modificação do comportamento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 163 p.	Teorias psicológicas e temas em Psicologia

Anexo I – Dados biográficos de Dante Moreira Leite

22/10/1927	Nascimento
1938	Conclusão do curso primário no Grupo Escolar de Mogi das Cruzes, SP.
1942	Conclusão do curso secundário no Ginásio Estadual de Mogi das Cruzes, SP.
1946	Conclusão do Curso Colegial no Colégio Estadual Presidente Roosevelt, SP.
1950	a) Conclusão do Curso Superior em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. b) Obtenção de Bolsa de Viagem para comparecer ao 1º Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros. Biblioteca do Congresso. EUA.
1951	Nomeação “assistente extranumerário” da antiga Cadeira de Psicologia da FFCL-USP.
1953-1955	Contratação como “auxiliar de ensino” da Cadeira de Psicologia.
1954	Obtenção do Título de Doutor com a Tese “O Caráter Nacional Brasileiro: Descrição das Características Psicológicas do Brasileiro através de Ideologias e de Estereótipos”.
1955	Obtenção de Bolsa de Estudos em cursos de Pós-Graduação na Universidade de Kansas, EUA, onde estudou e realizou trabalhos de pesquisa com Roger Barker, F. Heider e A. Smith.
1955-1958	Nomeação para “1º assistente” da Cadeira de Psicologia.
1956-1957	Professor de Psicologia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae da PUC-SP.
1958	Convite de Fernando de Azevedo para dirigir a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, onde realizou estudos sobre currículo e os livros da Escola Primária.
1959-1971	Convite para reger, como contratado, a cadeira de Psicologia Educacional da FFCL de Araraquara, SP.
1964	Obtenção do Título de Livre Docente em Psicologia Educacional com a Tese “Psicologia e Literatura”.
1967	Professor Visitante de Literatura Brasileira da Universidade de

Wisconsin, EUA.

- 1971 Contratado como Professor Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da USP.
- 1973 a) Obtenção do Título de Professor Titular junto ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP.
b) Professor Titular junto ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP.
- 1974-1976 Diretor do Instituto de Psicologia da USP.
- 1975-1976 Conferencista de abertura do Simpósio de Liderança Situacional “A motivação e seu papel no desenvolvimento das organizações”, Hilton, São Paulo Golf Club, Atibaia Parque Hotel, para o Centro de Produtividade do Brasil – CPB.
- 24/02/1976 Falecimento de Dante Moreira Leite.
-

Fonte: Acervo Dante Moreira Leite, CAPH – USP.

Anexo II – Bibliografia de Dante Moreira Leite

Fonte: Acervo Dante Moreira Leite, CAPH – USP. Também disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/centrodememoriaip/?q=node/327>, acesso em 11/10/2015. *Compilada por Antonio Marcos Amorim, Maio de 2011.*

LEITE, Dante Moreira. Notas prefaciais. In: WELLS, H. G.; HUXLEY, J. *Nossa vida mental*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

_____. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. *Boletim da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP*, n. 3, São Paulo, p. 207-231, 1950.

_____. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. *Boletim da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP*, n. 3, São Paulo, p. 175-206, 1950.

_____. A relação indivíduo – sociedade na teoria de Margaret Mead. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, n. 14/17, p. 26-31, 1953.

_____. A situação do ensino no Brasil. *Anhembi*, São Paulo, v. 12, n. 36, p. 413-416, 1953.

_____. Que é um “Date”? *Anhembi*, São Paulo, v. 16, n. 46, p. 181-183, 1954.

_____. Teorias recentes sobre o caráter nacional. *Anhembi*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 181-183, 1954.

_____. O caráter nacional norte-americano. *Anhembi*, São Paulo, v. 16, n. 48, p. 620-622, 1954.

_____. O caráter alemão. *Anhembi*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 173-175, dez. 1954.

_____. *O caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos*. São Paulo, 1954. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1954.

_____. O caráter nacional brasileiro e o futebol. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 5/6, n. 18, 19 e 20, p. 13-17, dez.-jun. 1955.

_____. Guerra e psicologia. *Anhembi*, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 410-411, jul. 1955.

_____. Filosofia e psicologia. *Êxedra*, n. 2, p. 3-12, mai.-jun. 1956.

_____. Psicologia e teorias psicológicas. *Êxedra*, n. 3, p. 3-16, mai.-jun.

1956.

_____. O brinquedo, a leitura e a criança. *Pesquisa e Planejamento*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 11-17, jun. 1958.

_____. Psicologia e literatura. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 10, n. 35/36, p. 127-141, jan.-jun. 1958.

_____. Promoção automática e adequação do currículo ao desenvolvimento do aluno. *Pesquisa e Planejamento*, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 15-34, jun. 1959.

_____. Gibt es einen brasilianischen Volkscharakter? *Stadensjahrbuch*, São Paulo, v. 7/8, p. 147-155, 1959/1960.

_____. Análise de conteúdo dos livros de leitura da escola primária *Pesquisa e Planejamento*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 102-106, jun. 1960.

_____. Teoria da ingratidão. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 100, 18 set. 1960.

_____. O triângulo, o ciúme e a inveja. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 48, 23 out. 1960.

_____. A tentação da profecia. *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, Araraquara, v.1, n. 1, p. 37-56, set. 1960.

_____. Educação e relações interpessoais. *Educação e Ciências Sociais*, v. 9, n. 16, p. 50-79, jan.-abr. 1961.

_____. *Lucíola*: teoria romântica do amor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 4 fev. 1961.

_____. Os românticos e a valsa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 18 fev. 1961.

_____. Educação e capacidade criadora. *Atualidades Pedagógicas*, v. 10, n. 48, p. 42-43, 1961.

_____. A influência da literatura na formação da criança. *Atualidades Pedagógicas*, v. 11, n. 53, p. 3-8, mai.-dez. 1961.

_____. Grande sertão: veredas I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 15 jul. 1961.

_____. Grande sertão: veredas II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 22 jul. 1961.

_____. Ficção, biografia e auto-biografia I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 3 fev. 1962.

_____. Ficção, biografia e auto-biografia II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 10 fev. 1962.

_____. *Justine*: o amor como indiscrição I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 17 ago. 1962.

_____. *Justine*: o amor como indiscrição II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 25 ago. 1962.

_____. *Personalidade*: manual para o seu estudo, organizado com leituras básicas de psicologia da personalidade (org. e trad.). São Paulo: Nacional, 1963. 363 p. (Biblioteca Universitária, Série Ciências Sociais, 10).

_____. A ficção de Guimarães Rosa I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 1, 25 ago. 1963.

_____. A ficção de Guimarães Rosa II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 2, 31 ago. 1963.

_____. A ficção de Guimarães Rosa III. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 7 set. 1963.

_____. A ficção de Guimarães Rosa IV. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 14 set. 1963.

_____. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964. 85 p.

_____. Creativity in literature. In: CONGRESS OF THE INTERAMERICAN SOCIETY OF PSYCHOLOGY, 9. Proceedings... Miami, Florida, USA: SIP, 1964.

_____. Ensino de psicologia. *Jornal Brasileiro de Psicologia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 95-104, 1964.

_____. Hamlet visto por Freud. *Occidente*, Lisboa, ano II, v. 67, p. 127-131, set. 1964.

_____. Psicologia e literatura. São Paulo, 1964. 307 f. Tese (Livre-docência em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1964.

_____. *Psicologia e literatura*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964. 261 p.

_____. A percepção na sala de aula. *Boletim de Matemática e Estatística*, Araraquara, n. 1, p. 40-61, 1965.

_____. Romantismo e naturalismo. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo,

tomo XIX, 1965.

_____. São Paulo: Dominus / São Paulo Editora, 1966. 177 p. (Coleção Buriti, 17).

_____. A psicologia social de Os sertões. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 7, 22 jan. 1966.

_____. Angelina; conto. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 17 set. 1966.

_____. Ofício de tradutor I. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 1, 5 nov. 1966.

_____. Ofício de tradutor II. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 1, 12 nov. 1966.

_____. Ofício de tradutor III. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 4, 19 nov. 1966.

_____. Ofício de tradutor IV. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 26 nov. 1966.

_____. Psicologia e literatura. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 6, 3 jun. 1967.

_____. A investigação psicológica em face da educação brasileira. *Estudos e Documentos*, São Paulo, n. 5, 1967.

_____. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Pioneira, 1969. 339 p.

_____. A medida das diferenças individuais no processo de seleção. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 239-249, 1970.

_____. A atribuição de causalidade. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS. Anais... São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971. v. II. p. 270-280.

_____. Registro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 1, 13 jun. 1971.

_____. Fragmento. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 1, 29 ago. 1971.

_____. (org.). *O desenvolvimento da criança: leituras básicas*. São Paulo: Nacional, 1972. 340 p.

_____. Encontro; conto. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Suplemento Literário, p. 3, 14 mai. 1972.

_____. A atribuição de causalidade. In: ANGELINI, A. L. (ed.). XIV CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA. Anais... São Paulo: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 1973. p. 447-453.

_____. Tradução e linguagem. *Debate e Crítica*, São Paulo, n. 1, p. 151-161, jul.-dez. 1973.

_____. Conformismo e independência. *Debate e Crítica*, São Paulo, n. 2, p. 65-76, 1974.

_____. *O assunto deste debate: vale a pena ver televisão?* *Jornal do Bairro*, São Paulo, p. 2, 22 mai. 1974.

_____. Nossa escola. *Jornal da Tarde*, São Paulo, Suplemento especial, p. 5, 17 jan. 1975.

_____. A educação contemporânea. *Didata*, São Paulo, n. 3, p. 3-8, mai. 1975.

_____. Brincar, um ato cada vez menos criativo nas grandes cidades [depoimento]. *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. 20, 15 dez. 1975.

_____. Força decisiva, o fanatismo é o único protesto possível. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1976.

_____. *O amor romântico e outros temas*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Nacional / EDUSP, 1979. 156 p. (Coleção Ensaio, 7).

Anexo III – Lista de traduções

Fonte: Acervo Dante Moreira Leite, CAPH – USP. Também disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/centrodememoriaip/?q=node/327>, acesso em 11/10/2015. *Compilada por Antonio Marcos Amorim, Maio de 2011.*

1. ALLPORT, G. W. Personalidade: padrões e desenvolvimento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1966. 721 p.
2. ANASTASI, A. Testes psicológicos: teoria e aplicação. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1964. 762 p.; il. (Coleção Ciências do Comportamento).
3. ASCH, S. E. Psicologia social. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1960. 2 v. Trabalho original publicado em 1952. (Biblioteca Universitária; Série Ciências Sociais, 2; v. 2.2 e v. 2a).
4. BACHRACH, A. J. Fundamentos experimentais de psicologia clínica. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1971. 794 p. (Ciência do Comportamento).
5. BALDWIN, A. L. Teorias de desenvolvimento da criança. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1973. 569 p.
6. BEN-DAVID, J. O papel do cientista na sociedade. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 281 p.
7. BERSCHEID, E.; WALSTER, E. H. Atração interpessoal. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 132 p.
8. BLANTON, S. Diário de minha análise com Sigmund Freud. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1975. 96 p. (Iniciação Científica, 35).
9. BUTCHER, H. J. A inteligência humana: natureza e avaliação. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
10. CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. (orgs.). Dinâmica de grupo. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1967. 2 v.
11. COLEMAN, J. C. A psicologia do anormal e a vida contemporânea. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1973. 2 v. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
12. DAVIS, J. A. Produção do grupo. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 123 p.

13. DEESE, J. E.; HULSE, S. H. Psicologia da aprendizagem. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1975. 502 p.
14. FLEMING, C. M. Psicologia do ensino. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1971. 364 p. (Série Fundamentos da Sociologia Moderna).
15. GERGEN, K. J. A psicologia do intercâmbio de comportamento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 114 p.
16. GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 315 p. (Debates, 91).
17. HARDIN, G. J. A ciência social num mundo em crise. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1973. 415 p. Textos originais extraídos da revista Scientific American.
18. HASTORF, A. H.; SCHNEIDER, D. J.; POLEFKA, H. Percepção de pessoa. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 113 p.
19. HEIDER, F. Psicologia das relações interpessoais. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira / EDUSP, 1970. 353 p.
20. HERRNSTEIN, R. J.; BORING, E. G. Textos básicos de história da psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1971. 793 p.
21. HERSEY, P.; PLANCHARD, K. Psicologia para administradores de empresas: a utilização de recursos humanos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1974. 254 p.
22. HILGARD, E. R.; ATKINSON, R. C. Introdução à psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1976. 680 p. (Atualidades pedagógicas, 100).
23. INHELDER, B.; PIAGET, J. Da lógica da criança à lógica do adolescente (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Pioneira, 1976. 259 p.
24. JONES, J. M. Racismo e preconceito. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 173 p. (Tópicos de Psicologia Social, 8).
25. KRECH, D.; CRUFCHIFIELD, R. S. Elementos de psicologia. 3. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963. 2 v.
26. KRECH, D.; CRUTCHFIELD, R. S.; BALLACHEY, E. L. O indivíduo na sociedade: um manual de psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. 2 v.

27. KIESLER, C. A.; KIESLER, S. B. Conformismo. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973.
28. MEGARGEE, E. I.; HOKANSON, J. E. A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU / EDUSP, 1976. 321 p.
29. MILLS, T. M. Sociologia dos pequenos grupos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970. 220 p.
30. MORSE, W. C.; WINGO, G. M. (orgs.). Leituras de psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1968. 610 p. (Atualidades pedagógicas, 93).
31. MOULY, G. J. Psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1966. 529 p. Trabalho original publicado em 1963.
32. MOULY, G. J. Elementos de psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963.
33. NOLL, V. H. Medidas educacionais. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1963. 508 p.
34. O'DEA, T. F. Sociologia da religião. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais).
35. PARSONS, T. Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. 191 p.
36. _____. O sistema das sociedades modernas. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1974. 189 p. (Biblioteca das Sociedades Modernas).
37. PERSONALIDADE: manual para o seu estudo, organizado com leituras básicas de psicologia da personalidade. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1963. 363 p. Trabalho original publicado de um número de artigos em inglês. (Biblioteca Universitária; Série Ciências Sociais, 10).
38. RATHS, L. E.; JONAS, A.; ROTHSTEIN, A. M. Ensinar a pensar. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1972. 441 p.
39. ROGERS, C. R.; STEVENS, B. De pessoa para pessoa: o problema do ser humano, uma nova tendência na psicologia. Tradução de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. 328 p.
40. SELLTIZ, C. Métodos de pesquisa nas relações sociais. Tradução de

- Dante Moreira Leite. São Paulo: Herder, 1967. 687 p. (Coleção Ciências do Comportamento).
41. SINGER, J. L. O controle da agressão e da violência: fatores cognitivos e fisiológicos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1975.
 42. SLUCKIN, W. Estampagem e aprendizagem inicial. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
 43. SOMMER, R. Espaço pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, 1973. 220 p.
 44. SZASZ, T. A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental. 3. ed. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976. 408 p. (Psyche).
 45. TUMIN, M. M. Estratificação social. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1970. 165 p.
 46. VERNON, M. D. Percepção e experiência. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Perspectiva, 1974.
 47. WINGO, G. M.; MORSE, W. C. (orgs.). Leituras em psicologia educacional. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Nacional, 1968. 614 p. (Atualidades Pedagógicas, 93).
 48. WEICK, K. E. A psicologia social da organização. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 120 p.
 49. ZIMBARDO, P.; EBBESEN, E. B. Influência em atitudes e modificação do comportamento. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. 163 p.

Anexo IV – Lista com os seis livros didáticos examinados

Fonte: LEITE, D. M. Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. In: LEITE, R. M. (org.). Psicologia diferencial e Estudos em educação. São Paulo: Editora UNESP. 2008a [1950a], pp. 171-207.

1. KÖPKE, J. *Segundo livro de lições morais e instrutivas*. 69ª edição, revista pelo autor e adaptada ao Curso Sistemático da Língua Materna; Coleção JOÃO KÖPKE, Francisco Alves, 1935.
2. _____. *Terceiro livro de lições morais e instrutivas*. 18ª edição, revista pelo autor e adaptada ao Curso Sistemático da Língua Materna; Coleção JOÃO KÖPKE, Francisco Alves, 1910.
3. BARRETO, A. de O., PUIGGARI, R. *Terceiro livro de leitura*. 7ª edição, modificada e ampliada por Arnaldo de Oliveira Barreto, Francisco Alves, 1911.
4. FLEURY, L. G. *Meninice*. 16ª edição, Companhia Editora Nacional, 1939.
5. PAIVA, I. S. *Alma do meu país*. Salles Oliveira e Cia. Ltda, s./d.
6. WAGNER, L. A. *Nosso Brasil*. 19ª edição, Companhia Editora Nacional, s./d.